



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS



**ESTUDO ETNOBOTÂNICO NAS PROPRIEDADES
ESTABELECIDAS NA REGIÃO DE NASCENTES DE ÁGUA DO
ASSENTAMENTO LARANJEIRA I, CÁCERES, MATO GROSSO**

THAÍS MARTINS DOS SANTOS

Dissertação apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais para obtenção do título de Mestre.

**CÁCERES
MATO GROSSO, BRASIL
2015**

THAÍS MARTINS DOS SANTOS

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO NAS PROPRIEDADES
ESTABELECIDAS NA REGIÃO DE NASCENTES DE ÁGUA DO
ASSENTAMENTO LARANJEIRA I, CÁCERES, MATO GROSSO**

Dissertação apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Antonia Carniello

**CÁCERES
MATO GROSSO, BRASIL
2015**

THAÍS MARTINS DOS SANTOS

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO NAS PROPRIEDADES
ESTABELECIDAS NA REGIÃO DE NASCENTES DE ÁGUA DO
ASSENTAMENTO LARANJEIRA I, CÁCERES, MATO GROSSO**

Essa dissertação foi julgada e aprovada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Cáceres, 05 de março de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Antonia Carniello
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT
(Orientadora)

Profa. Dra. Maria Christina de Mello Amorozo
Universidade Estadual Paulista – UNESP

Prof. Dr. Aumeri Carlos Bampi
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Prof. Dr. Germano Guarim Neto
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

**CÁCERES
MATO GROSSO, BRASIL
2015**

DEDICATÓRIA

*Aos moradores do Assentamento Laranjeira I,
À minha avó Anelita Bomfim (In memoriam),
Aos meus pais.*

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Ambientais da Universidade do Estado de Mato Grosso.

À CAPES, pela concessão da bolsa de mestrado.

Ao Ministério do Meio Ambiente pelo financiamento do projeto de pesquisa “Recuperação das nascentes e fragmentos de mata ciliar do córrego do Assentamento Laranjeira I e mobilização para conservação dos recursos hídricos no Pantanal Matogrossense”, sem o qual essa pesquisa não teria sido realizada.

À Profa. Dra. Solange Ikeda, coordenadora do Projeto Laranjeiras pela confiança depositada na execução da pesquisa.

À Profa. Dra. Maria Antonia Carniello pela orientação e dedicação à esta pesquisa, e ainda pela imensurável contribuição na minha formação enquanto pesquisadora.

Aos professores que gentilmente aceitaram compor a banca de qualificação e de defesa deste estudo. Muito grata pelas valiosas contribuições para a elaboração do produto final da dissertação.

Aos moradores do Assentamento Laranjeira I, pela confiança, hospitalidade e amizade dedicados durante a trajetória desta pesquisa. O meu imensurável muito obrigada.

Aos companheiros do Herbário do Pantanal (HPAN), Josiane, Micael, Marcos, Wesley, Silvana, Thaís Coelho, Cleidiane e Paulo Cipó, pelo auxílio durante as coletas em campo, preparação do material botânico no laboratório e ainda pelos momentos de descontração que tornaram este processo mais agradável.

Em especial, a minha colega de campo de todas as horas Josiane, pela amizade e pelos ensinamentos “botânicos” durante o período em que trabalhamos juntas. E ao Micael, cara guerreiro que sempre se dispôs a me ajudar nas coletas de campo, encarando sol e as andanças de bicicleta pelo Assentamento Laranjeira I.

À minha amiga e colega de quarto Gabriela, por tornar os 24 meses deste mestrado mais leves e divertidos. A sua amizade já fez este mestrado valer muito a pena.

Aos meus pais Porfírio Júnior e Cláudia, meus guerreiros pessoas nas quais me espelho para ser uma pessoa cada vez melhor, vocês são o meu porto seguro, muito obrigada pelo apoio e grande incentivo em mais esta etapa da minha vida, sem vocês eu não teria chegado até aqui.

Aos meus irmãozinhos Gabriel e Fábio por proporcionar o afeto e amor entre irmãos.

Aos meus tios Livia e Celso Vargas pelo apoio incondicional em alguns momentos.

Ao meu namorado Hélvio, pela paciência, compreensão, amor e amizade dedicados, e pelos serviços prestados como engenheiro civil para o cálculo das áreas dos quintais deste estudo.

À todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização desta pesquisa e na construção da minha formação profissional e pessoal.

À Deus, grande arquiteto do universo pela proteção divina sobre todos os meus passos.

Muito grata!

ÍNDICE

LISTA DE TABELAS	9
LISTA DE FIGURAS	10
RESUMO	13
ABSTRACT	14
INTRODUÇÃO GERAL	15
CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO: LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO SOCIAL	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24
Capítulo I. O Povo e sua relação com o uso e ocupação da terra: perfil socioeconômico e cultural dos moradores do Assentamento Laranjeira I, Cáceres, Mato Grosso, Brasil	27
Resumo	28
Abstract	29
1. Introdução	30
2. Metodologia	32
2.1 Procedimentos metodológicos de coleta e análise dos dados.....	32
3. Resultados e Discussão	35
3.1 Caracterização geral da população estudada.....	35
3.1.1 Origem e itinerário	35
3.1.2 Gênero e faixa etária	38
3.1.3 Nível de escolaridade.....	42
3.1.4 Religiosidade	45
3.1.5 Tempo de residência e densidade humana domiciliar.....	47
3.1.6 Fontes de sustento e renda	48
3.1.7 A propriedade: infraestrutura e condições sanitárias.....	53
3.2 A questão da água: acesso e utilização pela população	57
3.3 Unidades de paisagem presentes nas propriedades.....	67
3.3.1 O Quintal.....	69
3.3.2 A Roça.....	72
3.3.3 A Pastagem	77
3.3.4 A Mata e o Pantanal	79
3.4 Mobilidade espacial das famílias no assentamento.....	81
3.5 Formação de comunidades e condomínios familiares.....	85
4. Considerações finais	93
5. Referências bibliográficas	97

Capítulo II. Um enfoque sobre a diversidade vegetal e cultural associadas: a etnobotânica nos quintais rurais e espaços adjacentes das propriedades do Assentamento Laranjeira I	103
Resumo	104
Abstract	105
1. Introdução	106
2. Metodologia	108
2.1 Procedimentos metodológicos de coleta e análise dos dados	108
3. Resultados e discussão	111
3.1 Análise do componente vegetal e cultural associado	111
3.2 A influência do perfil dos sujeitos na riqueza de espécies conhecidas e utilizadas	124
3.3 Similaridade florística estabelecida entre os lotes	127
3.4 Diversidade vegetal nativa das áreas de nascentes presentes nos quintais	129
4. Considerações finais	133
5. Referências bibliográficas	136
CONSIDERAÇÕES GERAIS	140
APÊNDICES	144
APÊNDICE A.	144
APÊNDICE B.	Erro! Indicador não definido.
APÊNDICE C.	147

LISTA DE TABELAS

Capítulo I. O Povo e sua relação com o uso e ocupação da terra: perfil socioeconômico e cultural dos moradores do Assentamento Laranjeira I, Cáceres, Mato Grosso, Brasil

Tabela 1. Distribuição do número de sujeitos envolvidos na pesquisa pelos Estados brasileiros em que já viveram (itinerário), 2013-2014. Legenda: FA: Frequência Absoluta; FR%: Frequência Relativa..... 37

Tabela 2. Número de propriedades de acordo com a presença ou ausência de filhos no Assentamento Laranjeira I, 2013-2014. 40

Tabela 3. Dados de infraestrutura e condições sanitárias referentes aos domicílios do Assentamento Laranjeira I, 2013-2014..... 55

Tabela 4. Obtenção, armazenamento e acesso à água e suas diferentes formas de uso nos domicílios amostrados, de acordo com as regiões em que estão estabelecidos, Assentamento Laranjeira I, 2013- 2014..... 65

Tabela 5. Práticas de manejo adotadas com orientação na lua pelos moradores do Assentamento Laranjeira I, 2013-2014..... 76

Capítulo II. Um enfoque sobre a diversidade vegetal e cultural associadas: a etnobotânica nos quintais rurais e espaços adjacentes das propriedades do Assentamento Laranjeira I

Tabela 1. Ranking das espécies mais citadas (acima de 50%) pelos sujeitos envolvidos na pesquisa. DL: Denominação local das plantas; CU: Categoria de uso; OR: Origem; FR%/cit.: FR das citações. a: alimentar humana; b: alimentar animal; r: remédio; s: sombra; g: uso veterinário; c: comércio; y: outras finalidades; in: introduzida; na: nativa 117

Tabela 2. Lista de espécies nativas presentes nas unidades de paisagem natural (nascentes e mata de galeria) do Assentamento Laranjeira I. HO: Hábito; N^o.Cit.: Número de citações. NI: Não identificadas; Indet.: indeterminadas. Coletores: Carniello et al. 2013 e 2014..... 128

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Localização do Assentamento Laranjeira I e das nascentes de água doce, 2013-2014. 20

Figura 2. Estabelecimentos existentes na sede do Assentamento Laranjeira I e forma de acesso à BR 070..... 23

Capítulo I. O Povo e sua relação com o uso e ocupação da terra: perfil socioeconômico e cultural dos moradores do Assentamento Laranjeira I, Cáceres, Mato Grosso, Brasil

Figura 1. Estado/país de origem dos moradores entrevistados do Assentamento Laranjeira I, 2013- 2014. Legenda: AL: Alagoas; BA: Bahia; CE: Ceará; GO: Goiás; MG: Minas Gerais; MS: Mato Grosso do Sul; MT: Mato Grosso; PE: Pernambuco; PI: Piauí; PR: Paraná; RS: Rio Grande do Sul; SP: São Paulo; PAR: Paraguai.....35

Figura 2. Municípios matogrossenses resididos durante o itinerário dos moradores do assentamento Laranjeira I, 2013-2014.....38

Figura 3. Faixa etária dos moradores entrevistados do Assentamento Laranjeira I, 2013-2014. 39

Figura 4. Atividades em que as crianças compartilham com os adultos e o exercício espontâneo de afazeres cotidianos..... 42

Figura 5. Nível de escolaridade dos sujeitos envolvidos na pesquisa, Assentamento Laranjeira I, 2013-2014..... 43

Figura 6. Cerimônia em homenagem a Nossa Senhora Aparecida, Assentamento Laranjeira I, 12 de outubro de 2013.....46

Figura 7. Altar em homenagem a Nossa Senhora Aparecida. Assentamento Laranjeira I, 2013... .. 46

Figura 8. Tempo de residência (anos) dos sujeitos envolvidos na pesquisa no Assentamento Laranjeira I, 2013-2014..... 47

Figura 9. Fontes de renda e sustento dos sujeitos envolvidos na pesquisa, Assentamento Laranjeira I, 2013-2014..... 49

Figura 10. Pecuária de gado leiteiro e de corte e agricultura de subsistência, principais fontes de renda e sustento do Assentamento Laranjeira I, 2013-2014... 54

Figura 11. Infraestrutura dos domicílios pesquisados no Assentamento Laranjeira I, 2013-2014... 58

Figura 12. Distribuição dos lotes amostrados de acordo com a proximidade e associação às nascentes de água do assentamento e dos cursos d'água formados. Assentamento Laranjeira I, 2013-2014... 60

Figura 13. Fontes e arranjos de obtenção da água nos domicílios pesquisados no Assentamento Laranjeira I, 2013-2014... 68

Figura 14. Unidades de paisagem presentes nas propriedades pesquisadas no Assentamento Laranjeira I... 82

Figura 15. Formação de comunidades familiares no Assentamento Laranjeira I, 2013-2014... 86

Figura 16. Formação de condomínios familiares no Assentamento Laranjeira I, 2013-2014... 90

Figura 17. Formação de roças coletivas pelas comunidades e condomínios familiares do Assentamento Laranjeira I, Cáceres, Mato Grosso, Brasil, 2014... 92

Capítulo II. Um enfoque sobre a diversidade vegetal e cultural associadas: a etnobotânica nos quintais rurais e espaços adjacentes das propriedades do Assentamento Laranjeira I

Figura 1. Famílias botânicas de maior ocorrência entre as plantas registradas, nos lotes do Assentamento Laranjeira I, Cáceres, Mato Grosso, 2013-2014... 111

Figura 2. Categorias de uso das plantas registradas no Assentamento Laranjeira I, 2013-2014... 112

Figura 3. Origem das plantas registradas e identificadas em nível de espécie e gênero em todo o lote e exclusivamente nos quintais, Assentamento Laranjeira I, 2013-2014..... 116

Figura 4. Classificação do hábito das plantas no lote e exclusivamente no quintal de acordo com o número de plantas..... 122

Figura 5. Linha de tendência da riqueza de espécies em função do tempo de residência e dimensão territorial dos quintais em m² dos moradores do Assentamento Laranjeira I, 2013-2014..... 126

Figura 6. Análise de Agrupamento (Cluster) com base no coeficiente de distância (similaridade) de Jaccard considerando a distância de 0,22 entre os 43 lotes/quintais amostrados no Assentamento Laranjeira I, 2013-2014, utilizando UPGMA (Coeficiente de correlação cofrenética = 0,6597)..... 128

SANTOS, Thaís Martins dos. **Estudo etnobotânico nas propriedades estabelecidas na região de nascentes de água do assentamento Laranjeira I, Cáceres, Mato Grosso**. Cáceres: UNEMAT, 2015. 163 p. (Dissertação – Mestrado em Ciências Ambientais)¹.

RESUMO

Este estudo foi realizado no Assentamento Laranjeira I, um assentamento rural de reforma agrária, localizado no município de Cáceres e situado geograficamente em área de transição de Cerrado e Pantanal. Este assentamento possui nascentes de água importantes para o abastecimento hídrico das propriedades e da Baía Grande do Pantanal, portanto são fundamentais na manutenção do equilíbrio ecossistêmico local. Esta dissertação, meta do projeto “Recuperação das nascentes e fragmentos de mata ciliar do córrego do Assentamento Laranjeira I e mobilização para conservação dos recursos hídricos no Pantanal Matogrossense”, teve como objetivo registrar o conhecimento da população em relação ao componente vegetal conhecido, utilizado e presente nas unidades de paisagem, fossem elas antropizadas ou naturais, que compunham as propriedades. Enfocou-se os quintais e as áreas adjacentes como fontes fornecedoras do componente vegetal. Este estudo de abordagem qualitativa e quantitativa utilizou para a coleta de dados métodos antropológicos tais como questionário estruturado, observação participante, registros em diário de campo, trilhas orientadas e lista livre. Também foram adotadas análises estatísticas bivariadas e multivariadas para testar as hipóteses obtidas ao longo da pesquisa. Os 43 lotes envolvidos na pesquisa correspondem a 34% do total de domicílios do assentamento que somam 125 lotes. Foram envolvidos neste estudo os lotes próximos às áreas de nascentes e cursos de água provenientes das mesmas. A população local é formada por matogrossenses e migrantes de diferentes regiões brasileiras tais como Nordeste, Sudeste e Sul, com destaque para as duas primeiras regiões. Esta é uma característica dos assentamentos rurais compostos em sua maioria por populações migrantes de diferentes origens e culturas. Esta população possui forte vínculo com a terra e o ambiente natural que os envolve, e na maioria das propriedades evidenciou-se que a terra é vista como fonte de produção para a subsistência e parcialmente como fonte de renda. Grande parte dos moradores possuem espaços de cultivo voltados para a subsistência, no entanto, a pecuária de gado leiteiro é uma fonte de obtenção de renda característica dessa população, visto que 72% dos moradores desenvolvem esta prática. A população mantém cultivadas em suas propriedades espécies nativas e exóticas de outras regiões, praticamente na mesma proporção. O material botânico indicado compreende um acervo de aproximadamente 422 amostras botânicas correspondentes a 352 táxons pertencentes a 84 famílias com 322 espécies, 20 gêneros, seis identificadas em nível de família e quatro indeterminadas. As famílias botânicas de maior destaque foram a família Fabaceae (29), Lamiaceae (19) e Asteraceae (17). Os resultados obtidos indicam que o conhecimento sobre a vegetação introduzida e nativa está sendo disseminado entre a população por meio dos núcleos familiares e laços de vizinhança, e ainda que o quintal é o maior fornecedor do componente vegetal com 298 táxons. Aos poucos estes moradores estão criando identidade com o local e a sua vegetação, conhecendo e utilizando dos recursos naturais para fins de seu interesse e isso pode induzir à sua conservação.

Palavras-chave: Assentamento rural, Etnobotânica, Componente vegetal, Pantanal, Cerrado.

¹Orientadora – Dra. Maria Antonia Carniello, UNEMAT.

SANTOS, Thaís Martins dos. **Ethnobotanical study in properties in fixing water springs region in Laranjeira I settlement, Cáceres, Mato Grosso.** Cáceres: UNEMAT, 2015. 163 p. (Dissertation – Master in Environment Science)².

ABSTRACT

This study was realized in Laranjeira I Settlement a rural settlement of land reform located in the city of Cáceres and geographically situated in the Cerrado and Pantanal transition area. This settlement has important water sources for the water supply of the properties and the Baía Grande of Pantanal. So are important in maintaining local ecosystem balance. This study goal of project "Rehabilitation of springs and stream riparian forest fragments of Laranjeira I Settlement and mobilization for water resources conservation in the Pantanal" aimed to register the population knowledge in relation to known plant component used and present in the landscape units natural or anthropic that made up the properties. Focused home gardens and the surrounding areas as source vegetable component. This qualitative and quantitative study used to data collect anthropological methods such as structured questionnaire, participant observation, records in field diary, guided trails and free list. Were also adopted bivariate and multivariate statistics analyzes to test hypotheses obtained during the research. The 43 lots involved in research correspond to 34% of total households of settlement totaling 125 lots. Were involved in this study lots near the springs areas and water courses from them. The local population are matogrossenses and migrants from different regions Brazilian such as the Northeast, Southeast and South especially two regions first. This is a feature of rural settlements mostly by migrants from different origins and cultures. This population has a strong bond with land and the natural environment surrounding them and most of the properties showed that the land is seen like a subsistence production and partly as an income source. The mostly residents have growing spaces dedicated to subsistence however the dairy cattle is a source income obtaining characteristics this population since 72% of residents develop this practice. The population keeps grown native and exotic species in their properties in the same proportion. The botanic material comprises a collection of some 422 botanical samples corresponding to 352 taxa belonging to 84 families with 322 species 20 genera six unidentified the family level and four indeterminate. The most prominent family's plant were Fabaceae (29) Lamiaceae (19) and Asteraceae (17). The results indicate knowledge native and exotic vegetation is being disseminated among population through households and neighborhood ties and that the home garden is the largest vegetable component supplier with 298 taxa. Gradually these residents are creating identity with the site and vegetation knowing and using natural resources for purposes your interest and it can induce conservation.

Keywords: Rural Settlement, Ethnobotany, Vegetable component, Pantanal, Cerrado.

² Major Professor: Dra. Maria Antonia Carniello, UNEMAT.

INTRODUÇÃO GERAL

Dentre os vários tipos de estudos do etnoconhecimento estão os trabalhos etnobiológicos, importantes pela sua contribuição para a conservação da diversidade biológica e cultural, uma vez que, estudam as interações do homem com a natureza, dentro de um sistema de uso e de representações próprias (POSEY, 1986). Estes tipos de estudos evidenciam ainda, o papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes, estando diretamente vinculados a ecologia humana, mas enfatizam as categorias e conceitos cognitivos utilizados pelos povos em estudo (POSEY, 1986).

Dentre os estudos etnobiológicos, a ciência etnobotânica tem se destacado no âmbito científico devido a associação estabelecida entre conhecimento popular e ciência propriamente dita (FRANCO; LAMANO-FERREIRA; FERREIRA, 2011). Para Barrera (1979), os estudos etnobotânicos vão além da investigação botânica, uma vez que possuem objetivos que se concentram num ponto fundamental que é o significado ou o valor cultural das plantas para uma determinada comunidade.

Os estudos etnobotânicos são fundamentais, uma vez que possibilitam o resgate do saber botânico tradicional, particularmente relacionado ao uso dos recursos da flora (AMOROZO, 1996; BEGOSSI, 1998) e a preservação dos conhecimentos populares das comunidades envolvidas (GARLET; IRGANG, 2001). Os dados obtidos através deste tipo de estudo permitem identificar a existência de impactos sobre a biodiversidade (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002).

A partir da investigação das relações de comunidades humanas com as plantas do seu meio pode-se considerar que nas sociedades atuais o quintal, seja ele urbano ou rural, é o espaço mais próximo em que essas populações plantam, manejam, criam animais, desenvolvem atividades de lazer, religiosas e de trabalho cotidiano (PEDROGA; CARNIELLO, 2008), e portanto, trata-se de um espaço rico de informações sobre o conhecimento da flora pelo homem. O quintal não é apenas uma mera porção de terreno, trata-se de um espaço social

e cultural, no qual as famílias mantêm uma grande diversidade de plantas, fazendo uso delas de forma sustentável e garantindo assim a sua preservação (GUARIM NETO; NOVAIS, 2008). Para Martin (1995), além de importante reserva de plantas alimentícias, medicinais, ornamentais e para outros fins, os quintais também representam uma rica fonte de informações etnobotânicas. Amorozo (2013) afirma que o aproveitamento dos quintais com vistas à conservação é importante, porque existem espécies que são cultivadas apenas nestes locais.

Segundo Amaral e Guarim Neto (2008) pouca atenção científica tem sido dada ao espaço do quintal, mesmo sendo este umas das formas mais antigas de manejo da terra, o que indica só por este fato sua sustentabilidade e que tem provido e sustentado muitas famílias a partir do cultivo e produção de uma variedade de espécies vegetais utilizadas para a subsistência. Nair e Krishnankutty (1984), afirmam que o desaparecimento dos quintais não implicaria somente na perda de um sistema ecologicamente estável geneticamente rico, como também na perda da valiosa herança cultural associada a ele.

No Brasil, a tradição das famílias rurais em cultivar suas plantas, multiplicá-las via sementes, armazenando-as em suas propriedades e intercambiando-as com os vizinhos tem-se consolidado ao longo das décadas (LYRA et al., 2011). Este intercâmbio contribui para a manutenção das relações da vizinhança e parentesco na medida em que fornecem elementos que circulam juntamente com as informações sobre seus empregos e significados, mantendo as tradições locais e disseminação do germoplasma de interesse para a população (AMOROZO, 2002). Este hábito enfatiza as práticas de conservação da diversidade agrícola, tais como coleta, caracterização e adaptação de germoplasma das variedades locais (ALMEIDA; CORDEIRO, 2002).

No meio rural o quintal ou sítio representa um subsistema de uso da terra do sistema agrícola, que envolve o manejo de árvores, arbustos e ervas de usos múltiplos, intimamente associados a cultivos agrícolas anuais e perenes e animais domésticos de pequeno porte (MARTINS, 1998). No entanto, a conservação da agrobiodiversidade por pequenos agricultores está diretamente

associada e dependente das motivações que alimentam o mesmo, incluindo razões de sobrevivência, questões culturais ou maximização de rendimentos financeiros (AMOROZO, 2012).

A maioria dos estudos etnobotânicos fazem interface ao desenvolvimento de pesquisas que enfatizam o conhecimento de populações tradicionais indígenas e não indígenas sobre a flora, e o modo como estas populações utilizam os recursos vegetais em suas atividades cotidianas. Entretanto, é importante considerar que populações não tradicionais, tal como, populações de assentamentos rurais, possuem conhecimentos relevantes sobre uso e manejo da vegetação, necessitando por sua vez, do olhar etnobotânico para o estudo dos conhecimentos e saberes associados a estas populações.

Amorozo (2012) afirma que os assentamentos rurais são espaços nos quais estão inseridos agricultores de procedências e experiências de vida diferentes. Esta afirmação revela a miscigenação cultural e de formas divergentes de manejo das práticas agrícolas e ambientais em uma só região.

Conforme Cunha, Almeida e Raquel (2002), a maioria dos assentamentos situam-se em terras desgastadas, de má qualidade para fins agrícolas, consideradas áreas improdutivas, sem a mínima infraestrutura, ou lotes em áreas de mata fechada com péssima acessibilidade, além dos constrangimentos das leis ambientais, são realidades com que convivem os migrantes que ainda hoje optam pela vida no campo em especial no estado de Mato Grosso.

No entanto, afirma-se ainda a importância dos assentamentos rurais de reforma agrária, em grande parte, do Movimento Sem-terra (MST), pois conforme descrito por Porto-Gonçalves (2005) o grande número de pessoas que encontram acesso à terra nesses assentamentos vem contribuindo para não engordar as dramáticas cifras de desemprego nas cidades, não por falta de dinamismo da economia mas, ao contrário, pelo novo dinamismo derivado da revolução nas relações sociais e de poder por meio da tecnologia.

Com base no contexto apresentado, evidencia-se a importância da realização de estudos etnobotânicos com populações de assentamentos rurais, visando o levantamento de aspectos sociodemográficos, econômicos e culturais, bem como das formas de manejo envolvidas no cultivo de espécies vegetais nos

espaços antropizados das propriedades (quintais, roças e pastagem) com enfoque no quintal, visto que este é um espaço utilizado amplamente para a produção de plantas importantes à subsistência de muitas famílias e ainda banco de germoplasma de espécies vegetais distintas. É necessário que sejam verificadas e compreendidas a relação dos assentados com o meio natural que os cerca, o modo como esta população conhece, utiliza e maneja os serviços ecossistêmicos disponíveis, as redes sociais estabelecidas e o contexto cultural que envolve este povo. O levantamento de tais dados possibilita identificar se estão sendo desenvolvidas ações com vistas a conservação da diversidade biológica e cultural.

Os resultados do presente trabalho, completo, constituem dois capítulos os quais estão apresentados a seguir.

No capítulo um “O Povo e sua relação com o uso e ocupação da terra: perfil socioeconômico e cultural dos moradores do Assentamento Laranjeira I, Cáceres, Mato Grosso, Brasil”, o objetivo foi descrever o processo de uso e ocupação da terra, o perfil socioeconômico e cultural de modo a compreender a dinâmica social interna, bem como, a relação com o meio ambiente presente na vida da população estudada.

No capítulo dois “Um enfoque sobre a diversidade vegetal e cultural associadas: a etnobotânica nos quintais rurais e espaços adjacentes das propriedades do Assentamento Laranjeira I” o objetivo foi registrar as categorias de uso atribuídas ao componente vegetal presentes nos quintais e nas áreas adjacentes, bem como, analisar a relação deste componente com o perfil dos sujeitos da pesquisa e com a vegetação nativa presente nas unidades de paisagem naturais (matas de galeria de nascentes de água), de modo a verificar se o quintal se constitui como um espaço de conservação da diversidade biológica e cultural associada.

CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO: LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO SOCIAL

O presente trabalho foi realizado no Assentamento Rural Laranjeira I, pertencente ao município de Cáceres, Mato Grosso, localizado a 80km de

distância da sede do município, sob as coordenadas geográficas 57°33'41,83' Oeste e 16°34'04,10" Sul. Este é um assentamento instituído pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), com data de criação em 24 de fevereiro de 1997, com área total de 10.944 hectares e 125 famílias assentadas (BRASIL, 2014a).

A área possui características fitofisionômicas de Cerrado estabelecido sobre afloramento rochoso com formação serrana (Formação Serra das Araras) e interligada a planície alagada do Pantanal matogrossense (CASTRILLON et al., 2012). Conforme Abdon e Silva (1998), os municípios de Cáceres, Barão de Melgaço, Itiquira, Lambari D'Oeste, Nossa Senhora do Livramento, Poconé e Santo Antonio do Leverger, constituem a região do Pantanal Norte do Estado de Mato Grosso.

A cerca de 7 Km da sede do assentamento, em linha reta, está localizada a Baía Grande do Pantanal, denominada pela população do assentamento de "Lagoa do Pantanal". Esta, possui conexão direta com o Pantanal do município de Poconé (KREITLOW et al., 2013). No território do assentamento afloram diversas nascentes e cursos d'água importantes que deságuam no Pantanal. São fundamentais para garantir o abastecimento hídrico e qualidade de vida dos moradores locais (Figura 1).

O Assentamento Laranjeira I tem 17 anos de fundação e é formado por 125 unidades familiares de pequenos produtores rurais, tendo cada lote área total de 22 a 28 hectares. Segundo os moradores, os lotes localizados mais próximos à Baía do Pantanal são mais suscetíveis ao alagamento e por isso são maiores do que os lotes de outras regiões do assentamento. Sob este aspecto, o INCRA dispõe que o tamanho e a localização de cada lote são determinados pela geografia do terreno e pelas condições produtivas que o local oferece (BRASIL, 2014a).

Conforme Leão (2014) mesmo tendo data de fundação há 17 anos, os moradores do assentamento Laranjeira I ainda não possuem a regularização dos seus lotes. Segundo a autora, apenas em 17 de agosto de 1999 é que a primeira reunião foi redigida na ata da associação do assentamento e registrada em cartório somente em 18 de junho de 2013.

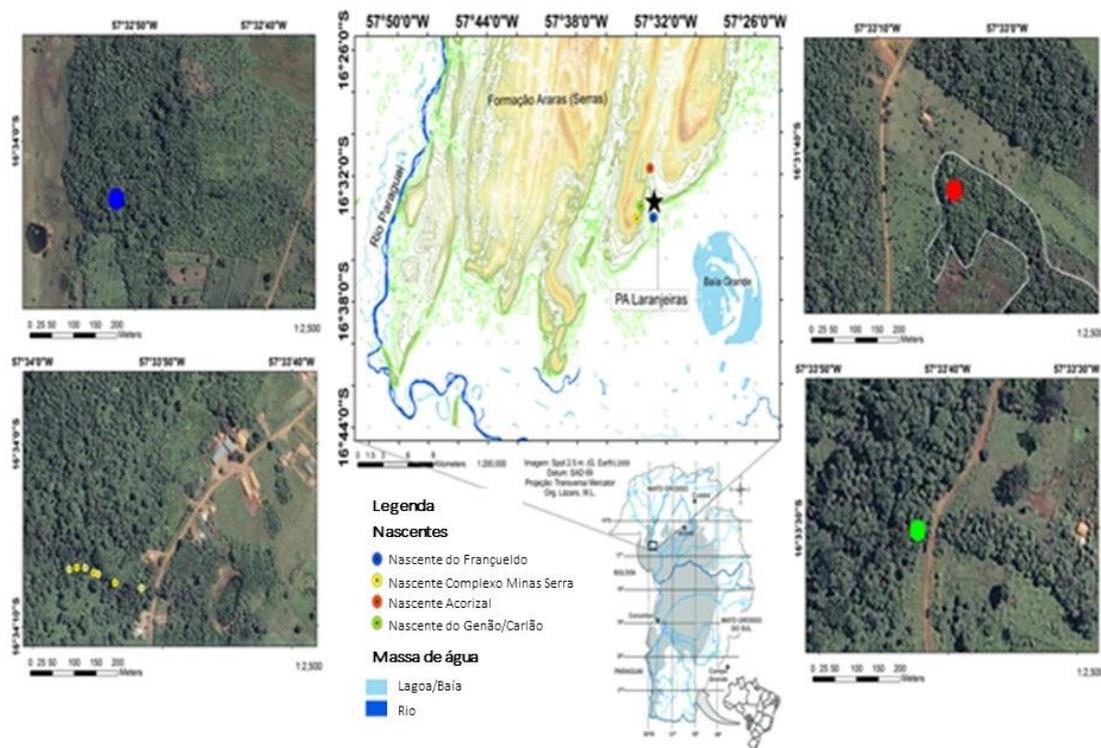


Figura 1. Localização do Assentamento Laranjeira I e das nascentes de água doce, 2013-2014. Fonte: Castrillon et al. (2012).

Atualmente, o número de famílias abrigadas é superior à capacidade que o INCRA estabeleceu na sua fundação, de 45 famílias (BRASIL, 2014a). Este número elevado de famílias além da capacidade, pode estar associado à preferência dos assentados em manter residência fixa em região com maior disponibilidade de recursos hídricos, visto que neste assentamento afloram quatro nascentes de água e formam-se córregos extensos, o que o diferencia dos demais assentamentos rurais estabelecidos nesta mesma região. Além deste fator, pode-se inferir as famílias grandes que se mantiveram acampadas em busca da obtenção da terra permaneceram juntas assentando-se no mesmo projeto de assentamento.

Os moradores que estão no assentamento desde momentos anteriores a sua fundação revelaram que a luta pela conquista da terra foi árdua. A posse do lote por alguns tem sua história marcada pela permanência em Acampamentos do Movimento Sem Terra (MST) situados no município de Cáceres, sendo eles o “Margarida Alves” (distrito Caramujo) e o Facão. Relatam que permaneceram por dois anos “debaixo de lona” (modo pelo qual se referem ao período em que

ficaram acampados). Este período é dividido entre o tempo em que permaneceram nos acampamentos (cerca de 1 ano e seis meses), até a ida para a fazenda em que seriam criados os projetos de assentamentos rurais, ainda sem a distribuição dos lotes. Os moradores afirmaram que a permanência em barracos por mais seis meses na área denominada por eles como “Fazendinha” foi uma forma encontrada de pressionar o INCRA à liberar mais rapidamente as terras. Este histórico de luta pela posse da terra no assentamento Laranjeira I, corrobora o descrito por Tsukamoto e Asari (2003), como segue:

O processo de assentamento se dá por etapas, uma vez que há muitas famílias na lista dos interessados em conquistar um pedaço de terra. Até a conquista da sua terra, há que se passar pela fase de acampamento, onde ocupam a terra improdutiva ou se instalam à margem dessa propriedade para pressionar às autoridades competentes, no caso o INCRA, na agilização da negociação e posteriormente na demarcação e distribuição dos lotes (TSUKAMOTO; ASARI, 2003, p. 485).

Este período foi marcado por luta intensa e idas até Brasília por grupos que lideravam o movimento, atualmente assentados no assentamento na área requerida. Esta persistência, a característica militante e o anseio pelo mesmo objetivo das pessoas envolvidas no MST, são fatores que tornam este movimento de reforma agrária mais importante do país para a conquista da terra. Segundo Buth e Corrêa (2006), o acesso à terra pelos assentados rurais, indica a reterritorialização do espaço, de modo a reproduzir e recriar neste espaço o estabelecimento de novos elementos, perspectivas e mudanças das relações sociais por meio do rearranjo no processo produtivo, diversificação da produção e introdução novas atividades no meio rural. As mesmas autoras afirmam ainda, sob esta perspectiva, que “o território pode ser entendido como resultado de um processo histórico da construção do espaço por agentes sociais que lhe imprimem suas características socioculturais”.

Atualmente, a sede do assentamento Laranjeira I, também denominada pelos moradores por Agrovila, abriga estabelecimentos tais como a Escola Municipal “Padre Antonio Conselheiro” (Figura 2A), comércios (bares, mercado e marcenaria) (Figura 2B, C, D) e igrejas Católicas (Figura 2F) e Evangélicas

(Figura 2E). Ainda tem-se o campo de futebol (Figura 2G) em que os jovens e adultos reúnem-se para partidas organizadas pela comunidade. Não há unidade de saúde no assentamento, o que se tem é o prédio da antiga unidade que atualmente encontra-se inativado. Quando os assentados necessitam de atendimento básico procuram a enfermeira que presta assistência em saúde no assentamento Laranjeira II, vizinho ao I. Quando se trata de casos mais graves, tais como acidentes, os moradores recorrem aos serviços de saúde prestados na cidade de Cáceres. O acesso aos lotes é feito por estradas não pavimentadas (Figura 2H), cuja conservação depende da sazonalidade das chuvas e manutenção feita pelo poder municipal que, segundo os moradores, tem sido pouco eficiente nas vias. Por isso, a população em determinadas épocas do ano realiza mutirões para a revitalização da estrada colocando pedras para evitar que os meios de transporte, tal como o ônibus que transporta os moradores à cidade atole nas estradas.

Dos 43 moradores entrevistados 63% são assentados pelo INCRA, e 37% são moradores que adquiriram propriedades disponibilizadas pelos assentados, por meio da compra ou troca por outro bem material, geralmente casa em centro urbano. Isto revela que alguns dos critérios de direito à terra estabelecidos pelo INCRA não estão sendo integralmente atendidos. É proibida a comercialização de lotes, bem como, arrendamento, aluguel, empréstimo ou cedência da terra por particulares até que se tenha a escritura do lote (BRASIL, 2014b). Isto está descrito no Art. 21 da Lei nº 8.629 de 25 e fevereiro de 1993 que dispõe sobre a regulamentação dos dispositivos constitucionais relativos à reforma agrária:

Nos instrumentos que conferem o título de domínio ou concessão de uso, os beneficiários da reforma agrária assumirão, obrigatoriamente, o compromisso de cultivar o imóvel direta e pessoalmente, ou através de seu núcleo familiar, mesmo que através de cooperativas, e o de não ceder o seu uso a terceiros, a qualquer título, pelo prazo de 10 (dez) anos (Art. 21, Lei nº 8.629, de 25 e fevereiro de 1993).

Os assentamentos rurais de reforma agrária possuem como finalidade dispor de um imóvel rural para uma família que não possui condições econômicas de obtê-lo por outras vias, e ainda, de dar condições de moradia e

de produção familiar que garantam a segurança alimentar para uma população que até então se encontrava sob risco alimentar e social (BRASIL, 2014b).

As imagens que ilustram os dados apresentados nesta seção, estão expostas na Figura 2.

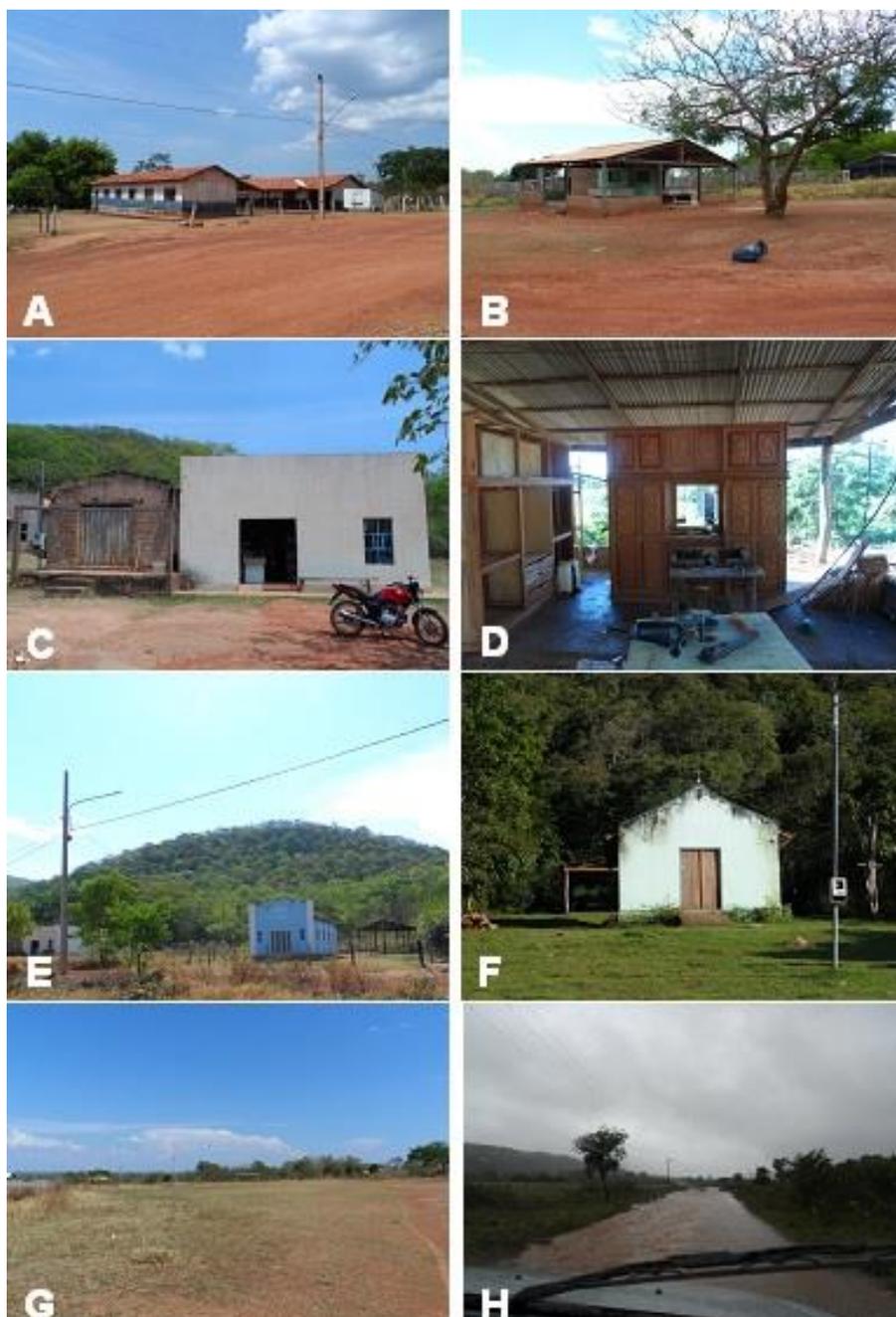


Figura 2. Estabelecimentos existentes na sede do Assentamento Laranjeira I e forma de acesso à BR 070. A. Escola Municipal "Padre Antonio Conselheiro"; B. Bar do Genão; C. Mercado do Assentamento; D. Marcenaria do Ronaldo; E. Igreja Cristã Renovada; F. Igreja Católica; G. Campo de Futebol; H. Estrada não pavimentada que liga o assentamento à BR 070 (situação em dia de chuva).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDON, M.M.; SILVA, J. V. **Delimitação do Pantanal Brasileiro e suas Sub-regiões**. Revista Pesquisa Agropecuária Brasileira, v. 33. n. especial, p.1703-11, 1998.
- ALBUQUERQUE, U. P; ANDRADE, L. H. C. **Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil)**. Acta Botanica Brasílica. 2002. 16(3): 273-285.
- ALMEIDA, P.; CORDEIRO, A. **Semente da paixão: estratégia comunitária de conservação de variedades locais no semiárido**. Rio de Janeiro, AS-PTA,2002, 72p.
- AMARAL, C.N.; GUARIM NETO, G. **Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil)**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 3, n. 3, p. 329-341, set.-dez. 2008.
- AMOROZO, M.C.M. **Abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. Plantas medicinais: arte e ciência - um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo, Ed. UNESP, 1996, p.47-68.
- AMOROZO, M.C.M. **Agricultura tradicional: espaços de resistência e o prazer de plantar**. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; ALVES, Ângelo Giuseppe; SILVA, Ana Caroline Borges; SILVA, Valdeline Atanzio (Orgs.). Atualidades em Etnobotânica e Etnoecologia. Recife: SBEE, 2002, p. 123-131.
- AMOROZO, M.C.M. **Os quintais – Funções, Importância e Futuro**. In: Quintais Mato-Grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes. GUARIM NETO, G.; CARNIELLO, M.A. (Org.). Cáceres/MT: Editora Unemat, 2008, p. 15-26.
- AMOROZO, M.C.M. **Sistemas agrícolas de pequena escala e a manutenção da agrobiodiversidade – uma revisão e contribuições**. Rio Claro, SP: Edição do autor; Botucatu: FCA – UNESP, 2013. 120p.
- BARBOSA, T.G; CARNIELLO, M.A. **Aspectos míticos relacionados às plantas encontradas nos quintais de Cáceres, MT**. In: 13º ENCONTRO DE BIÓLOGOS DO CRBIO-1, 2002, São Pedro-SP. Resumos. p.141.
- BARRERA, A. **La Etnobotânica**. In: A. BARRERA. La Etnobotanica: três pontos de vista e uma perspectiva. Xalapa, México, Instituto de Investigacion sobre Recursos Bioticos. 1979.
- BEGOSSI, A. **Etnobotânica em comunidades caiçaras. Etnobotânica: bases para a conservação**. Rio de Janeiro, EDUR, 1998, p.108-120.

BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. **Painel de assentamentos.** Mato Grosso. 2004a. Disponível em <http://painel.incra.gov.br/sistemas/index.php> Acesso em 05 de novembro de 2014.

BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. **Assentamentos.** 2014b. Disponível em <http://www.incra.gov.br/assentamento> Acesso em 04 de novembro de 2014.

BUTH, F.; CORRÊA, W.K.A. **Reconstrução do território a partir de assentamentos rurais: o caso do assentamento ramada–RS.** CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v. 1, n. 2, 2006.

CABRAL, C.D.O.; CARNIELLO, M.A. **Quintais de Cáceres: Ocorrência e utilização da vegetação remanescente em quintais urbanos.** In: Quintais Mato-Grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes. GUARIM NETO, G.; CARNIELLO, M.A. (Org.). Cáceres/MT: Editora Unemat, 2008. 172 p.

CARNIELLO, M.A.; PEDROGA, J.A. **Quintais na Fronteira Brasil-Bolívia, Comunidade de Clarinópolis.** In: Quintais Mato-Grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes. GUARIM NETO, G.; CARNIELLO, M.A. (Org.). Cáceres/MT: Editora Unemat, 2008, p. 45-62.

CASTRILLON, S.K.I. (Coord.). Relatório 1. **Recuperação das nascentes e fragmentos de mata ciliar do córrego do Assentamento Laranjeira I e mobilização para conservação dos recursos hídricos no Pantanal Matogrossense.** Cáceres, 2012.

CUNHA, J.M.P.; ALMEIDA, G.M.R.; RAQUEL, F. **Migração e transformações produtivas na fronteira: o caso do Mato Grosso.** In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, Ouro Preto. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 2002.

FRANCO, F.; LAMANO-FERREIRA, A.P.N; FERREIRA, M.L. **Etnobotânica: Aspectos históricos e aplicativos deste ciência.** Caderno de Cultura e Ciência, Ano VI, v. 10, n.2, dez, 2011, Universidade Regional do Cariri – URCA. p. 17-21.

GARLET, T.M.B.; IRGANG, B.E. **Plantas medicinais utilizadas na medicina popular por mulheres trabalhadoras rurais de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil.** Revista brasileira de plantas medicinais, v. 4, n. 1, p. 9-18, 2001.

GUARIM NETO, G.; NOVAIS, NOVAIS, A.D. **Composição Florística dos quintais da cidade de Castanheira.** In: Quintais Mato-Grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes. GUARIM NETO, G.; CARNIELLO, M.A. (Org.). Cáceres/MT: Editora Unemat, 2008. p. 27-28.

KREITLOW, J. P.; NEVES, S. M. A. da S.; NEVES, R. J.; SILVA, J. dos S. V.; NESPOLI, A. **Análise do uso da terra no assentamento Laranjeira 1 em Cáceres-MT: subsídios para a conservação água.** Cadernos de Agroecologia, v. 8, n. 2, 2013.

LEÃO, D.S. **O Programa de Educação Ambiental e Agricultura Familiar (PEAAF) no Assentamento Laranjeiras I, em região de nascentes do pantanal – Cáceres/MT.** Dissertação (Mestrado) Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, 2014. 91p.

LIMA, R.J.S. **Etnobotânica no Cerrado: um estudo no Assentamento Santa Rita, Jatí (GO).** Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí, 2013. 87 p.

LYRA, D.H.; SAMPAIO, L.S.; PEREIRA, D.A.; AMARAL, C.L.F. **Conservação onfarmda agrobiodiversidade de sítios familiares em Jequié, Bahia, Brasil.** Rev. Ceres, Viçosa, v. 58, n.1, 2011. p. 69-76.

MARTIN, G.J. **Ethnobotany – a methods manual.** Chapman & Hall, Londres, 1995, 268p.

MARTINS, L.A.U. **Quintais urbanos em Manaus:** Organização, Espaço e Recursos vegetais no Biarro Jorge Teixeira. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências do Ambiente/Universidade do Amazonas, Manaus, Amazonas, 1998, 79p.

NAIR, C.T.S.; KRISHNANKUTTY, C.N. **Socio-economic factors influencing farm forestry:** a case study of tree cropping in the homesteads in Kerala, India. *In:* Community forestry: socio-economic aspects. Bangkok, FAO/East-West Center, 1984.

PORTO-GONÇALVES, C.W.P. **A Nova Questão Agrária e a Reinvenção do Campesinato: o caso do MST.** OSAL: Observatorio Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005-). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

POSEY, D.A. **Introdução: Etnobiologia, teoria e prática.** 1986.

TSUKAMOTO, R.Y.; ASARI, A.Y. **Assentamentos rurais e agricultura familiar: processo de territorialização e perspectivas de auto-sustentação.** GEOGRAFIA (Londrina), v. 12, n. 1, p. 483-494, 2003.

Capítulo I

O Povo e sua relação com o uso e ocupação da terra:
perfil socioeconômico e cultural dos moradores do
Assentamento Laranjeira I, Cáceres, Mato Grosso, Brasil

Resumo

Os assentamentos rurais abrigam importante diversidade cultural. Estudos etnobiológicos têm contribuído nas investigações da conservação biológica e cultural destes espaços. O objetivo deste estudo foi descrever o perfil socioeconômico e cultural, o processo de uso e ocupação da terra de modo a compreender como se revelam a dinâmica social interna e a relação com o meio ambiente dos moradores do Assentamento Laranjeira I em Cáceres, Mato Grosso. Nesta área afloram nascentes e cursos d'água que deságuam no Pantanal. Neste estudo de abordagem qualitativa, utilizou-se para a coleta de dados métodos antropológicos: questionário estruturado, observação participante e diário de campo. Foram amostrados 43 lotes próximos das nascentes e cursos d'água. A coleta foi realizada de setembro de 2013 a setembro de 2014. Os dados foram analisados qualitativamente e por estatística descritiva utilizando-se o pacote Excel 2013. Dos 43 moradores 63% são assentados pelo INCRA e 37% compraram as propriedades dos assentados. Destes, 76% são migrantes de outros estados, 22% são de Mato Grosso e 2% do Paraguai. Destaca-se a presença de migrantes do Nordeste (33%) e do Sudeste (32%) do Brasil. Dos sujeitos da pesquisa 53,5% são do sexo feminino e 46,4% do masculino. A média de idade é de 51 anos, sendo as faixas etárias de maior destaque de 36 a 45 anos (21%) e 66 a 75 anos (21%), e a de menor percentual dos 16 aos 25 anos (7%). 70% permanecem no assentamento e 30% mudaram-se para a cidade. Dos que permaneceram, 54% contribuem nas atividades agropecuárias. Dos moradores 36% possuem ensino fundamental incompleto, e o percentual dos que possuem ensino médio completo é o mesmo dos não escolarizados (25% cada). Quanto a religiosidade, 65% são católicos e 35% evangélicos. Do tempo de residência no assentamento, 51% residem entre 16 e 18 anos, e 16% são moradores novos (até 5 anos). O número de pessoas por moradia variou de 1 a 9. Dentre as fontes de renda destacam-se a pecuária (67%) e a agricultura (51%). A agricultura é de subsistência, e dos lotes que desenvolvem a pecuária, 72% têm a criação de gado leiteiro. O fornecimento de energia elétrica ocorre em 100% dos domicílios. A maioria das casas é de alvenaria (65,1%); possuem fogão a gás e a lenha (65,2%); banheiro interno (86%); fossa (90,7%); queimam o lixo (83,7%); e 100% possuem água encanada. Destas 77% utilizam água de nascente; 21% exclusivamente de nascente; 33% dos córregos; 65% de outros meios de obtenção; e 14% exclusivamente de outros meios de obtenção. Dos lotes 100% possuem quintal, 84% pastagem, 56% roça, 72% vegetação nativa (mata de galeria). Constatou-se que tem ocorrido mobilidade espacial das famílias, com troca de proprietários em 19% dos lotes. Existe a formação de organizações familiares, as comunidades (4) e condomínios (3) familiares, caracterizados por relações específicas e realização de atividade agrícola conjunta. Estes assentados possuem forte identidade cultural com a vida camponesa, e a terra representa suas histórias de vida, garante a manutenção das necessidades básicas das famílias e de organização do local em busca de melhoria da infraestrutura do assentamento.

Palavras-chave: Assentamento rural, Fontes de água, Meio ambiente, Pantanal.

Abstract

The rural settlements shelter important cultural diversity. Ethnobiological studies has contributed in biological and cultural conservation investigations of these spaces. This paper objective was to describe the socioeconomic and cultural profile the land use and occupation process to understand how to reveals the internal social dynamics and environmental relationship between Settlements Laranjeira I residents Cáceres Mato Grosso Brazil. In this area emerge springs and watercourses which flow into the Pantanal. In this qualitative approach paper anthropological methods were used to collect data: structured questionnaire, participant observation and field journal. Forty-three lands were sampled near to springs and watercourses. Data collection was realized from September 2013 to September 2014. Data were analyzed qualitatively and using descriptive statistics in Software Excel 2013. Of the 43 residents, 63% were INCRA settled and 37% bought the lands of the settlers. Of these 76% are migrants from other states, 22% from Mato Grosso and 2% from Paraguay. Stand out the migrants from the Northeast (33%) and South (32%) presence. This residents 53.5% are female and 46.4% male. The average age is 51 years, and the most stood out age group 36-45 years (21%) and 66-75 years (21%), and the lowest percentage 16 and 25 (7%). 70% of residents' children remain in the settling and 30% moved to the city. Of those who remained 54% contribute in agricultural and cattle raising activities. 36% residents have not completed elementary school and the percentage of those who finished high school is the same as uneducated (25% each). As for religion 65% Catholic and 35% Evangelical. The residence time in the settlement 51% live for 16 to 18 years, and 16% are new residents (up to 5 years). The people number per household ranged from 1 to 9. Among income sources stand out the cattle raising (67%) and agriculture (51%). Agriculture is subsistence, and of those lands developing cattle raising, 72% has dairy cattle farming. The electricity supply occurs in 100% households. Most houses are brickwork (65.1%); have gas and firewood stove (65.2%); indoor bathroom (86%); fosse (90.7%); burn garbage (83.7%); and 100% have running water. Of these 77% use spring water; 21% only spring; 33% streams; 65% other means of obtaining; and 14% exclusive other methods of obtaining. The most commonly used are fresh water springs. 100% of the lands have home garden 84% pasture 56% small farm 72% native vegetation (gallery forest). It was found occurrence families spatial mobility and owners change in 19% of the lands. There is the families organizations formation, the communities (4) and condominiums (3) families, characterized by specific relations and joint agricultural activity implementation. These settlers have strong cultural identity of the peasant life, and the land is their life histories, guarantees the families basic needs and local organization for improvement of the settlements infrastructure.

Keywords: Rural Settlement, Water sources, Environment, Pantanal.

1. Introdução

Os assentamentos de reforma agrária são espaços marcados intensamente pela luta em movimentos sociais, daqueles que não têm terra mas que, de alguma forma, possuem vocação para a atividade agrícola.

A reforma agrária é definida como um processo amplo de redistribuição da propriedade da terra com vistas à transformação econômica, social e política do meio rural, com reflexos na sociedade, através da posse da terra e dos meios de produção pelos trabalhadores rurais que não a possuíam ou a possuíam em quantidade insuficiente (BRASIL, 2012).

Dos movimentos sociais existentes na luta do campesinato brasileiro, o MST é sem dúvida alguma, o principal, por apresentar organização mais sólida, de caráter nacional, soldando a possibilidade de vitória da luta dos diferentes setores que formam o heterogêneo campesinato brasileiro (OLIVEIRA, 2001). Segundo Porto-Gonçalves (2005) o MST se inscreve numa longa trajetória de lutas sociais no campo brasileiro.

Uma das principais lutas do MST é contra o latifúndio, enquanto, fonte que sustenta uma estrutura de poder extremamente desigual que, no Brasil, adquire enorme importância exatamente pela extrema concentração fundiária (PORTO-GONÇALVES, 2005). Para tanto, a palavra de ordem deste movimento é “ocupar, resistir e produzir” (BERGAMASCO, 1997).

Infelizmente, no Brasil, o desenvolvimento do novo modelo agrário/agrícola aponta para um modelo onde a monocultura que acentua a dependência do agricultor diante do complexo industrial-financeiro altamente oligopolizado aumenta a insegurança alimentar tanto dos agricultores e suas famílias, como do país como um todo (PORTO-GONÇALVES, 2004).

Entretanto, a maioria dos assentamentos rurais da reforma agrária está distribuída em terras desgastadas, de má qualidade para fins agrícolas, consideradas áreas improdutivas, sem a mínima infraestrutura, ou ainda, lotes em áreas de mata fechada com péssima acessibilidade, esta é a realidade com que convivem os migrantes que ainda hoje optam pela vida no campo em especial no estado de Mato Grosso (CUNHA; ALMEIDA; RAQUEL, 2002).

Medeiros, Sousa e Alentejano (1998), revelaram que os assentamentos constituem um verdadeiro laboratório de experiências sociais e vêm dinamizando o debate sobre as perspectivas do meio rural brasileiro e possibilidades de novas alternativas de desenvolvimento. Estes espaços também são importantes pela sua diversidade cultural, visto que abriga agricultores oriundos de diversas procedências e experiências de vida (AMOROZO, 2012).

O meio rural pode ser entendido como um espaço suporte de relações sociais específicas, que se constroem, se reproduzem ou se redefinem sobre este mesmo espaço, e para a sua compreensão é preciso considerar sua dinâmica social interna, isto é, aquela que resulta da maior ou menor intensidade e complexidade da vida local (WANDERLEY, 2000).

Atualmente o Estado de Mato Grosso possui 546 assentamentos, que somam, a área de 6.078.695,03 hectares, abrigando 83.819 famílias (BRASIL, 2014a). No município de Cáceres existem 23 assentamentos e alguns desses estão situados na borda do Pantanal (KREITLOW et al., 2013), como é o caso do Assentamento Laranjeira I, área de estudo do presente trabalho. Devido a esta localização geográfica, os mesmos autores, afirmam que há a necessidade de planejar atividades produtivas adequadas ao ordenamento territorial com enfoque socioeconômico e cultural para estas áreas.

Segundo Carvalho (2010), os estudos e debates que relacionam assentamentos rurais e a questão ambiental são recentes, mas vêm se intensificando porque nas últimas décadas, os movimentos sociais do campo aproximaram-se da “causa ambiental”, devido a motivos que vão desde a estratégia de luta política até as vantagens comparativas de uma agricultura ecológica.

Dentre os estudos que visam compreender as relações estabelecidas entre seres humanos, sociedade e ambiente nos assentamentos rurais, estão os trabalhos desenvolvidos sob a perspectiva da Etnobiologia e Etnobotânica. Segundo Posey (1986), os estudos etnobiológicos contribuem para a conservação da diversidade biológica e cultural, isto porque, revelam as interações do homem com a natureza em um sistema de uso e representações

próprias, enfatizando as categorias e conceitos cognitivos utilizados pelos povos em estudo. Sobre a ênfase atribuída a um determinado povo e o ambiente que o cerca, Begossi, Hanazaki e Silvano (2002) afirmam que é esta forma de compreensão e entendimento particularista e relativista que possibilita o esclarecimento das diferenças e heterogeneidade cultural existentes entre as populações humanas.

Investigações nesta área de conhecimento são sustentadas teórica e metodologicamente no campo da antropologia cultural (ALBUQUERQUE, 2005), que possibilita o registro tanto do perfil do povo estudado, quanto do conhecimento sobre o ambiente sobre o qual agem no seu cotidiano.

Este estudo constitui uma meta derivada do Projeto “Recuperação das nascentes e fragmentos de mata ciliar do córrego do Assentamento Laranjeira I e mobilização para conservação dos recursos hídricos no Pantanal Matogrossense”, também comumente denominado de Projeto Laranjeiras, cujo objetivo foi descrever o perfil socioeconômico e cultural, o processo de uso e ocupação da terra, de modo a compreender como se revelam a dinâmica social interna e a relação com o meio ambiente dos moradores do Assentamento Laranjeira I.

2. Metodologia

2.1 Procedimentos metodológicos de coleta e análise dos dados

Neste estudo foi adotada a abordagem qualitativa, conforme proposição de Ludke e André (1986). Estas autoras afirmam que esta abordagem metodológica consiste na explicação da realidade, utilizando-se de relatos de observação, transcrições de entrevistas, análises documentais e informações diárias disponíveis, na tentativa de identificar tendências e padrões relevantes ao fenômeno estudado de forma que seja possível situar várias descobertas e formular teorias num contexto mais amplo. As autoras afirmam ainda, que pesquisas desta natureza possibilitam ao pesquisador compreender o modo como os sujeitos veem o mundo ao seu redor e o significado que atribuem à

realidade que os cerca por meio do acompanhamento das experiências vivenciadas pelos mesmos.

Foram utilizadas como ferramentas de coleta de dados, um levantamento socioeconômico e cultural dos sujeitos envolvidos na pesquisa a partir de questionário estruturado (APÊNDICE A), método também utilizado por Amorozo (1996) em investigação com agricultores do município de Santo Antonio do Leverger. A abordagem socioeconômica do questionário foi produzida durante reuniões com participação dos integrantes do “Projeto Laranjeiras”. Bernard (1986) caracteriza como entrevista estruturada aquela que segue um roteiro de questões estruturado a partir de um questionário. Esta forma de coleta permite ao pesquisador a obtenção e controle sobre todas as repostas dos informantes, permite a categorização dos dados e possibilita a comparação entre os diferentes dados obtidos utilizando de métodos quantitativos por meio de análises estatísticas (BERNARD, 1986; MARTIN, 1995).

Também foram adotadas técnicas e métodos antropológicos, tais como, a “observação participante” e “diário de campo”, em conformidade com o proposto por autores como Bernard (1988), Martin (1995), Alexíades (1996), Amorozo (1996) e Geertz (2000), Viertler (2002), Albuquerque e Lucena (2004).

A observação participante é definida como método antropológico que possibilita compreender o modo como os sujeitos vêem o seu mundo e a forma como mantém a sua cultura (AMOROZO, 1996). O diário de campo é um instrumento que permite o registro das observações feitas e das impressões subjetivas tidas pelo pesquisador (VIERTLER, 2002). Bernard (1988) descreve que estes métodos antropológicos, são utilizados na aplicação de “Entrevista informal”, que se caracteriza por não utilizar um roteiro de questões, fundamentando-se em conversas realizadas durante as atividades de campo (observação participante) e o pesquisador deve se lembrar daquilo que lhe foi dito utilizando da memória e das suas anotações de campo (diário de campo).

Para Bernard (1986) estes métodos antropológicos são ferramentas efetivas que auxiliam na compreensão e entendimento sobre o pensamento e comportamento humano. Para isso, conforme afirmação de Alexíades (1996), o pesquisador necessita encontrar e desenvolver formas viáveis de

relacionamento com os sujeitos e deve registrar precisamente os dados culturais coletados. Geertz (2000) revela que o estudo interpretativo da cultura representa um esforço para aceitar a diversidade entre as várias maneiras que os seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las.

Para a realização deste estudo foram selecionadas 43 propriedades (lotes) para compor a amostra adotando-se como critério de inclusão aquelas estabelecidas próximas às regiões de nascentes e cursos d'água, e ainda os lotes localizados na região mais próxima à Baía Grande do Pantanal, denominada pelos moradores do assentamento por "Sete Lotes".

Precedendo a coleta de dados, foram realizadas visitas ao assentamento para o reconhecimento da área de estudo (áreas de nascente) e aproximação inicial com a população alvo do estudo. No entanto, a coleta de dados foi iniciada após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o Parecer nº 400.799 em 12 de setembro de 2013, e mediante a assinatura do Termo de Compromisso das Instituições Envolvidas no estudo e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) daqueles que concordaram em participar, conforme determinação da Resolução CNS (Conselho Nacional de Saúde) 466 de 12 de dezembro de 2012 do Ministério da Saúde.

A coleta de dados foi realizada no período de setembro de 2013 a setembro de 2014, com a realização de observação das atividades cotidianas da população local ao longo de um ano. Para tanto, foram realizadas inicialmente visitas semanais frequentes e posteriormente visitas mensais, com permanência durante finais de semana para o acompanhamento das atividades diárias dos envolvidos na pesquisa.

Os dados foram organizados em banco de dados, analisados por meio de estatística descritiva (Frequência Relativa (FR%) e Frequência Absoluta (FA)), e organizados em representações gráficas, utilizando-se o Excel 2013. Para a confecção do mapa da área de estudo com os respectivos pontos de amostragem, foi realizado o georreferenciamento em campo utilizando o GPS Garmim - Datum WGS 84. O mapa foi confeccionado por meio do programa ArcGis.

3. Resultados e Discussão

3.1 Caracterização geral da população estudada

3.1.1 Origem e itinerário

A maioria dos moradores do assentamento Laranjeira I é migrante de outros estados brasileiros (76%), enquanto 22% são matogrossenses e 2% de outra nacionalidade (Paraguai) (Figura 1). Isoladamente, os maiores fluxos são dos estados de Minas Gerais e São Paulo, ambos com 16% cada, e Ceará com 14%. Quando considerada a origem dos moradores por região do país, destaca-se a presença expressiva de migrantes das regiões Nordeste e Sudeste, totalizando respectivamente 33% e 32% dos sujeitos.

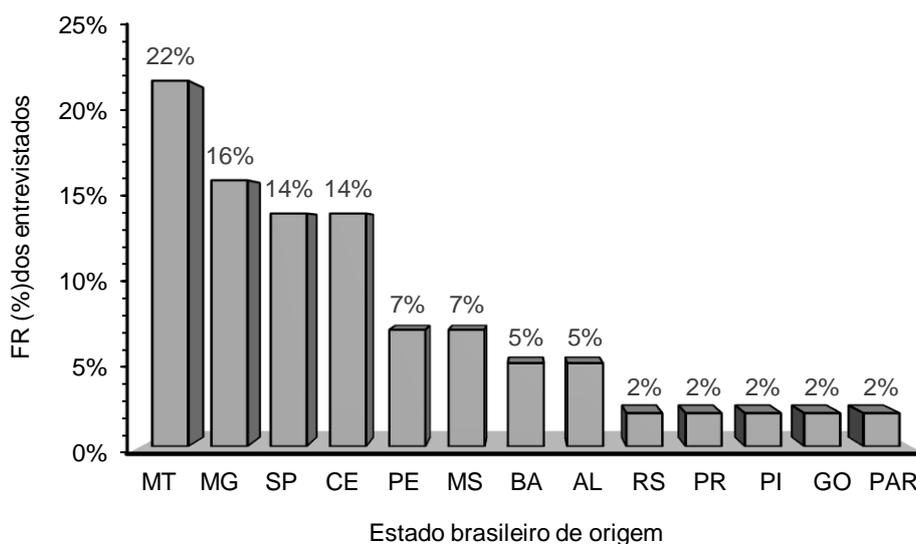


Figura 1. Estado/país de origem dos moradores entrevistados do Assentamento Laranjeira I, 2013- 2014. Legenda: AL: Alagoas; BA: Bahia; CE: Ceará; GO: Goiás; MG: Minas Gerais; MS: Mato Grosso do Sul; MT: Mato Grosso; PE: Pernambuco; PI: Piauí; PR: Paraná; RS: Rio Grande do Sul; SP: São Paulo; PAR: Paraguai.

Os moradores matogrossenses (22%; 9) residentes no assentamento são naturais de seis municípios distintos do Estado de Mato Grosso sendo Mirassol D'Oeste, Cáceres, Cuiabá, Salto do Céu, Rio Branco e Rosário Oeste. Constata-se que a maioria destes municípios estão muito próximos a Cáceres e

localizados na região sudoeste do Estado. Destes moradores nativos a maioria (4) são nativos de Cáceres, isso reverbera o desejo desses nativos de permanecerem em seu local de origem pela posse de pequenos sítios para a sobrevivência de suas famílias por meio da manutenção de práticas agrícolas de subsistência.

Estes moradores optaram pela vida agrícola no assentamento porque a maioria viveu grande parte de suas vidas no meio rural. Neste sentido, esta realidade dos moradores, pode ser descrita pelo afirmado por Lima (2013) de que é comum grande número de assentados de origem campesina que mesmo vivendo parte de suas vidas em centros urbanos mantem estreita relação e conhecimento sobre a terra e o saber ambiental.

Em seu estudo no Assentamento Monjolinho, no Estado de Mato Grosso do Sul, Cunha e Bortolotto (2011) obtiveram dados semelhantes ao deste estudo no que se refere a heterogeneidade da origem dos moradores. Estas autoras afirmaram que em face desta heterogeneidade da população, o que os une é a identidade com a terra, fazendo com que acumulem informações, através da incorporação de novos conhecimentos, por exemplo, sobre as plantas do local.

Guarim-Neto e Maciel (2008) identificaram no Assentamento Vale do Amanhecer no município de Juruena, assim como neste estudo, a presença de um morador nativo do Paraguai. No entanto, maior parte da população que reside neste assentamento é nativa da região Sul do país, contrastando com os dados obtidos no Assentamento Laranjeira I.

A partir de 1970 o programa de colonização no Brasil reforçou que as terras situadas em Mato Grosso eram consideradas espaços vazios e então, era necessária a abertura da fronteira para a ocupação do Estado (SILVA; SATO, 2012). Ainda, no período de 1995 a 1999 no governo do então Presidente Fernando Henrique Cardoso, é que se teve o “boom” da criação de novos projetos de assentamentos do INCRA no Estado de Mato Grosso, com a criação de 50 projetos de assentamento no ano de 1994, ampliado para cerca de 275 em 1999 (LAMERA; FIGUEIREDO, 2008).

Desse modo, a estes dois períodos vivenciados na história de ocupação e colonização do Estado de Mato Grosso é que se associa à vinda do maior

número de migrantes para o assentamento Laranjeira I, visto que a disponibilidade de terra então anunciada ainda nos anos 70, concretamente foi disponibilizada para a população que primava pelo direito a pequena propriedade. Portanto, as décadas de 80 e 90 foram um atrativo para a vinda dessa população que ansiava pela conquista da própria terra e pela melhora das condições de vida e o exercício do direito de plantar e colher conforme a vocação que persistiu e resistiu com o tempo.

Na Tabela 1, segue apresentada a distribuição dos moradores de acordo com o número de Estados brasileiros em que já viveram durante os seus itinerários de moradias até se estabelecerem no assentamento Laranjeira I. Constatou-se que 63% residiram em um ou dois Estados antes de chegar ao assentamento, 32% em três ou quatro Estados e uma minoria de 5% em seis ou oito Estados.

Tabela 1. Distribuição do número de sujeitos envolvidos na pesquisa pelos Estados brasileiros em que já viveram (itinerário), 2013-2014. Legenda: FA: Frequência Absoluta; FR%: Frequência Relativa.

Itinerário dos moradores por número de Estados resididos		
Nº de Estados	Número de informantes	
	FA	FR %
1 a 2	27	63%
3 a 4	14	32%
6 a 8	02	5%

Diante disso, constata-se que até o estabelecimento no assentamento Laranjeira I os moradores vivenciaram constantes mudanças ao longo de suas vidas, estabelecendo residência por vários estados brasileiros bem como em diferentes municípios no próprio Estado de Mato Grosso na busca incessante pela obtenção da pequena propriedade como demonstrado na Figura 2.

Os municípios mais resididos na trajetória itinerante desses moradores eram os localizados mais próximos a Cáceres. Dentre os municípios de maior destaque quanto ao itinerário estão Cáceres (13), Distrito Caramujo (10), Mirassol D'Oeste (8), Lambari D'Oeste e Reserva do Cabaçal ambos com 5 moradores, Curvelândia, Rio Branco, Salto do Céu, Araputanga e Cuiabá com três moradores (Figura 2).

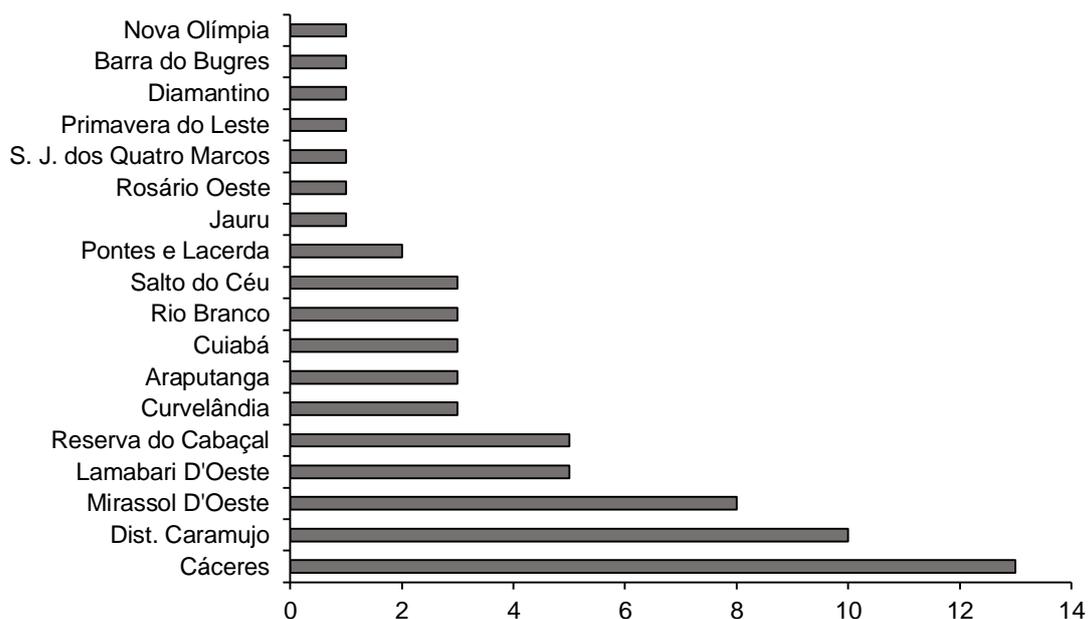


Figura 2. Municípios matogrossenses resididos durante o itinerário dos moradores do assentamento Laranjeira I, 2013-2014.

Estas informações corroboram o encontrado por Oler (2012) em seu estudo em um assentamento rural do Banco da Terra no município de Porto Estrela em Mato Grosso, e por Oliveira (2014) em dois assentamentos rurais no interior paulista, em que também foram evidenciadas as constantes migrações das populações estudadas, até se fixarem nos assentamentos, em que foram alocadas.

Esta migração exercida pelos assentados confirma o revelado por Amorozo (2013) de que por se tratarem de espaços que permitem a interação de agricultores de diferentes procedências e experiências de vida, os assentamentos rurais são, por si só, importantes áreas de convivência. Portanto, nestes locais diferentes modos de vida coabitam espacial e temporalmente nos dias atuais.

3.1.2 Gênero e faixa etária

Inicialmente constatou-se que as mulheres se envolveram mais rapidamente com a pesquisa sendo que este ocorrido deve-se as primeiras visitas terem coincidido com horários em que os homens (cônjuge) se

encontravam em atividades distantes do domicílio na propriedade. No decorrer do desenvolvimento do trabalho os homens também passaram a participar ativamente.

Dos 43 sujeitos envolvidos na pesquisa, 53,5% (23) são do sexo feminino e 46,4% (20) do masculino, dados que corroboram o constatado por Guarim-Neto e Maciel (2008). Destes, 74% são casados, 19% viúvos e 7% solteiros. A média de idade é de 51 anos, sendo que a maioria dos participantes estão entre a faixa etária de 36 aos 45 anos (21%) e 66 aos 75 anos (21%), e ainda a menor faixa etária variou dos 16 aos 25 anos (7%) (Figura 3).

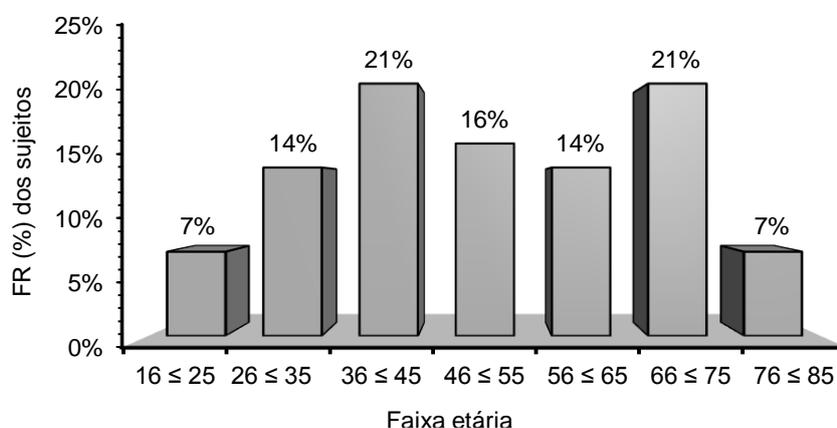


Figura 3. Faixa etária dos moradores entrevistados do Assentamento Laranjeira I, 2013-2014.

Estes dados revelam a manutenção, em maior parte, da população mais velha como principal responsável pelas propriedades rurais, no entanto, não se pode afirmar que o trabalho agrícola desenvolvido nestes espaços é de atribuição somente desta população, visto que, grande parte ainda tem seus filhos no campo. Neste assentamento, 93% dos 43 moradores entrevistados possuem filhos, sendo que, 70% destes permanecem no assentamento e os outros 30% transferiram-se para o meio urbano (Tabela 2). Dos filhos que permanecem no assentamento, 79% ainda residem na mesma propriedade com os pais, e 21% moram em outros lotes. Cerca de 54% dos filhos moradores no assentamento contribuem, de alguma forma, com os pais na “lida” do campo, desenvolvendo atividades agrícolas e pecuárias na propriedade.

Tabela 2. Número de propriedades de acordo com a presença ou ausência de filhos no Assentamento Laranjeira I, 2013-2014.

Filhos	Propriedades (FA)	Propriedades (FR%)
Possuem filhos	40/43	93%
Permanecem no assentamento	28/40	70%
Mudaram para meio urbano	12/40	30%
Nunca moraram no assentamento	4/40	10%
Filhos no assentamento	Propriedades (FA)	Propriedades (FR%)
Moram com os pais	22/28	79%
Moram em outro lote	6/28	21%
Ativos (na "lida")	15/28	54%

Oliveira (2014) em seu estudo sobre a diversidade agrícola de tubérculos, em dois assentamentos rurais no interior paulista, confirmou que em ambos estão presentes em maior número agricultores mais velhos (faixa etária de 40 a 64 anos), dado que corrobora o encontrado no presente estudo. No entanto, a autora identificou ainda que a maioria dos filhos em idade produtiva (20 a 34 anos) dos assentados não reside nos assentamentos, dado que se diferencia da realidade encontrada no assentamento Laranjeira I, uma vez que foi constatada a permanência de maior parte dos filhos (70%) no assentamento.

Marchetti (2012) identificou na comunidade Barreirinho formada por agricultores rurais tradicionais, localizada no município de Santo Antonio do Leverger em Mato Grosso, que 90% dos filhos dos moradores residem fora da comunidade, tendo como principal destino migratório os grandes centros urbanos. No mesmo estudo, o autor revela como principais motivos da evasão do campo a busca por empregos, o que gera a falta de mão de obra local para a continuidade nos trabalhos agrícolas.

Um estudo na baixada Cuiabana, também no município de Santo Antonio do Leverger com três comunidades de agricultores tradicionais (Barreirinho, Morro Grande e Varginha), constatou que os moradores mais velhos começaram a acompanhar seus pais às roças desde pequenos, em torno dos 8 a 9 anos de idade, enquanto que atualmente isto tornou-se um acontecimento raro em consequência de que os pais de crianças desta idade já não se dedicam muito à lavoura (AMOROZO, 2012b).

Quanto aos filhos que mudaram-se para o meio urbano (30%), segundo os pais entre os motivos que levaram à esta mudança estão a busca de emprego,

cursar o nível superior, qualificação profissional e posse de concurso público em outros municípios. Em concordância com os dados obtidos, Ferreira e Alves (2009) afirmaram que fatores como as oportunidades de trabalho remunerado, bem como a busca pela melhora das condições de vida são atrativos que impulsionam a mudança dos jovens para os centros urbanos. Em relação ao assentamento Laranjeira I, não pode-se inferir que estes jovens tenham se transferido para a cidade em busca de melhores condições de vida, afirma-se que estes foram em busca de outro estilo de vida e outras oportunidades motivados talvez, pela falta de identidade com a atividade agrícola e a vida campesina.

Segundo Porto-Gonçalves (1984) o êxodo rural, significa, antes de mais nada, a expropriação do trabalhador, sua completa desvinculação com a terra e de seus meios de produção, em suma a sua proletarização. O mesmo autor afirma que esta distribuição da população entre cidade e campo é efeito do processo de subordinação do trabalhador ao capital, tal como acontece no assentamento estudado.

Conforme Facioni (2013) a manutenção dos jovens no campo é de extrema importância para a continuidade do trabalho dos pais nas atividades agrícolas. No assentamento Laranjeira I, os jovens desenvolvem atividades agrícolas e pecuárias em apoio às demandadas pelos seus progenitores. Isto constitui o fortalecimento e a continuidade da força de trabalho na unidade produtiva e das práticas agrícolas adotadas. São ainda, os sucessores pelos quais ocorre a transmissão vertical de conhecimento sobre tais práticas, bem evidenciado neste assentamento a transmissão transgeracional de pais para filhos e avós para os netos (Figura 4).

Amorozo (2012b) afirma que quando se tem menor dedicação dos jovens às atividades agrícolas, assim como de outros afazeres (destaque nosso), pode-se inferir que está acontecendo o empobrecimento de seu aprendizado do “ofício de agricultor” e que os mesmos não chegarão a obter grande parte do conhecimento sobre o modo de se fazer agricultura de seus pais. No entanto, a autora afirma que mesmo que ocorra a permanência de parte dos jovens no campo exercendo atividade agrícola não há garantia da manutenção da

agrobiodiversidade, até porque seus objetivos podem estar ligados à produção para o mercado e não à subsistência.



Figura 4. Atividades em que as crianças compartilham com os adultos e o exercício espontâneo de afazeres cotidianos. A. Processado de vagens para a alimentação e comércio. B. Cuidados com as plantas cultivadas no quintal.

3.1.3 Nível de escolaridade

A maioria dos moradores entrevistados tem ensino fundamental incompleto (36%) (Figura 5). Constatou-se que o número de pessoas com o ensino médio completo é o mesmo de pessoas não escolarizadas, ambos representando 25% dos entrevistados. Dentre os que não possuem escolarização, a maioria são idosos. Eles atribuem o fato à falta de oportunidade e dificuldade para manter os estudos. Justificam tanto pela dificuldade de acesso à escola devido à distância das casas, falta de transporte escolar e/ou pela “lida” na roça desde muito jovens. Um morador (2%) possui ensino superior completo, e atualmente atua como coordenador pedagógico da escola do assentamento.

A maioria dos professores são procedentes da cidade e não mantêm residência fixa no assentamento. Permanecem hospedados na “casa dos professores” localizada na sede, em frente à escola, a qual foi cedida pela prefeitura do município para os mesmos. Nos finais de semana retornam para a cidade onde possuem vínculos, suas residências com suas respectivas famílias, e permanecem no assentamento somente nos dias letivos. Dos que mantêm residência fixa neste assentamento e que são concursados na escola e, ou prestam serviços a instituição, são a diretora, o coordenador, uma professora, a secretária, um vigilante, as cozinheiras e duas moradoras que estão concluindo

o ensino superior à distância e trabalham em projeto do governo federal. Ainda dos que trabalham neste projeto, fazem parte dois ex-alunos e uma outra moradora do assentamento.

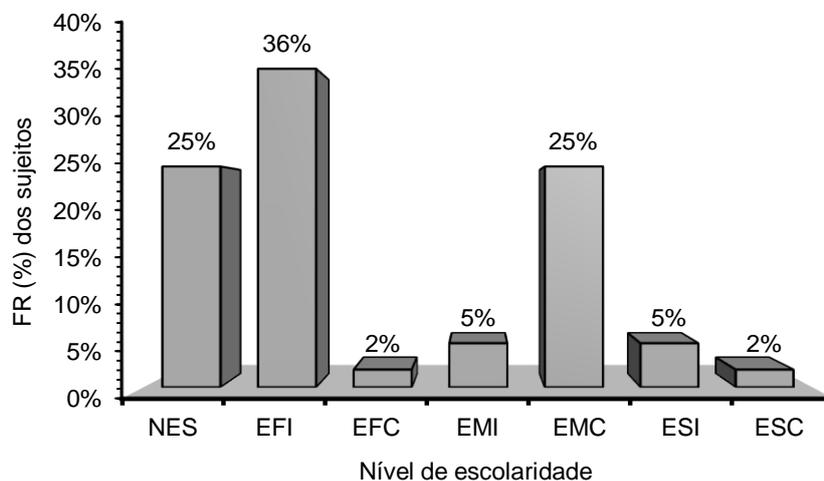


Figura 5. Nível de escolaridade dos sujeitos envolvidos na pesquisa, Assentamento Laranjeira I, 2013-2014. Legenda: EFI: Ensino Fundamental Incompleto; EFC: Ensino Fundamental Completo; EMI: Ensino Médio Incompleto; EMC: Ensino Médio Completo; ESI: Ensino Superior Incompleto; ESC: Ensino Superior Completo; NES: Não Escolarizado.

A Escola Municipal “Padre Antonio Conselheiro”, localizada na sede (agrovila) do assentamento, oferece Ensino Fundamental e Médio, e ainda a Educação para Jovens e Adultos (EJA). Na escola também é executado o Programa “Mais Educação”, um projeto do governo Federal. Desde a sua fundação o assentamento possui o ensino de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. O ensino médio era oferecido somente no assentamento Paiol, localizado a aproximadamente 60 Km do assentamento Laranjeira I. Segundo, um morador, responsável pelo transporte de ônibus escolar na época, a atividade lhe possibilitou acompanhar o sofrimento dos alunos no “ir e vir” todos os dias na estrada de noite e de madrugada. Após dez anos de assentados e depois de muitas lutas pela melhora na educação, os moradores do assentamento Laranjeira I conquistaram a implantação do Ensino Médio na escola situada em sua sede (dados informados por A.G.D., 55 anos, Assentamento Laranjeira I).

Em depoimento um morador afirmou sobre a falta de estudo: “*O que mais me falta é o estudo, mais os pai da gente não ligava pra isso, só tinha que ir pra*

roça.” (74, J.L., Assentamento Laranjeira I). Sob este contexto, Ferreira e Alves (2009) afirmam que a falta de estudo da população rural, está relacionada principalmente ao entendimento dos pais que não é necessário estudar para ser agricultor. Facioni (2013) evidencia que esta é uma questão cultural na qual as famílias reproduzem comportamentos, hábitos e valores que são passados de geração à geração.

No assentamento Laranjeira I constatou-se que este contexto encontra-se em processo de mudança, uma vez que, o nível de escolaridade dos filhos é mais elevado do que o dos pais. Esta diferença de escolaridade entre as gerações, relaciona-se a presença da escola no assentamento que possibilita que os filhos dos agricultores possam concluir o ensino médio e ainda as propostas de incentivo do governo federal para os estudos (nível técnico e superior) e qualificação profissional dos jovens brasileiros. No entanto, caso haja a vontade de continuar o estudo para que se tenha formação em um curso de nível técnico ou superior, é necessário ir para a cidade, dado também constatado por Facioni (2013) em assentamentos rurais no município de Sidrolândia em Mato Grosso do Sul. No entanto, para cursar o nível superior no assentamento Laranjeira I, a mais recente oportunidade se deu com a educação superior à distância. Porém, os estudantes enfrentam as limitações estruturais da comunicação online, e do oferecimento de cursos ainda restritos a alguns segmentos (capacitação de professores, e/ou monitores do ensino fundamental).

A escolarização dos jovens é vista por eles mesmos como a oportunidade de ampliar as opções futuras de trabalho. No assentamento, pode-se notar que alguns pais incentivam o estudo dos filhos, isto porque não tiveram o mesmo incentivo por parte dos seus progenitores e acreditam que a obtenção da escolarização dos filhos facilitará o ingresso dos mesmos no mercado de trabalho fora do assentamento.

Ferreira e Alves (2009) afirmam que do mesmo modo como as oportunidades de estudo e emprego são fatores atrativos para os jovens, o trabalho árduo do campo é um fator de expulsão dos mesmos para as cidades. No entanto, conforme também constatado por Facioni (2013) em assentamentos rurais em Mato Grosso do Sul, os jovens do assentamento Laranjeira I não veem

o trabalho no campo como uma atividade que exige sacrifícios, veem como uma forma de contribuir com os pais nas atividades desenvolvidas dentro da propriedade. Em alguns casos, identificou-se a satisfação e o prazer dos filhos em estar ao lado dos pais na “lida” no campo.

Embora a qualificação dos jovens neste assentamento não tenha sido diagnosticada como uma fuga das atividades desempenhadas no campo, mas como uma forma de qualificação dos jovens de modo que facilite entrada no mercado de trabalho, não constatou-se o desejo de formação para exercer atividades agrícolas de forma melhor orientada dentro do assentamento, os olhos estão voltados para fora deste espaço. A partir disso pode-se inferir que a qualificação dos jovens assentados pode ser um fator que implicará na perda da manutenção das atividades agrícolas neste assentamento, bem como no esvaziamento futuro dos lotes pelos sucessores das famílias originalmente assentadas.

3.1.4 Religiosidade

Da população envolvida na pesquisa, 65% são católicos e 35% são evangélicos. No Assentamento Laranjeira I as igrejas que possuem maior número de fiéis são, a Católica, a Assembleia de Deus e a Presbiteriana Renovada, todas situadas na agrovila (sede do assentamento). Os cultos ecumênicos realizados pelas igrejas ocorrem geralmente nos finais de semana.

A religiosidade e crença nos Santos entre os seguidores do catolicismo, foi notada expressivamente por meio de celebrações nas datas comemorativas que homenageiam os Santos padroeiros São Luiz de Cáceres no mês de agosto e, Nossa Senhora Aparecida no mês de outubro. Essas celebrações são realizadas na casa de moradores que já possuem a tradição de fazê-las todos os anos. Primeiramente realiza-se a “reza” (oração) com a leitura do terço, e posteriormente são realizadas festas e confraternizações juntamente com familiares e amigos da comunidade com oferecimento de lanches e doces (Figura 6).

Os moradores que possuem a tradição em oferecer a celebração à Nossa Senhora Aparecida todos os anos, a fazem como promessa e/ou agradecimento de bênçãos concedidas pela homenageada. Isto revela a tradição de fé e devoção pela Santa.

Em algumas residências pode-se encontrar altares homenageando Santos padroeiros nas salas de visita (Figura 7), outro fato revelador da devoção e fé das famílias. Ao mostrar o seu altar uma moradora manifestou ações de fé e devoção: *“Esses aqui são os meus santinhos. São eles que protege nós minha fia, graças a Deus. Amém, meu Deus do céu.”* (75, M.B.J, Assentamento Laranjeira I).



Figura 6. Cerimônia em homenagem a Nossa Senhora Aparecida, Assentamento Laranjeira I, 12 de outubro de 2013.



Figura 7. Altar em homenagem a Nossa Senhora Aparecida. Assentamento Laranjeira I, 2013.

Não observou-se a prática de rituais religiosos pela população do Assentamento Laranjeira I em relação a celebração dos seus santos padroeiros, não do modo pelo qual são realizados por comunidades tradicionais. Pode-se afirmar, que neste assentamento a população mantém de forma pouco efetiva (fraca) as tradições de manter-se vivos alguns rituais sagrados. Sugere-se que ao longo do tempo, isto tem se dado devido ao distanciamento dos seus locais de origem.

Para os evangélicos, não foi constatada a realização de orações nas casas de moradores. São realizados cultos nas igrejas, e o pastor reside no assentamento, diferentemente da igreja católica em que o padre reside na cidade e vai ao assentamento, somente quando são marcadas as celebrações de missas.

3.1.5 Tempo de residência e densidade humana domiciliar

Em relação à ocupação dos lotes no assentamento Laranjeira I, constatou-se que a maioria permanece nas propriedades desde a fundação do assentamento entre 16 e 18 anos (51%) e os moradores que se fixaram pelo período superior a uma década (12 anos) dos 6 aos 18 anos de residência totalizam 84% dos 43 envolvidos nesta pesquisa (Figura 8). Os moradores mais novos com até cinco anos de residência somaram 16% (Figura 8).

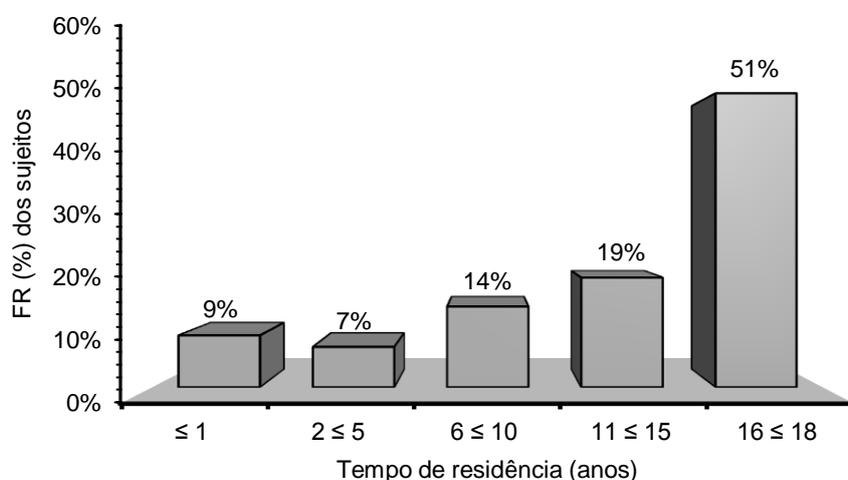


Figura 8. Tempo de residência (anos) dos sujeitos envolvidos na pesquisa no Assentamento Laranjeira I, 2013-2014.

No entanto, existe um fluxo de moradores que ocupam e desocupam as propriedades (21%). Embora se tenha esta considerável mobilidade quanto a permanência ou não, das famílias no assentamento isto mostra que embora seja visível a entrada e saída de pessoas das propriedades a manutenção de famílias por períodos mais prolongados é superior.

Conforme Diegues e Arruda (2001), a ocupação por tempo prolongado do território é uma característica de comunidades tradicionais, no entanto, mesmo se tratando de uma ocupação recente essa também pode ser uma característica atribuída, em alguns casos, às populações não tradicionais.

Para o assentamento Laranjeira I, verificou-se que o tempo de residência e/ou permanência relaciona-se com as condições oferecidas para a manutenção

de fontes de renda e sustento que sejam suficientes à manutenção das famílias sob adequadas condições de vida, seja por meio da produção destinada a comercialização e/ou para a subsistência das pessoas que vivem na propriedade. Constatou-se como fator que mantém esta população no assentamento a manutenção da posse da terra e ainda a terra (lote) como única residência.

No assentamento Laranjeira I o número de indivíduos por moradia variou de 1 a 9 pessoas. Em 21% das residências habita uma pessoa, em 35% moram de 2 a 3 pessoas, em 28% de 4 a 5 pessoas, em 7% de 6 a 7 pessoas e em 9% moram de 8 a 9 pessoas por domicílio.

Constatou-se que a maioria das propriedades são habitadas por famílias (79%), porém obteve-se que 21% das propriedades são ocupadas por um morador. Dentre estes, estão os viúvos e patriarcas cujos filhos se transferiram para os centros urbanos, e estes por sua vez permanecem sozinhos na propriedade. Estes moradores não se desfazem de suas “terras” porque toda a sua história de vida está baseada e vinculada a atividades realizadas nas propriedades rurais. Afirmam que a preferência se deve à vida tranquila do campo que se opõe à agitação das cidades. No entanto, mais do que “sossego” esta preferência, compreende uma cultura de vida agrícola.

A cultura agrícola é um fator que contribui para a permanência dos assentados nos lotes. Esta vocação pela atividade agrícola motiva os moradores a se articularem e minimizarem os problemas e dificuldades vigentes no lote, culminando com a permanência e baixa mobilidade para fora do assentamento.

3.1.6 Fontes de sustento e renda

Dentre as fontes de sustento dos moradores do Assentamento Laranjeira I, destaca-se a agropecuária como principal fonte de sustento das famílias envolvidas na pesquisa. A pecuária é desenvolvida em 67% das propriedades e a agricultura em 51% (Figura 9). A venda de mão de obra dentro do assentamento (46%) e a aposentadoria (44%) são outras formas de obtenção de fonte de sustento muito citadas pelos moradores. Ainda foram mencionadas

outras fontes importantes para o complemento da renda mensal, tais como, auxílios governamentais (bolsa família), aluguel (incluindo arrendamento de pastagem e aluguéis de casas na cidade), pensão, agroindustrialização (processamento e comercialização de farinha de mandioca, e derivados do leite como requeijão e doce de leite), comércio (estabelecimentos comerciais na sede, tais como bar e mercearia), e venda de mão de obra fora do assentamento (serviços de pedreiro e prestação de serviço para outras propriedades) em épocas de pouca ocupação na propriedade (Figura 9).

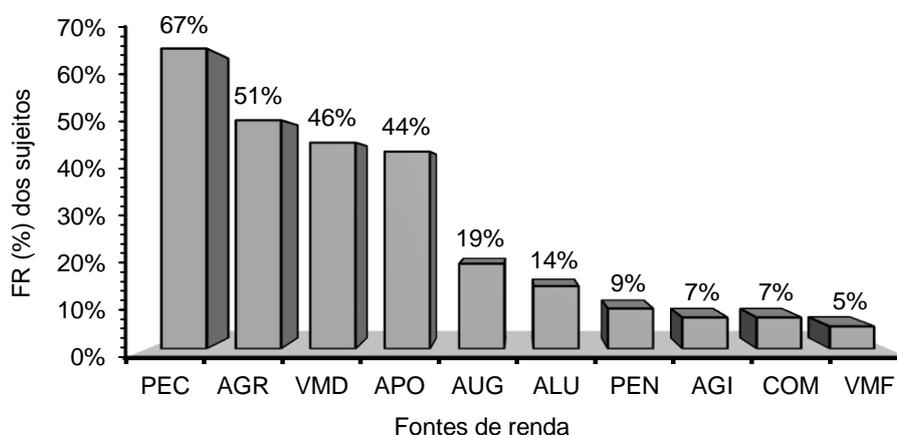


Figura 9. Fontes de renda dos sujeitos envolvidos na pesquisa, Assentamento Laranjeira I, 2013-2014. Legenda: PEC: Pecuária; VDM: Venda de mão de obra dentro do assentamento; COM: Comércio; AUG: Auxílio governamental; APO: Aposentadoria; ALU: Aluguel; AGR: Agricultura; VMF: Venda de mão de obra fora do assentamento; PEN: Pensão; AGI: Agroindustrialização.

Em 37% dos domicílios o homem e a mulher são responsáveis pela produção da renda familiar, em 32% somente os homens e nos demais domicílios homens, mulheres e filhos contribuem para a produção da renda mensal.

Silva, Almeida e Kudlavicz (2012) realizaram um estudo nos assentamentos rurais do município de Cáceres e identificaram que em média 70% das áreas dos assentamentos estão ocupadas com pastagens e apenas 30% com atividades agrícolas. Segundo os autores, a produção agrícola nos assentamentos estudados apresenta quadros mais ou menos semelhantes em termos de exploração de cultura temporária, como a mandioca, o milho, o feijão,

o arroz e as hortaliças, sendo que o cultivo desses produtos é, na maioria das vezes destinado ao consumo familiar e a alimentação das criações, dado que corrobora o constatado no assentamento Laranjeira I.

A pecuária, especialmente dedicada a bovinocultura, é considerada a atividade socioeconômica mais importante para a região pantaneira matogrossense (GARCIA, 1981; FERREIRA, 2013). Esta atividade, acaba colocando a prática agrícola em posição de pouca importância econômica, devido a vários aspectos socioambientais que caracterizam as regiões de planícies alagáveis, bem como características culturais e histórico da região com a pecuária extensiva, fertilidade do solo, ciclos de inundação variáveis em intensidade e duração, falsos conceitos de produtividade da terra e a inexistência de infraestrutura para a comercialização (GARCIA, 1981).

De acordo com Ferreira e Rossetto (2010), o Pantanal concentra 8,82% do rebanho bovino de Mato Grosso, e Cáceres é o município pantaneiro com o maior efetivo de rebanho bovino do Estado, com 823.804 cabeças, o que representa aproximadamente 36% do rebanho total do Pantanal Norte. Deste modo, todos estes aspectos anteriormente mencionados são fatores que influenciam e explicam a predominância da atividade pecuária no assentamento Laranjeira I.

Das propriedades em que a pecuária se constitui como principal fonte de renda, 72% (21) desenvolvem a criação de gado leiteiro (Figura 9 AB) e 41% (12) a criação de gado de corte (Figura 9 C), sendo que em 10% (3) delas ocorre a criação de ambas as modalidades bovinas. Constatou-se que a pecuária neste assentamento é uma atividade de domínio dos adultos mais jovens e também exercida por mulheres. Segundo um morador idoso (74 anos, J.L) que tem criação de gado leiteiro, devido ao seu envelhecimento e problemas de saúde, contratou uma moça (16 anos), também moradora do assentamento, para realizar a ordenha de leite do seu rebanho.

A produção leiteira no assentamento é de baixa produtividade, e atende à demanda do autoconsumo e de venda para laticínios que funcionam dentro e fora do assentamento. A média do rebanho leiteiro por propriedade é de 16 cabeças, variando de 4 a 65 entre as propriedades. Obtêm em média a produção

25L/dia (a produção por dia varia de 8 a 80 L/dia) por propriedade. A dessedentação do rebanho é feita a partir de represas construídas nas propriedades, sistema de água encanada das casas até os cochos, e ainda, por meio dos córregos que constituem a malha hídrica nas propriedades.

Dentre estas propriedades produtoras de leite, três não comercializam o leite com nenhum dos laticínios, utilizando-o somente para o consumo próprio (despesa) e duas destas propriedades produzem e comercializam dentro e fora do assentamento produtos derivados do leite, tal como o requeijão e doce de leite caseiro. A preferência pela criação do gado leiteiro nas propriedades associa-se à renda mensal que esta atividade proporciona as famílias, visto que, em algumas obtém-se renda mensal de R\$1.200,00 reais (ou mais) a partir da venda do leite, dependendo da quantidade de litros entregue por mês ao laticínio. Além disso, a presença de laticínios no próprio assentamento estimula a produção leiteira como fonte de renda para as famílias.

No assentamento funcionam dois laticínios. Um é o “Laticínio do Luiz da mussarela” localizado na sede, responsável pela compra de maior parte do leite produzido nas propriedades. Neste laticínio o proprietário desenvolve a criação de búfalos (Figura 10 D), e do leite produzido são processados derivados como mussarela e requeijão, comercializados na maior rede de supermercados do município de Cáceres. O outro laticínio comprador de leite na região é ativo, no entanto, segundo os assentados, funciona sem as regularizações estabelecidas pela legislação. Ainda tem-se o “Laticínio Vencedor”, cuja sede da fábrica está situada no município de São José dos Quatro Marcos que armazena leite neste assentamento. Este laticínio mantém tanques de refrigeração em duas propriedades, sendo um dos tanques mantido na sede, utilizado para armazenar o leite refrigerado, que depois é transportado em galões utilizando-se de uma “carretinha” conectada à uma moto, para outro tanque estabelecido em propriedade mais próxima da BR 070. O armazenamento é feito dessa forma, porque os caminhões de leite, devido as condições precárias da estrada, não vão até a sede do assentamento Laranjeira I buscar o leite armazenado em tanque.

A agricultura praticada pelos moradores é principalmente voltada para a subsistência (Figura 10 EF), no entanto, em cerca de 25% das propriedades o excedente é comercializado. Quando há “fartura” na produção agrícola, alguns agricultores comercializam dentro do assentamento, ou dividem com os familiares e/ou amigos, mas são poucos os que fazem o escoamento da produção para a cidade com finalidade comercial em maior escala.

Como apresentado na Figura 9, 51% dos sujeitos envolvidos na pesquisa possuem a prática agrícola. Segundo os entrevistados os fatores que dificultam a produção agrícola são a improdutividade da terra (afloramentos rochosos), o alagamento da propriedade (àquelas mais próximas da lagoa do pantanal) e as péssimas condições da estrada que dificultam o escoamento da produção para a venda na cidade.

A venda de mão de obra dentro do assentamento (46%), bem como a aposentadoria (44%) também foram identificadas como fontes de renda complementares importantes para os moradores deste assentamento. Como venda de mão de obra dentro do assentamento foram incluídos os serviços prestados pelos homens em outras propriedades tais como, a aplicação de veneno em pastagem, construção de cercas, serviços de pedreiros e mecanização do gradeamento de terra; e ainda cargos públicos assumidos na escola tais como vigilantes, professores (as), e colaboradores do projeto Mais Educação, sendo desenvolvidos tanto por homens quanto mulheres. A aposentadoria também destacou-se devido ao grande número de idosos presentes na região (Figura 9).

Esta obtenção de renda por outras formas de trabalho que não sejam a agricultura ou a pecuária, é definida pela pluriatividade exercida pelos produtores rurais no assentamento Laranjeira I. A realização de outras atividades pelos moradores deste assentamento, que não estejam ligadas as práticas agropecuárias, permite a obtenção de fontes de renda complementares para a manutenção das famílias rurais. Nesta perspectiva Fuller (1990), refere-se a pluriatividade como uma unidade produtiva multidimensional, onde se pratica a agricultura e outras atividades, tanto dentro como fora da propriedade, pelas quais são recebidos diferentes tipos de remuneração. Portanto, a pluriatividade

no campo pode ser classificada como uma categoria social que se refere ao fenômeno da combinação de múltiplas inserções produtivas por um indivíduo ou uma família (SCHNEIDER, 2003).

De acordo com a situação encontrada no assentamento Laranjeira I, constatou-se para esta população que a pluriatividade é uma forma de se viabilizar a manutenção da renda e da moradia no meio rural conforme colocam Buth e Corrêa (2006). Segundo Facioni (2013), nos assentamentos rurais a produção agrícola é de suma importância para a subsistência das famílias, mas não possui o comércio como foco, por isso a produção de outras formas de agregação de renda é uma estratégia utilizada pelas famílias rurais. No assentamento Laranjeira I as estratégias de agregação de renda estão fortemente associadas à vocação pelas atividades agrícolas e pecuárias. Ambas são fatores de forte influência promotora da permanência dos assentados em seus lotes. As imagens que representam os dados apresentados nesta seção, seguem ilustradas na Figura 10.

3.1.7 A propriedade: infraestrutura e condições sanitárias

O fornecimento de energia elétrica está presente em 100% dos domicílios, e todos possuem geladeira, rádio e televisão. O assentamento também possui antena de rede de telefonia que permite o uso de telefones móveis, no entanto, o sinal de boa qualidade só é obtido na sede do assentamento. Na tabela 3 seguem apresentados os dados relacionados a infraestrutura e condições sanitárias dos domicílios do assentamento .

Das propriedades visitadas 65,1% possuem casas de alvenaria e 23,3% são mistas de alvenaria e madeira. Contatou-se ainda o emprego do Bacuri (*Attalea phalerata* Mart. ex Spreng.) na cobertura de casas, espaços como varandas e cozinhas do lado externo da casa, paiol, chiqueiro, entre outras edificações. Como cobertura da casa os moradores primeiramente forram com lona e cobrem com a folha de Bacuri (Figura 11 AB).



Figura 10. Pecuária de gado leiteiro e de corte e agricultura de subsistência, principais fontes de renda e sustento do Assentamento Laranjeira I, 2013-2014. A. Manejo do gado leiteiro no curral para a ordenha do leite e amamentação dos bezerros; B. Atividade de ordenha do leite realizado pela mulher (esposa); C. Pecuária de gado de corte em região alagável (Sete Lotes), fronteira com a Lagoa do Pantanal; D. Criação de búfalos do Laticínio do Luiz para produção de derivados do leite; E. Atividade agrícola em pequena roça desenvolvida para a subsistência da família (cultivo de mandioca e abóbora); F. Roça destinada à subsistência da família (policultivo de milho, abóbora, feijão, maxixe e mandioca).

Tabela 3. Dados de infraestrutura e condições sanitárias referentes aos domicílios do Assentamento Laranjeira I, 2013-2014.

Infraestrutura dos domicílios		FR (%)
Materiais das casas	Alvenaria	65,1
	Mistas (alvenaria, madeira e palha)	27,9
	Madeira	7
Fogão	Gás e lenha	65,2
	Gás	32,5
	Lenha	2,3
Condições sanitárias, coleta e tratamento do lixo		
Condições sanitárias	Sanitário e chuveiro interior da residência	86
	Sanitário interno e externo	4,7
	Sanitário somente externo	7
	Não tem sanitário	2,3
	Fossa	90,7
	Fossa e vala	2,3
	Apenas vala	4,5
	Nenhuma forma de escoadouro	2,3
Tratamento do lixo	Incineração	83,7
	Aterro	41,8
	Jogado a céu aberto	16,3
Tratamento da água (consumo humano)	Coar	51
	Filtragem (filtro de barro)	44
	Fervura	5
	Congelar	2
	Nenhum tipo de tratamento	2

O INCRA possui programas de habitação para os assentamentos rurais de reforma agrária, chamados de crédito de instalação pelos quais são disponibilizados créditos para a aquisição de material de construção destinado à construção de novas casas e o crédito recuperação material de construção para a reforma de habitações. Além desses créditos, em 2013 a construção de casas em assentamentos rurais também passou a ser feita em parceria com o Programa Minha Casa Minha Vida Rural (MCMVR) junto à Caixa Econômica Federal (BRASIL, 2014b).

No entanto para que os assentados possam ser beneficiados pelos créditos de instalação é necessário que eles possuam o Contrato de Concessão de Uso (CCU), documento provisório que legitima o acesso aos benefícios da reforma agrária (BRASIL, 2014b). Alguns moradores revelaram não conseguir a reforma da casa por não serem “homologados”. Alguns moradores usufruíram

deste crédito por duas vezes, enquanto que outros aguardam a homologação pelo INCRA, para usufruírem do benefício.

Constatou-se que entre as moradias pesquisadas, 65,2% (28) possuem fogão a gás e a lenha, 32,5% (14) possuem apenas fogão a gás, e 2,3% (1) somente fogão a lenha. Alguns moradores afirmaram utilizar o fogão a gás quando precisa-se cozinhar algo mais rápido, predominando a utilização do fogão a lenha pelo seu baixo custo (Figura 11 CD). O combustível para o fogão é lenha obtida pelos moradores nas áreas de pastagem e matas a partir de árvores “caídas”. Alguns revelam utilizar qualquer “pau” que encontram no caminho a fora, outros revelaram suas preferências afirmando que a melhor madeira para o uso como combustível é o Angico (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan), (Figura 11 EF) por ser uma madeira que não faz muita fumaça e sua combustão é de tempo mais prolongado, diferente dos Ipês amarelo e roxo (respectivamente *Handroanthus vellosi* (Toledo) Mattos e *Handroanthus impetiginosus* (Mart.) ex DC. Mattos) que, segundo eles, fazem muita fumaça quando entram em combustão. Praticamente em todas as casas com fogão a lenha a madeira mais utilizada é o Angico. Outras espécies arbóreas também são utilizadas como lenha, tais como: Cafézinho (*Rhamnidium elaeocarpum* Reissek.), Capitão (*Terminalia argentea* Mart.), Farinha seca (*Albizia niopoides* (Spruce ex Benth.) Burkart), Imburana (*Commiphora leptophloeos* (Mart.) J.B.Gillet) e Aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Allemão).

Quanto às condições sanitárias, 86% (37) dos domicílios possuem sanitário e chuveiro no interior da residência, 7% (3) somente externo da casa, e 2,3% (1) dos domicílios não possuem banheiro. Neste último caso, os moradores tomam banho no quintal ao céu aberto utilizando água armazenada na caixa d'água que é abastecida por encanamento diretamente do córrego de água doce que atravessa a propriedade. Do total de domicílios, 90,7% (39) afirmaram ter fossa na propriedade, 2,3% (1) fossa e vala negra, 4,5% (2) apenas vala negra e 2,3% (1) não possuem nenhuma forma de escoadouro. A propriedade que não possui escoadouro é a mesma que não possui banheiro no domicílio.

Para o lixo doméstico produzido nas propriedades são adotados três procedimentos: incineração, aterro e/ou jogado a céu aberto. Sendo assim 83,7% (36) dos domicílios incineram os resíduos sólidos, 41,8% (18) aterram, e 28% dos domicílios incineram e aterram o lixo produzido (Figura 11 GH). Em 16,3% (7) dos domicílios o lixo é jogado a céu aberto pelo quintal e em algumas propriedades invade a mata de galeria e o córrego que atravessa os lotes. O destino e descarte deste lixo doméstico, precisam ser realizados de forma adequada e sustentável ao meio ambiente, de forma que evitem a contaminação da malha hídrica que abastece a população assentada e das demais unidades de paisagem naturais.

Alguns dos moradores afirmaram que quando se trata de lixo orgânico apenas se enterra em buracos que são criados no próprio quintal ou em locais mais distantes da casa funcionando como pequenos aterros, mas quando são lixos inorgânicos logo são queimados. Outros revelaram que vão depositando todo o lixo no “buraco”, aberto para este fim, e depois de um tempo queimam e cobrem com terra, e abrem outro buraco com a mesma finalidade. Coqueijo (2014) em seu estudo com comunidades rurais em João Pessoa no Estado da Paraíba, identificou que o saneamento e a coleta de lixo também não ocorrem de forma adequada, sendo que o lixo orgânico é utilizado na agricultura e o resto é queimado. As imagens apresentadas na Figura 11 elucidam o assunto discutido nesta seção.

3.2 A questão da água: acesso e utilização pela população

A escassez de água potável no planeta tornou-se um problema de tamanha gravidade que é imprescindível a discussão deste tema pela sociedade de forma a buscar-se solução para tal questão (DA SILVA; BAMPI, 2011).

O abastecimento de água dos domicílios no Assentamento Laranjeira I, é feito principalmente pelas nascentes de água presentes na região (Figura 12), pelos cursos d'água formados a partir destas e por poços artesianos. A região possui quatro nascentes de água importantes, sendo que duas delas são de água doce: a Nascente do Genão/Carlão (Figura 13B) e a Nascente Complexo

Minas Serra (Figura 13D). As outras duas são de água salobra, sendo elas, a Nascente Acorizal (Figura 13A) e a Nascente do Françueldo (Figura 13C).

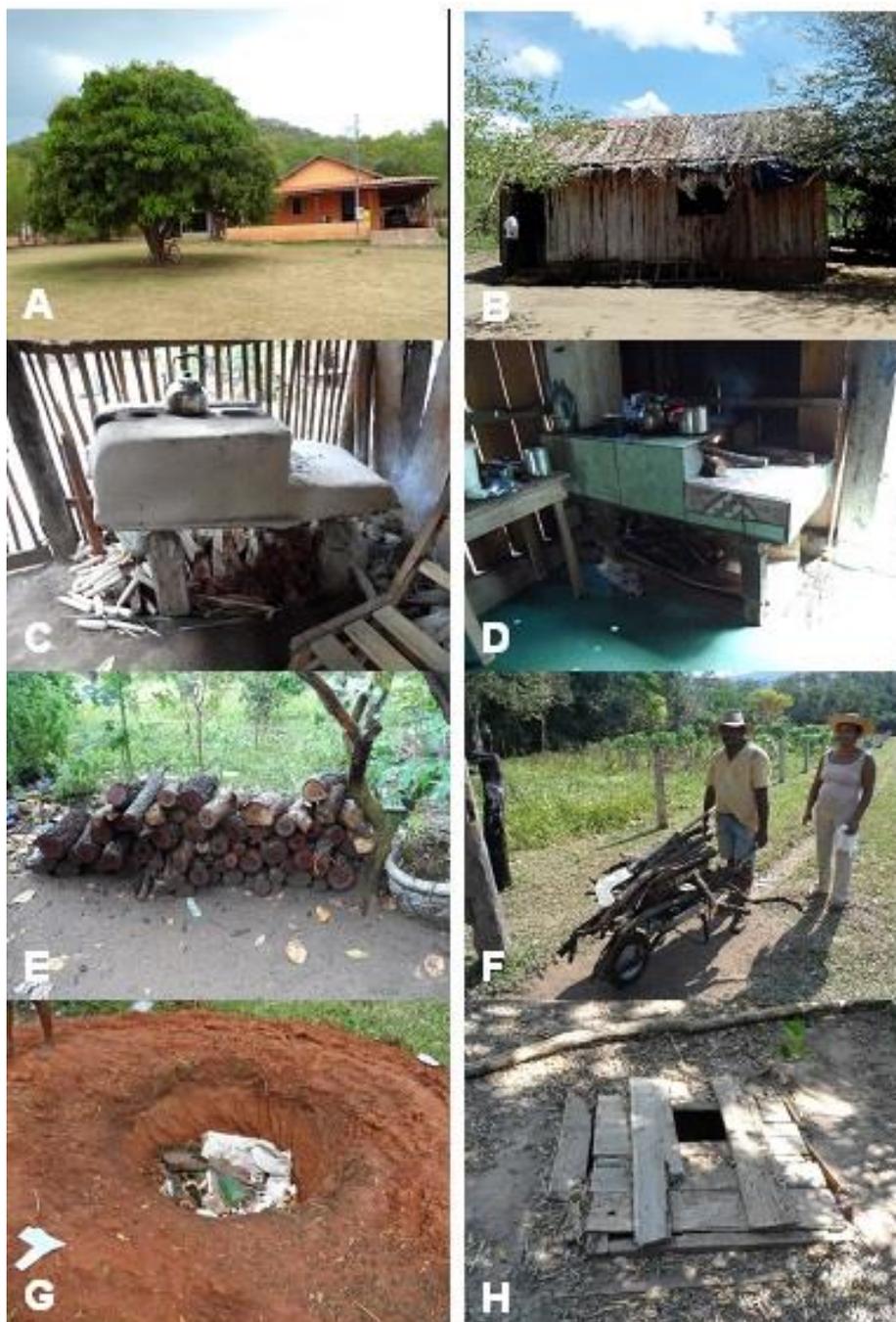


Figura 11. Infraestrutura dos domicílios pesquisados no Assentamento Laranjeira I, 2013-2014. A. Residência construída em alvenaria, e presença de rede de energia elétrica; B. Residência construída utilizando-se do componente vegetal (bacuri e madeira); C. D. Arquitetura diferenciada na construção de fogões a lenha; E. Estocagem de lenha (angico) no quintal para a utilização como combustível de fogão a gás; F. Coleta de lenha (angico) na mata, atividade desenvolvida pelo casal proprietário do lote; H. Aterros criados (buracos) para o descarte dos lixos produzidos nos domicílios.

A localização das propriedades estudadas em relação às nascentes compreende acima da Nascente Acorizal, isto porque, existe um curso de água que passa próximo as mesmas. Segundo os moradores, este é um córrego que aparece somente durante o período de chuva e na estiagem ele seca totalmente.

A partir da Figura 12, constata-se que as regiões que possuem maior número de domicílios são a Nascente Acorizal (10) e o Complexo Minas Serra (12). Esta figura evidencia a ocupação do assentamento pelos moradores no entorno e na extensão dos cursos d'água presentes na região. A proximidade com a água evidencia-se, desta forma, como um fator predisponente para a escolha da implantação das moradias. A figura 12, também permite visualizar a formação de dois cursos d'água extensos que deságuam na Lagoa do Pantanal. O curso d'água formado a partir da Nascente Acorizal possui longa extensão porque recebe água advinda de três cursos d'água distintos. Deságuam neste córrego a água proveniente do córrego da nascente da Furna (água doce), localizada um pouco acima do assentamento, e o curso d'água formado pela Nascente do Genão/Carlão. A nascente Complexo Minas Serra também a partir da formação do seu curso d'água, conecta-se ao córrego formado pela Nascente do Françueldo, que juntos deságuam na Lagoa do Pantanal.

Constata-se, que a malha hídrica do assentamento Laranjeira I está disposta de forma interconectada, o que promove o aumento do fluxo de água dos córregos advindos das regiões das nascentes tornando-se importantes para o abastecimento da Lagoa do Pantanal.

Das propriedades incluídas na pesquisa 100% possuem o sistema de água encanada. Algumas residências (39%) possuem o sistema de "bomba", cuja captação da água é acionada por energia elétrica. Em outros domicílios (61%) a água é bombeada por gravidade via encanamento até o destino.

O Assentamento Laranjeira I, foi por muito tempo uma região marcada por lutas e discórdias entre os moradores, em relação ao uso da água, isto porque, quando a população foi assentada na área havia grande disponibilidade deste recurso e então utilizaram deste serviço ecossistêmico de forma desordenada.

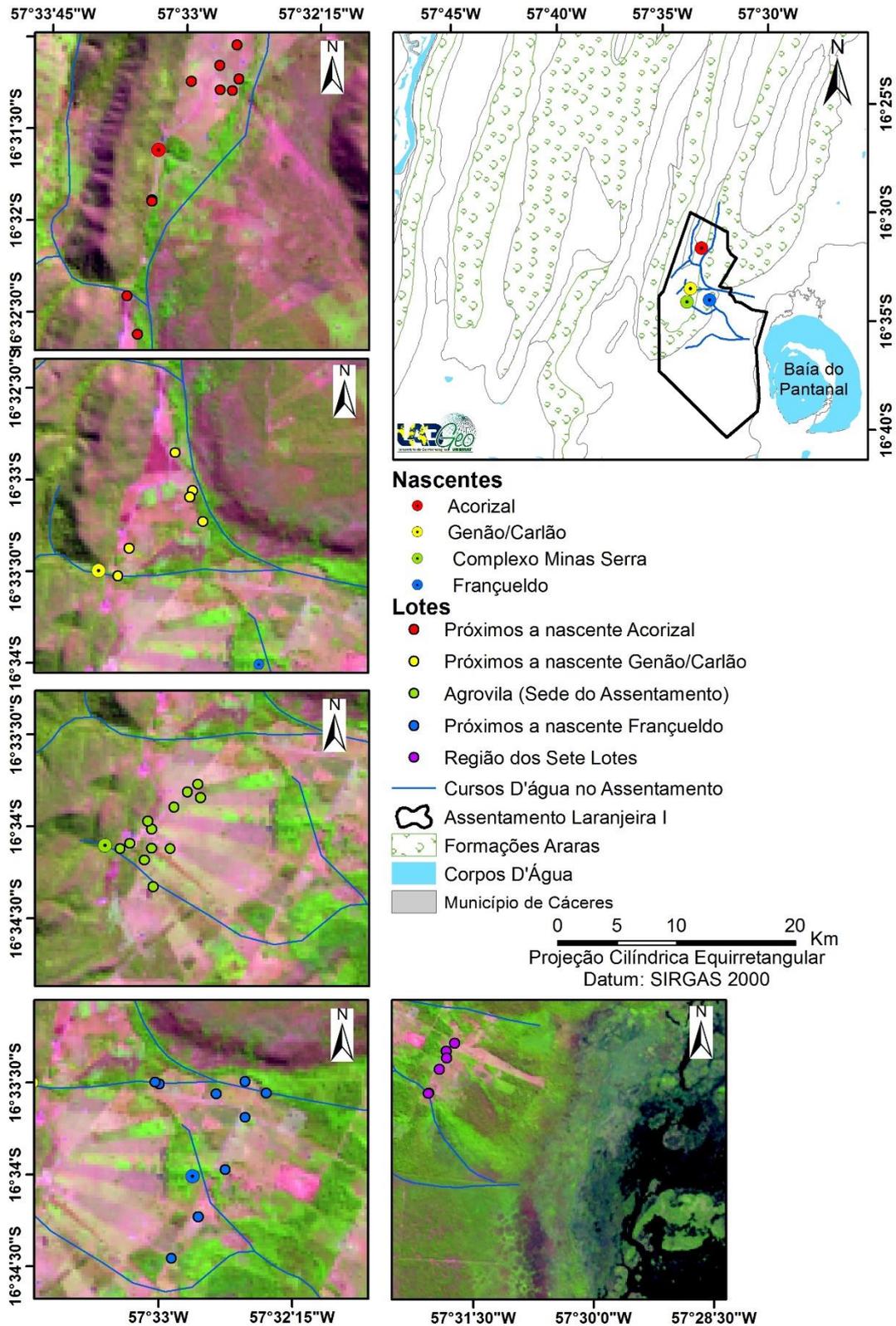


Figura 12. Distribuição dos lotes amostrados de acordo com a proximidade e associação às nascentes de água do assentamento e dos cursos d'água formados. Assentamento Laranjeira I, 2013-2014.

O reflexo dessa ocupação e uso inadequados é vivenciado atualmente, tendo em vista a redução do volume de água das nascentes que começaram a secar e se encontram em volume crítico.

A população tem acesso às nascentes por meio de canos (mangueiras) que vão diretamente para os domicílios, sendo portanto, instalados vários canos em uma só nascente (Figura 13 F). A Nascente Complexo Minas Serra localizada na sede do assentamento (agrovila) foi o maior alvo de discórdias entre os moradores em que se constatou o maior vestígio da individualidade da população assentada, isto porque, cada morador “abriu o seu próprio poço” na nascente por onde canalizavam a água e não permitiam de modo algum que outro morador canalizasse água do seu poço de uso “individual”. Alguns moradores fechavam seus poços com uma tampa de madeira e trancavam utilizando cadeados (Figura 13 E). Isto revela o sentimento de posse sobre um recurso ecossistêmico que deveria ser destinado a toda comunidade e ainda utilizado de forma sustentável ao meio ambiente.

Sobre a Nascente Complexo Minas Serra, constatou-se a exaltação pela beleza como um bem natural, bem como a indignação pela sua degradação, fato revelado em depoimento de um morador: *“Essa nascente aqui era a coisa mais linda, tinha água demais. Nós tomava banho aqui uai... ai o povo começô a furar tudo, ai secô e tá do jeito que o cês tão vendo.”* (42, V.P.S., Assentamento Laranjeira I). No entanto, devido ao desentendimento entre alguns moradores pela “causa da água”, verificou-se relatos de repulsa em relação à mesma nascente: *“Eu nem gosto de pegar água dessa nascente mais... deu muita briga já! O povo aqui brigava feio por causa de água, achava que eles mandava na nascente... agora eu prefiro pegar água na escola e da chuva”* (J.V.M., 65 anos, Assentamento Laranjeira I).

Os depoimentos confirmam a necessidade de planejamento estratégico para acesso e utilização das fontes hídricas. Segundo Da Silva e Bampi (2011), é necessário que esse recurso (água) seja utilizado com o máximo de equilíbrio, racionalidade e responsabilidade coletiva, de modo que cada pessoa compreenda a importância da prática de conservação deste bem natural.

Nesta mesma perspectiva, Araújo (2014) afirma que a demanda de água nas zonas rurais está associada a grandes dificuldades quanto a sua distribuição, e por isso, a população rural se encontra com maior percentual de pessoas sem acesso a água de boa qualidade.

No ano de 2013, segundo os envolvidos na pesquisa, ocorreu uma das maiores secas já vivenciada pela população local. O nível de água das nascentes baixou muito e algumas se encontravam em condições insalubres para a utilização, principalmente para a ingestão humana.

Os córregos formados a partir das nascentes, também sofreram muitas modificações após a ocupação e uso do território pelos assentados. Esses cursos de água sofreram redução da sua largura, provavelmente em consequência do desmatamento da mata de galeria e pisoteio do gado (CASTRILLON et al., 2012) (Figura 13 H). Neste contexto, torna-se evidente que a degradação ambiental põe em risco a sustentabilidade ecossistêmica, e tem suas implicações diretas nas condições de sobrevivência das populações (IANNI, 2005).

Grande parte dos moradores estão sensibilizados sobre a importância da revitalização e reflorestamento das áreas de nascentes e de seus córregos, como uma das alternativas para solucionar o problema da água no assentamento e melhorar a qualidade de vida da comunidade como um todo. Argumentam sobre diferentes possibilidades como segue: *“A gente sempre cuidô dessa nascente, nunca botamo fogo aqui não.”* (42, V.P.S., Assentamento Laranjeira I) (Informante em visita à nascente do Genão/Carlão). *“Tem que cercá o córgo sim né, se não a água acaba. Tem que cuidá!”* (41, S.B.R.S., Assentamento Laranjeira I).

Ainda sob este mesmo aspecto, verificou-se que alguns moradores veem estes serviços ecossistêmicos como patrimônio natural essencial à manutenção da vida: *“Esse córgo é a nossa maior riqueza!”* (74, J.B.S., Assentamento Laranjeira I). *“Nossa vida é a floresta... é melhor plantar que cortar.”* (74, J.B.S., Assentamento Laranjeira I).

No entanto, alguns moradores não demonstram clareza sobre a importância da proteção dessas áreas constituídas como Áreas de Preservação

Permanente (APP). Em entrevista e em visita ao córrego de uma das propriedades incluídas na pesquisa o morador afirmou:

“O cês não são daqueles povo que tão querendo cercá o córrego aqui não né?! [...] Se cercá o córrego aqui vai acabá com meu sítio, vai cortá tudo ai, vai fica tudo bagunçado... vai fica um pedaço do lado de lá e um do lado de cá [...] Se cercá aqui eu vô embora daqui... [...] o único lugar que tem que cercá é onde a água nasce ai tem que preservá, se pisotiá acaba... o córrego tem que sê limpo pra água corrê, esses bacuri ai é uma porcaria tranca tudo o córrego! [...] Tá veno aqui ó, é cheio de curva por isso que a água vai fraca, tem que dexá tudo limpo e reto que ai a água corre!” (74, N.A.O., Assentamento Laranjeira I).

O comentário do informante, se referia à meta de extensão do “Projeto Laranjeiras” em que uma das ações previstas e em discussão com os assentados para minimizar o problema da falta de água, está se dando, por meio da delimitação das fontes hídricas naturais por cercas. De acordo Filgueira, Limeira e Silva (2012), uma das ações que devem ser realizadas para a recuperação de áreas de nascentes de água, é o cercamento da área da nascente, conforme o estabelecido pela legislação em vigência do Código Florestal, de forma que evite o pisoteio e contaminação por animais, além do plantio da mata ciliar através do sistema de reflorestamento com espécies nativas da região.

Conforme disposto na Lei nº 12.651 do Novo Código Florestal (p. 37, 2012), nas áreas rurais consolidadas em Áreas de Preservação Permanente no entorno de nascentes e olhos d'água perenes, será admitida a manutenção de atividades agrossilvipastoris, de ecoturismo ou de turismo rural, sendo obrigatória a recomposição do raio mínimo de 15 (quinze) metros (lei). A conservação e recuperação das nascentes são de extrema importância para a manutenção da qualidade e quantidade da água, já que este recurso é indispensável para as diversas atividades humanas como a agricultura, atividade doméstica, o consumo humano, direto e indireto, assim como dos animais (COQUEIJO, 2014).

Devido à escassez de água a população envolvida neste estudo, adotou outros meios de obtenção da água, tais como, armazenamento da água da chuva

em caixas d'água, bacias e galões, acesso à água destinada à escola, construção de poços de água doce e salobra (Figura 13 J), e compra de água mineral. Dentre os domicílios incluídos na pesquisa, 77% (33) utilizam como uma das fontes de obtenção de água as nascentes; 21% (9) utilizam exclusivamente água de nascente; 33% (14) utilizam água dos córregos formados pelas nascentes; 65% (28) utilizam de outros meios de obtenção e armazenamento de água; e 14% utilizam exclusivamente de outros meios de obtenção e armazenamento de água. Constatou-se um caso de uma propriedade que utiliza água do córrego proveniente de uma nascente de água doce da região denominada Furna. As formas de utilização da água pelos domicílios seguem apresentadas na Tabela 4 e ilustradas no Anexo B, de acordo com a distribuição das residências nas cinco regiões definidas nesta área de estudo, conforme a proximidade com as nascentes e da Lagoa do Pantanal.

As nascentes mais utilizadas para o abastecimento dos domicílios são as de água doce, a Complexo Minas da Serra e do Genão/Carlão, em que 42% (18) dos domicílios estão associados respectivamente à primeira e 39% (17) à segunda. Existem domicílios com sistema de encanamento ligado diretamente à nascente, utilizando a água para serviços gerais e consumo próprio, mas grande parte dos moradores buscam a água utilizando de vasilhames de volumes diversos, sendo que esta água é destinada somente para a ingestão humana.

Os domicílios estabelecidos acima da Nascente Acorizal, possuem poços artesianos de água salobra em seus lotes para a utilização da água nos serviços gerais e buscam, nas nascentes de água doce e/ou armazenam da chuva para o consumo humano.

Dentre a utilização dos córregos formados pelas nascentes como fonte de obtenção da água, o mais utilizado é o proveniente da Nascente Acorizal com utilização em 23% dos domicílios. Este córrego é extenso e atravessa 28% (12) das propriedades, e por isto é mais utilizado. Como trata-se de um córrego de água salobra os moradores utilizam-na para a realização de serviços gerais, banho e para a criação de animais de pequeno e médio porte.

Tabela 4. Obtenção, armazenamento e acesso à água e suas diferentes formas de uso nos domicílios amostrados, de acordo com as regiões em que estão estabelecidos, Assentamento Laranjeira I, 2013- 2014.

Regiões do assentamento	Acesso à água (formas de obtenção e alternativas complementares)	Formas de uso da água obtidas nas fontes de citadas
<p>A – Nascente Acorizal Nesta região situam-se 10 domicílios. A nascente é de <u>água salobra</u>, cujo o cercamento foi realizado pelo proprietário do lote. Desta é formado um curso de água de percurso extenso que atravessa grande parte das propriedades estudadas.</p>	<p>1) Dos domicílios desta região 10% utilizam água diretamente da nascente e 20% do curso d'água por ela formado. 2) 60% usam água da chuva e poço artesiano como fonte alternativa de obtenção de água. 3) 90% buscam água na nascente do Genão/Carlão. 4) 10% utiliza água vinda do córrego da Furna.</p>	<p>1 e 2) Utilizada para a realização de serviços gerais, criação de animais de pequeno e médio porte e lazer (banho no córrego). 3) Utilizada para a ingestão humana. 4) Utilizada para serviços gerais e ingestão humana. Obs.: a água da chuva também é utilizada para ingestão humana em alguns domicílios.</p>
<p>B – Nascente do Genão/Carlão Nesta região situam-se 6 domicílios. Nascente de <u>água doce</u>, importante por abastecer muitos domicílios, principalmente para a ingestão humana.</p>	<p>1) Destes domicílios 83% possuem água encanada diretamente da Nascente do Genão/Carlão, sendo que 50% são abastecidos exclusivamente por esta nascente. 2) 50% utilizam água do córrego da Nascente Acorizal.</p>	<p>1) Utilizada para a realização de serviços gerais, criação de animais e, principalmente ingestão humana. 2) Utilizada para a realização de serviços gerais, criação de animais de pequeno e médio porte e lazer (banho no córrego).</p>
<p>C – Nascente Complexo Minas Serra Nesta região situam-se 12 domicílios. Nascente de <u>água doce</u>, caracterizada com construção de poços pelos moradores, com presença de emaranhado de canos (mangueiras) que vão até dos domicílios. Atende principalmente a ingestão humana.</p>	<p>1) Destas unidades familiares 92% utilizam água diretamente encanada da Nascente do Complexo, sendo que 33% a utilizam exclusivamente. Outros complementam, sendo: 2) 25% armazenam água da chuva. 3) 42% utilizam água do poço da escola. 4) 8% (1) compra água mineral.</p>	<p>1) Utilizada para a realização de serviços gerais, criação de animais e, principalmente ingestão humana. 2 e 3) Utilizada para a realização de serviços gerais. 4) Utilizada para ingestão humana.</p>
<p>D – Nascente do Françueldo Nesta região situam-se 9 domicílios. Nascente de <u>água salobra</u> subutilizada pela população. Dentre as nascentes, é a que faz está mais próxima à Lagoa do Pantanal.</p>	<p>1) 22% usam água encanada do córrego da nascente do Françueldo e 33% do córrego da nascente Acorizal. 2) 44% buscam água na nascente do Complexo e 22% da nascente do Genão/Carlão. 3) 100% armazenam água da chuva. 4) 22% buscam no poço da escola. 5) 33% possuem poço artesiano no lote, incluindo de água doce. 6) 11% compram água mineral</p>	<p>1 e 4) Utilizada para a realização de serviços gerais, criação de animais de pequeno e médio porte e lazer (banho no córrego e pesca). 2 e 6) Ingestão humana. 3) Serviços gerais e ingestão humana. 5) Utilizada para a realização de serviços gerais, criação de animais e no caso de água doce para a ingestão humana.</p>
<p>E – Sete Lotes Nesta região situam-se 6 domicílios. Área de planície alagável. A nascente mais próxima é a do Françueldo (2 Km). Principal obtenção de água é a de poços artesianos perfurados pelos proprietários.</p>	<p>1) 100% utilizam da água salobra de poço artesiano construído pelo proprietário no lote. 2) 50% buscam água na nascente do Complexo. 3) 83% armazenam água da chuva. 4) 17% (1) compra água mineral. 5) 17% utiliza água do córrego da nascente do Françueldo e busca água no poço da escola.</p>	<p>1) Utilizada para a realização de serviços gerais, criação de animais. 2 e 4) Ingestão humana. 3) Utilizada para a realização de serviços gerais, criação de animais e ingestão humana. 5) Utilizada para a realização de serviços gerais, criação de animais e lazer (banho no córrego e pesca).</p>

Constatou-se que em 51% dos domicílios, os moradores utilizam o armazenamento da água da chuva em caixas d'água, bacias e tambores (Tabela 3 e ANEXO B). Mesmo com o término do período da seca e com o início de um período chuvoso intenso e prolongado na região, a população continuou utilizando dos outros meios de obtenção da água, como uma forma de conservar por mais tempo a água nas nascentes.

Em entrevista uma moradora afirmou que: *“A água da chuva vem limpinha... é a melhor água que existe, porque ela já vem pura do céu!”* (80, A. A. S., Assentamento Laranjeira I).

Araújo (2014) afirma que alternativas que busquem soluções de convivência com o clima e a realidade do ecossistema local e que promovam o desenvolvimento sustentável de forma que permitam do acesso à água de boa qualidade podem promover mudanças sociais positivas e trazer desenvolvimento regional. O mesmo autor sugere para que seja providenciado o sistema de captação da água da chuva por meio de cisternas como um suprimento viável pois trata-se de uma alternativa menos onerosa.

Quanto à forma de tratamento da água destinada ao consumo próprio, identificou-se que a população envolvida filtra (filtragem das impurezas usando filtros de barro com vela), coa (separação das macro partículas), ferve (fervura da água para eliminar agentes contaminantes), congela ou não utiliza de nenhum tipo de tratamento, conforme mostrado anteriormente na tabela 3. As formas mais utilizadas de tratamento são o ato de coar adotado em 51% (22) dos domicílios seguido pela filtragem em 44% (19). Utilizam da fervura 5% dos moradores e 2% não utiliza nenhum tratamento da água antes de consumi-la.

O fato de 37% dos sujeitos afirmarem que somente coam a água para ingeri-la é preocupante, isto porque, os moradores não estão atentos à contaminação da água, algo que não é visível a olho nu, e preocupam-se somente com as impurezas que por eles podem ser visualizadas. Sobre isto uma moradora afirmou: *“Ah, eu filtro a água sim né, porque esses poço dessas minas fica tudo aberto ai enche de folha e os bicho faz cocô tudo lá né...”* (70, N. C. V., Assentamento Laranjeira I).

À esta ausência de tratamento da água associa-se a crença de alguns moradores sobre a utilização de uma água limpa e pura porque utilizam diretamente de uma fonte natural de água, e à carência de conhecimento que o tratamento da água é uma forma de prevenção de algumas doenças parasitárias em que a água é um dos veículos de transmissão. Em uma propriedade constatou-se o hábito de canalizar a água para o chiqueiro e devolvê-la ao córrego. Este trata-se de um dos veículos de contaminação da água, além de outros tais como a aplicação de veneno nas roças que arrastado pelas enxurradas contamina diretamente os córregos que abastecem as unidades familiares. Diante deste contexto, constata-se que a água que abastece os domicílios do assentamento Laranjeira I, necessita de tratamento adequado, em face dos fatores antrópicos que influenciam e põem em risco a sua qualidade, e a saúde humana. Coqueijo (2014) afirma que o controle da transmissão de doenças não depende somente da medicina, mas sim de ações governamentais, como a implantação do saneamento básico, de abastecimento de água e educação sanitária.

Segundo Alho (2012, p. 158), as pressões exercidas pelo próprio homem no meio ambiente “são perturbações que causam efeitos no bem-estar e na saúde humana”, fato constatado no assentamento Laranjeira I. Compreender os efeitos destrutivos das ações antrópicas sobre os ecossistemas, alimenta uma nova linha de reflexão sobre o binômio meio ambiente e saúde (PASSOS; CUTOLO, 2012). As imagens que evidenciam os dados apresentados nesta seção, seguem ilustradas na Figura 13.

3.3 Unidades de paisagem presentes nas propriedades

As propriedades do assentamento Laranjeira I tem o espaço organizado em unidades de paisagens naturais e antropizadas de acordo com as interações dos moradores com a terra. Define-se como unidade de paisagem, neste estudo, um sistema dinâmico onde fatores e elementos naturais e culturais interferem entre si, resultando numa configuração particular da ocupação da terra por meio

de modificações no relevo, cobertura vegetal, uso do solo (PINTO-CORREIA; D'ABREU; OLIVEIRA, 2001; FERREIRA; GONÇALVES; DIAS, 2008).



Figura 13. Fontes e arranjos de obtenção da água nos domicílios pesquisados no Assentamento Laranjeira I, 2013-2014. A. Captação de água encanada da nascente Acorizal pelo sistema de bomba por eletricidade; B. Água encanada da nascente do Genão/Carlão pela força da gravidade; C. Nascente do Françueldo; D. Água encanada pela força gravitacional em poço aberto da nascente Complexo Minas Serra; E. Poço individual fechado na nascente Complexo Minas Serra; F. Emaranhado de canos na Nascente Complexo Minas Serra; G. Água encanada do córrego da nascente do Françueldo por bomba de energia elétrica; H. Degradação do córrego da nascente Acorizal em consequência do pisoteio do gado; I. Armazenamento de água captada da chuva; J. Água salobra encanada de poço artesiano.

As unidades de paisagens identificadas nos lotes foram o quintal, a pastagem e a roça que compõem a matriz antropizada; e a área de vegetação nativa composta pela mata de galeria que envolve a mata do entorno das nascentes que segue ao longo da malha hídrica (Áreas de Preservação Permanente), e pela mata da encosta da serra, áreas estas que compõem a matriz de vegetação natural circundante.

O assentamento possui áreas de Unidades de Conservação obrigatórias desde a sua implantação. Estas áreas são definidas e conhecidas pela população moradora do assentamento como “Reserva do Pantanal” e a Serra (Formação Serra das Araras). De acordo com estudo de Kreitlow et al. (2013) em que foi observado o uso da terra no Assentamento Laranjeira I, nesta região existe o predomínio da vegetação nas áreas de conservação, fato associado ao cumprimento das exigências do Código Florestal pelos moradores no que diz respeito a conservação das áreas serranas.

Das propriedades 100% possuem quintal, 84% (36) possuem área de pastagem, 56% (24) área de roça, 72% (31) manutenção de área de vegetação nativa.

3.3.1 O Quintal

O quintal é uma unidade de paisagem que está presente em todos os lotes. Possui denominações diversas, tais como: quintal, terreno, terreiro, espaço de lazer, pátio, pátio da casa e chacinha. A denominação mais comum entre os moradores é quintal com 84% de citações. Na maioria das propriedades este espaço está situado ao redor da casa tendo como organização do lote a casa no centro, e ainda trata-se de um espaço delimitado geralmente por cercas. Em algumas propriedades a organização é diferenciada, sendo a casa localizada mais à frente do lote, tendo uma pequena porção do espaço à frente e maior parte atrás da casa. Neste caso uma moradora disse que o espaço em frente à casa denomina-se de “terreno” e o espaço ao fundo “quintal”.

Um outro morador denomina este espaço como “chacinha” (Figura 14A). Notou-se diferença na organização de seu lote, isto porque, a casa está situada

no canto superior à esquerda do lote e todo o espaço restante é a “chacrinha”, onde se tem cultivado laranja, banana, mandioca, feijão andu, e ainda uma pequena horta em pousio. No estudo de Carniello (2007) com populações tradicionais residentes na fronteira Brasil-Bolívia encontrou-se esta mesma denominação para o quintal, em que são cultivadas espécies agrícolas próximas à moradia.

Constatou-se que o quintal é uma unidade de paisagem organizada de modo a abrigar outras unidades de espaços, menores, destinadas ao cultivo de horta (Figura 14C), ao cultivo de plantas medicinais e alimentares (Figura 13B), à criação de animais (Figura 14E), ao lazer e festa (Figura 14D), ao armazenamento da produção agrícola, à ornamentação da residência. Por esta alta funcionalidade e inúmeras possibilidades de uso o quintal representa grande importância para as famílias do assentamento estudado.

Neste aspecto, foi registrada em 98% (42) das propriedades a importância deste espaço para o cultivo de alimentos para a subsistência, e em 56% para a criação de animais de pequeno porte como galinhas, porcos e patos. As plantas alimentares, além de serem cultivadas na roça, também são produzidas no espaço mais próximo da casa para facilitar as atividades cotidianas de manejo e coleta rápida para o uso. Constatou-se também, que nas propriedades onde não ocorre a prática de formação de roças, os moradores trazem a “roça para dentro” do quintal cultivando espécies alimentares exclusivamente neste espaço, e por isso, não descrevem como uma outra unidade de paisagem. Isto revela o quintal como importante unidade produtiva de alimentos de origem vegetal e animal destinados à subsistência, e ainda a manutenção neste espaço de espécies de interesse para os moradores.

Conforme Pedroga e Carniello (2008), considera-se que nas sociedades atuais o quintal, seja ele urbano ou rural, é o espaço mais próximo em que essas populações plantam, manejam, criam animais, desenvolvem atividades de lazer, religiosas e de trabalho cotidiano. Brito e Coelho (2000) afirmam que o quintal é uma porção de terra próximo à residência, de acesso fácil e cômodo, na qual se cultivam ou se mantêm múltiplas espécies que fornecem parte das necessidades nutricionais da família, bem como outros produtos, como lenha e plantas

medicinais. O exposto pelos autores elucida o encontrado no assentamento estudado.

No assentamento Laranjeira I é comum a prática de olericultura em hortas nos quintais, principalmente no período da estiagem, sendo que este espaço é implantado e manejado, na maioria das propriedades pelas mulheres e filhos. As atividades, tais como, o cultivo de plantas, cuidados com os animais de pequeno porte criados no quintal e a ornamentação da residência, também são de responsabilidade destes. Sobre este aspecto Amorozo (2008) afirma que realmente alguns membros da família possuem um contato diário mais intenso com este espaço, pois são encarregados dos cuidados e manutenção de plantas e animais. Estudos etnobotânicos constatam que em países latino-americanos incluindo o Brasil, o cuidado com os quintais é atribuído principalmente às mulheres (AMBRÓSIO et al., 1996; MADALENO, 2000; WINKLERPRINS, 2002).

Ainda que o cuidado do quintal seja uma atividade predominantemente feminina, constatou-se que os homens (maridos) ajudam no cuidado deste espaço em 67% (29) dos lotes amostrados. Em 19% (8) das propriedades o homem é o único responsável pelo cuidado com o quintal, isto porque, não se tem presença feminina na residência (solteiros e viúvos). Nos quintais sob os cuidados dos homens, notou-se que não existe grande preocupação com a organização do espaço quando comparado aos quintais cuidados pelas mulheres. As plantas são cultivadas aleatoriamente, misturando por exemplo ornamentais em meio as alimentares, não existe uma definição dos espaços destinados ao cultivo das plantas conforme a sua categoria de uso (ornamentais, alimentares, medicinais e outros usos). Este cuidado com a distribuição das plantas no espaço de acordo com a categoria de uso no assentamento Laranjeira I foi evidenciado nos quintais planejados pelas mulheres.

Além de sua importância como espaço de produção de alimentos, o quintal foi apontado por ser um importante espaço de lazer por 60% (26), bem como 14% (6) por outras atividades desenvolvidas, tais como, o comércio (borracharia, marcenaria, bar) e instalações e equipamentos usados na produção de farinha de mandioca. Estas atividades incorporam a este espaço,

atividades comerciais, as quais alteram o elenco de funções até então registrado para o espaço do quintal.

O quintal é um espaço que por si só é grande revelador da cultura de um povo. Por menor que seja, o proprietário tem a oportunidade de cultivar o próprio alimento e remédio, criar animais de pequeno porte para a subsistência ou como forma de aumentar a renda mensal comercializando aquilo o que é produzido, e ainda, receber amigos e familiares para uma conversa, festa ou qualquer outra atividade que envolva o lazer da família. Portanto, no quintal ocorrem vários “eventos” em que os proprietários são os principais autores das histórias contadas pelas suas trajetórias de vida e da cultura que mantem-se vivas e vinculadas a este espaço. É um local de interlocução de saberes e troca de conhecimento, onde segundo Barbosa e Carniello (2002) “estão enraizadas as marcas que refletem a cultura local em toda a sua complexidade”.

Os quintais das propriedades pesquisadas são locais depositários de inúmeras espécies de plantas. Em 100% dos quintais estão presentes plantas de origem exótica (introduzida), no entanto 46% (20) da população entrevistada possui o hábito de cultivo de plantas nativas coletadas em matrizes de vegetação local que cerca sua propriedade, e ainda 74% (32) mantêm a vegetação que já existia no local (espontânea) ocorrendo nesse meio vegetação nativa, bem como exótica que já havia sido cultivada nesses espaços por moradores que os antecederam na ocupação do lote.

Isto revela que neste espaço são mantidas espécies tanto exóticas, quanto nativas, e ainda que, são mantidas e trazidas para o quintal espécies que detêm algum interesse para o morador.

3.3.2 A Roça

Dentre as propriedades amostradas, 56% (24) possuem uma área destinada exclusivamente para a formação de roça. Estas áreas estão estabelecidas em locais próximos (12 propriedades) e distantes (12 propriedades) das residências.

Como revelado anteriormente, muitos moradores exercem suas práticas de cultivo nos quintais, trazendo de certa forma a roça para este espaço, seja

por maior comodidade, ou, por praticidade por se tratar do espaço mais próximo da casa. Além disso, alguns moradores não formam roças porque arrendam o pasto para outros moradores locais para o pastoreio de gado. Por isso, em algumas propriedades não se teve citação da unidade de paisagem “roça”, visto que alguns moradores reconhecem que o seu espaço de cultivo está compreendido no quintal.

Outro fator importante a ser mencionado como limitador para o desenvolvimento de roças em algumas propriedades, são as condições climáticas edáficas da região, dado também encontrado por Oler (2012) em seu estudo com comunidade tradicional e de assentamento rural no município de Porto Estrela, em Mato Grosso. A região da sede do assentamento é ligada diretamente à formação Serrana, cuja fitofisionomia é de Cerrado. Além disso, possui limitação para a produção agrícola no período de estiagem (seca) devido à escassez de água. Nas porções de áreas úmidas do assentamento, que permanecem alagadas grande parte do ano devido à proximidade com a Lagoa do Pantanal, possui restrição ao uso da terra para atividades agrícolas, por isso a pecuária é atividade produtiva de maior destaque no assentamento Laranjeira I. Este dado também foi mapeado por Kreitlow et al. (2013) na mesma região de estudo.

Um dos problemas mais mencionados para a manutenção da atividade agrícola em roças, é o ataque de animais silvestres tais como porco do mato, queixada e pássaros. Muitos afirmaram que não “compensa” plantar e colher nem a metade da produção agrícola, devido a ataque pelos animais silvestres. Isto em parte, se deve a localização geográfica em que os lotes foram implantados na planície entre Serras, e conectados as áreas úmidas do Pantanal.

O ano de 2014 foi um ano atípico para a população do assentamento, isto porque, em 2013 ocorreu uma das maiores secas e no ano seguinte (2014) se teve muita ocorrência de chuvas na região. Este aumento das chuvas de certa forma é um fator que poderia contribuir para a formação de roças nas regiões mais secas do assentamento. No entanto, as enxurradas formadas durante o

período das chuvas, fizeram com que algumas propriedades tivessem suas produções agrícolas totalmente destruídas.

Nas propriedades investigadas constatou-se que o preparo da terra para a formação das roças é feito tanto pelo gradeamento com trator, quanto manual. Corroborando os dados de Oler (2012), fazem o gradeamento com maquinário aqueles proprietários que possuem renda excedente para o pagamento do serviço. No assentamento três moradores possuem trator e prestam serviço de para as outras propriedades.

Quanto ao sistema de manejo adotado nas roças, é muito comum encontrar nas roças das propriedades a utilização do sistema de consórcio de culturas ou policultivo, principalmente nas roças de área reduzida. Conforme a Embrapa este tipo de sistema compreende a ocupação da mesma área agrícola por duas ou mais culturas em um mesmo período, sendo este mais comum em áreas de agricultura familiar (BRASIL, 2012).

Em 17% (7) das propriedades constatou-se a formação de roças sob a utilização do sistema de cultivo de monocultura e em rotação de culturas (BRASIL, 2012). Em muitas propriedades é comum encontrar monocultura de cana de açúcar, cultivada e utilizada para ração do gado leiteiro e de corte (Figura 13F). Para isto, alguns produtores possuem triturador de cana a motor elétrico. Estes equipamentos, assim como o uso de trator, caracterizam a mecanização da produção agrícola dentro das pequenas propriedades.

No sistema de consórcio, utilizado nas roças visitadas, constatou-se a predominância do cultivo de milho, mandioca e banana (Figura 13G). Entre as fileiras dessas espécies agrícolas são cultivados mais comumente, o feijão (catador e de corda), a abóbora, a melancia, o café e o maxixe (Figura 13H).

Em relação ao cultivo das variedades de banana (*Musa paradisiaca* L.) e mandioca (*Manihot esculenta* Crantz.), os agricultores plantam cada variedade em covas separadas, no entanto, em algumas roças constatou-se que o agricultor cultiva variedades distintas próximas umas às outras, na mesma fileira.

Em visita a uma roça de monocultura de mandioca, juntamente com o agricultor, perguntou-se sobre uma variedade de mandioca com o talo roxo, presente na roça, e o agricultor a denominou como “intrusa”. Ao se perguntar

sobre esta variedade, o mesmo disse não saber que a tinha em sua roça. Diante da constatação da variedade “intrusa”, o agricultor afirmou: *“Vô dexar ela aí pra ver o que que vira, se for boa depois nós reproduz, se não, nós joga ela fora”* (42, V.P.S., Assentamento Laranjeira I). No caso da mandioca, a proximidade no cultivo de variedades distintas, propicia o surgimento de uma nova variedade da espécie devido a polinização cruzada. De acordo com Pereira et al. (1978) a mandioca possui porcentagem de polinização cruzada de 63 a 100%, portanto a chance de cruzamento de variedades desta mesma espécie é muito alta. Diante disso, pode-se afirmar que o agricultor tem o hábito de experimentação de plantas, onde a planta que aparece espontaneamente na área de cultivo permanecerá somente se reproduzir algo de interesse.

No assentamento Laranjeira I, também constatou-se que a sazonalidade é um fator de importância, e ainda, fundamental para a produção agrícola. Os agricultores revelaram que existe a época do ano e o mês certos para o cultivo de algumas variedades. Diante de depoimentos identificou-se que variedades agrícolas, tais como o feijão e milho devem ser plantados na época de seca e chuva, respectivamente. Constatou-se por meio de relatos dos moradores que não há um mês definido para o cultivo, eles consideram temporalidade local: *“O milho a gente pranta em novembro e o feijão em fevereiro. O feijão não aguenta com água por isso nós só pranta na seca.”* (43, E.M.P., Assentamento Laranjeira I). *“O milho nós pranta em janeiro e o feijão em maio.”* (42, C.S.F., Assentamento Laranjeira I). *“O feijão mesmo nós pranta em março e abril...”* (22, M.M.M., Assentamento Laranjeira I). *“[...] o milho é em novembro e o feijão assim que chovê deve sê prantado...”* (68, M.J.B., Assentamento Laranjeira I). *“Nóis plantamo o arroiz em janeiro, porque ele gosta de água né... ai colhemo em maio... dai nós preparamo a terra né e depois que parô a chuva já plantamo o feijão [...] em maio mesmo...”* (52, L.T.S., Assentamento Laranjeira I)

Outro fator mencionado, pelos moradores, como importante para uma boa produção agrícola e revelador de marcas da manutenção de práticas agrícolas tradicionais no campo é a influência da lua no cultivo de determinadas culturas. Dentre os moradores, 32% (14) utilizam a “força da lua” (como eles denominam tal prática) como tempo certo para o plantio, sendo maiores detentores destes

conhecimentos a população mais idosa. Pilla (2006) também identificou que a população rural do Vale do Paraíba (São Paulo) faz ainda referência às fases da lua para plantar.

As práticas de manejo adotadas com orientação na lua seguem apresentadas na Tabela 5. Um morador sobre a utilização da lua para o cultivo, afirmou: “*Em época de fase da lua clara não pode colher que apodrece tudo, fase de colher é da lua escura.*” (65, J.V.M., Assentamento Laranjeira I). Dentre as épocas de lua, a mais utilizada pelos moradores é a Minguante.

Tabela 5. Práticas de manejo adotadas com orientação na lua pelos moradores do Assentamento Laranjeira I, 2013-2014.

Lua	Práticas de manejo
Cheia	Época em que se obtém melhores condições de plantio. Ex: Alho
Crescente	Época em que se obtém melhores condições de plantio.
Minguante	Época ideal para o cultivo de plantas tuberosas e oleaginosas. Impede que a planta “carunche”. Ex: Mandioca, milho, amendoim, feijão
Nova	Época propicia para o cultivo de arroz e de verduras.

Foram identificados alguns aspectos que diferenciam a agricultura utilizada por moradores nativos dos migrantes que se estabeleceram na região. Os moradores nativos desenvolvem a agricultura visando principalmente a subsistência, e a produção agrícola é resultado do trabalho conjunto de toda a família, extrapolando a divisão de trabalho para além das cercas que dividem as propriedades formando em alguns casos roças comunitárias. Desta forma os alimentos produzidos são divididos por toda família e quando são comercializados divide-se também a renda. Os migrantes priorizam a comercialização do que é produzido na propriedade, tanto no que tange a produção agrícola quanto a pecuária leiteira. Não constatou-se forte ligação familiar na produção agrícola dos moradores migrantes, tal como registrou-se para os produtores nativos.

Diante do contexto descrito, constatou-se que no assentamento Laranjeira I a organização das famílias para a formação de roças familiares visando a produção agrícola revela a necessidade de se produzir para sobreviver isto porque produzem para a própria despesa e para a obtenção de uma fonte de

renda extra. Esta forma de trabalho coletivo voltada a produção nas roças, também pode ser uma forma que os mesmos encontraram para produzir com maior eficiência e menor custo, visto que há um número maior de pessoas de apoio no trabalho destinado à produção.

Esta constatação corrobora o afirmado por Amorozo (2013), de que a conservação da agrobiodiversidade pelos pequenos agricultores está diretamente associada e dependente das motivações que alimentam o mesmo, incluindo razões de sobrevivência, questões culturais ou maximização de rendimentos financeiros.

3.3.3 A Pastagem

A pastagem é uma unidade de paisagem amplamente utilizada no assentamento Laranjeira I, como suporte para a criação de gado leiteiro e de corte. Trata-se de uma unidade formada por plantas forrageiras naturais e introduzidas.

Constatou-se que muitas propriedades mantêm a pastagem nativa com espécies forrageiras naturais da região, isto porque, o custo para formar o pasto é alto e a maioria dos proprietários não possui condições financeiras favoráveis para este tipo de investimento. Deste modo, nestas unidades utilizam-se além da pastagem nativa, as folhas jovens do extrato arbóreo, a cana triturada, por alguns as folhas de mandioca como complemento alimentar do gado.

Nas propriedades em que os assentados não fazem o uso da área de pastagem, é realizado o arrendamento das áreas para outros moradores que desenvolvem atividade pecuária mas não possuem pasto suficiente para atender a demanda alimentar do seu rebanho bovino. Esta portanto, passa a ser uma fonte alternativa para a obtenção de renda.

Aqueles que possuem criações de gado e condições financeiras para viabilizar os custos, na formação de suas pastagens com forrageiras introduzidas, tais como capim braquiária umidícula (*Brachiaria humidicola* (Rendle) Schweick.) e o braquiarão (*Brachiaria brizantha* (A.Rich.) Stapf), que respondem muito bem na alimentação bovina. Ainda, em algumas propriedades

tem-se o cultivo em pequenas áreas de capim anapiê (*Pennisetum purpureum* Schumach.) e o capim mombaça (*Panicum* sp.) também destinados como forma de complementação alimentar bovina.

Em visita a uma propriedade constatou-se a presença de pastagem degradada, com sinais recentes de aplicação de veneno (Figura 14I). Em outros lotes a pastagem está estabelecida em áreas de regeneração da vegetação natural principalmente de espécies arbóreas (Figura 14J). O estado de regeneração da pastagem resulta como opção do proprietário em manter preservada a vegetação nativa, por servir de sombra para o gado e como proteção da casa contra o vento quando ocorrem temporais.

Em 19% (8) unidades destacou-se o reflorestamento intencional da área de pastagem por espécies arbóreas de interesse dos moradores, tais como o Cedro ou cedrinho (*Cedrela fissilis* L.), Guatambú (*Aspidosperma subincanum* Mart.), Angico (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan), Ipê amarelo (*Handroanthus vellosi* (Toledo) Mattos), Paratudo (*Tabebuia aurea* (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore), Mogno (*Swietenia macrophylla* King), Peroba rosa (*Aspidosperma polyneuron* Müll.Arg.), entre outras, com interesse madeireiro para lenha, construção de cercas, casas, curral, ferramentas, entre outros.

O que tem gerado insatisfação e desentendimento entre alguns moradores, é a presença de novos proprietários de lotes que estão acumulando terras disponibilizadas por pessoas legalmente assentadas, em região próxima à área de reserva do Pantanal. Segundo os moradores vizinhos, os proprietários recém chegados, possuem perfil de fazendeiros e estão cercando parte da reserva alegando fazer parte dos seus lotes, além de soltar o gado de corte para dentro da reserva para a engorda com o capim nativo. Em entrevista um morador local afirmou que

“Esse daí tá querendo enricá soltando o gado dele na Reserva, ele tá engordando o gado tudo com o capim nativo, esse capim é muito mais nutritivo que os outro [...] os gado dele tão acabando tudo com o capim nativo da reserva, e o engraçado é que ninguém fala nada... essas época ai fui quase preso porque veio a polícia ai e disse que eu tava cercando o pantanal... esse ai já tomô conta de tudo e ninguém faz nada...” (64, L.R.S., Assentamento Laranjeira I).

A partir do depoimento anteriormente mencionado, nota-se que não existe uma preocupação quanto à conservação do Pantanal. A ressalva do morador evidencia a indignação quanto ao impedimento de utilizar a pastagem natural do Pantanal para a engorda do seu gado, visto que o morador recém chegado está se beneficiando desta mesma prática a qual, tempos atrás ele foi proibido de executar, por impedimento legal.

Segundo o estudo de Carniello (2007) com populações tradicionais rurais que vivem em região de fronteira do Pantanal de Cáceres, a prática de criação de gado em regiões de pastagem nativa em áreas úmidas e pantanosas é que assegura a alimentação bovina no período de estiagem, pois se trata de uma complementação alimentar a um menor custo. Porém, isto não ocorre em áreas protegidas, são extensas pastagens mantidas com a vegetação natural.

Observou-se em grande parte das propriedades o desejo de melhorar as condições de trabalho na atividade pecuária, por meio de construções de currais cobertos e piquetes para bezerros, além do desejo de crescer financeiramente e melhorar as condições de vida da família. Isto foi evidenciado a partir da fala de uma moradora: *“Ah não menina, vai sê bão demais quando termina de arrumá esse curral ai... tem dia que é ruim acordá de manhã cedinho quatro hora da manhã pra tirá leite embaixo de chuva... pelo menos nós vamo tá mais protegido... e protege as vaca também que fica no tempo né...”* (54, M.A.S., Assentamento Laranjeira I).

Ao mesmo tempo, que a pastagem é uma unidade de paisagem que enfrenta entraves ligados ao ambiente, é também importante para a vida dos assentados visto que nesta área se desenvolve a pecuária que é a principal fonte de renda dos moradores, e faz parte dos planejamentos futuros dos assentados.

3.3.4 A Mata e o Pantanal

As áreas de paisagem natural são muito importantes no cotidiano dos moradores do assentamento Laranjeira I. A vegetação nativa estabelecida na encosta da serra e na mata de galeria é muito presente no dia a dia dessa população, seja como medicinal, madeireira, alimentar ou outras utilidades.

Existem espécies vegetais que estão presentes somente nestas áreas e por se constituírem como úteis a população são coletadas quando seu uso é requerido. Para isso foram criadas trilhas em meio a mata que vão até a espécie de interesse.

A população possui uma relação estreita com os córregos e a lagoa do Pantanal. Nenhum dos entrevistados relatou a pesca como uma fonte de renda ou meio de sobrevivência, no entanto, muitos pescam em pequena quantidade por lazer e para a subsistência (Figura 14KL). Em decorrência da proximidade do córrego a pesca é frequentemente praticada pelas mulheres do assentamento.

Trata-se de uma atividade que faz parte do cotidiano de uma moradora, que depois de terminar as atividades domésticas, faz da pesca um meio de distração. Associados aos comentários da moradora sobre a pescaria, ela exhibe o produto pescado, além de detalhado conhecimento sobre a dinâmica fluvial entre o Pantanal e o córrego que passa pela sua propriedade, curso de água formado pela Nascente do Françueldo, localizada a aproximadamente 500 metros da casa. A moradora e o esposo afirmaram que o córrego seca antes de chegar no Pantanal, mas na época chuvosa em que o Pantanal enche e alaga sua propriedade e se estabelece uma conexão entre o córrego e Pantanal. Os peixes então sobem córrego acima, e quando chega o período de estiagem em que não há mais conexão entre o córrego e a lagoa do Pantanal alguns espécimes de peixes permanecem no córrego. Este relato revela o modo pelo qual os moradores compreendem a dinâmica sazonal e fluvial existente entre os cursos de água e a Lagoa do Pantanal, bem como do recurso pesqueiro local.

A Lagoa do Pantanal é indicada como um lugar que faz parte do lazer dos moradores do entorno. Alguns moradores construíram uma casa próxima à Lagoa, onde há um barco com motor de uso comum a todos do assentamento. É mais comum a ida dos homens à lagoa, geralmente vão em grupo de amigos para pescar e a noite se protegem na casinha. Muitos dizem preferir não dormir por lá, isto porque, há muita onça e sucuri na região. Existem histórias de pescadores que foram atacados por sucuri dentro do barco durante a pesca, e ainda de onças que apareceram durante a noite ao redor da referida casa.

É notória a percepção de alguns moradores sobre a importância da conservação da região de Reserva do assentamento e do Pantanal. Os moradores que moram próximos à formação serrana revelaram que em época de estiagem em que aumenta o número de casos de queimadas, fazem “aceiros” para conter o fogo e evitar o aumento de áreas queimadas. Relatos reverberam a ocorrência de queimadas na região, e os moradores locais ajudaram a brigada de incêndio do ICMBio a conter e apagar as chamas. Estas ações desenvolvidas pelos moradores do assentamento elucidam o exposto por Silva et al. (2013), que no âmbito da Educação Ambiental não-formal ressaltam a importância de se trabalhar com todo e qualquer cidadão a valorização da sua responsabilidade individual e coletiva, em relação ao meio ambiente. As imagens que elucidam estas seções estão apresentadas na Figura 14.

3.4 Mobilidade espacial das famílias no assentamento

Ao longo da realização deste estudo, constatou-se um fluxo dinâmico de entrada e saída de moradores no assentamento. Houve a troca de proprietários em oito (19%) dentre as 43 propriedades envolvidas na pesquisa.

Em uma das propriedades os moradores residiram por 6 meses. Eram servidores públicos aposentados, e que compraram o direito da terra visando viver com mais tranquilidade e qualidade de vida, no entanto são pessoas de hábitos e cultura urbana, e mesmo tendo vivido parte de suas vidas no campo não se adaptaram ao local. A referida moradora afirmou ter vindo para o campo por desejo do marido, mas que ela sempre gostou de morar no meio urbano. Ainda afirmou que um dos fatores negativos eram as péssimas condições de acesso ao assentamento.

A propriedade ocupada por esta moradora, foi readquirida pela moradora assentada (moradora antiga). A segunda, atualmente encontra-se impossibilitada de desenvolver suas atividades laborais e permanecer no lote. No entanto, os seus filhos (quatro), também assentados em lotes contíguos ao dela, cuidam da propriedade, sendo que o filho que mora em lote ao lado é o maior responsável por realizar o cuidado com a propriedade.



Figura 14. Unidades de paisagem presentes nas propriedades pesquisadas no Assentamento Laranjeira I. A. Quintal denominado como “Chacrinha”; B. Produção agrícola no quintal; C. Horta produzida no quintal sob os cuidados da mulher e dos filhos; D. Espaço destinado ao lazer e receber visitas no quintal; E. Criação de animais soltos no quintal; F. Monocultura de cana de açúcar destinada a alimentação bovina; G. Roça de policultivo de milho e banana; H. Roça em sistema de policultivo e rotatividade de culturas (milho, banana, mandioca e feijão); I. Pastagem degradada em consequência do uso de veneno; J. Pastagem em estágio de regeneração; K. Córrego da Nascente Acorizal destinado ao lazer (banho) de alguns moradores; L. Neto de assentado pescando no córrego (Nascente Acorizal) que atravessa o lote.

Trata-se de situações e necessidades do proprietário de se desfazer de um lote e ao mesmo tempo a manifestação do desejo de permanecer na propriedade conquistada. Isto pode ser explicado por dois fatores: a venda foi efetuada devido à condição instável de saúde, associada a longevidade do proprietário que possui uma história de vida construída no meio rural e prima pela manutenção do direito à posse da terra. Tal manutenção tem significado de

conquista do espaço em que são reveladas práticas e vínculos individuais e familiares de história e identidade com o manejo agrícola.

As duas práticas: permanecer ou vender a propriedade são dois sentimentos antagônicos, onde vender é contrário ao marco legal vigente aplicado aos assentamentos rurais. Porém, exprime que a conquista e a permanência na terra estão associadas não só a aspectos como, condição de produção agropecuária envolvendo tanto possibilidades agronômicas locais e fomentos, quanto de limitações físicas do assentado. Na evidência da limitação física a condição, imediata, julgada mais adequada no momento foi “vender o lote”. No entanto, quando os novos proprietários manifestaram o desejo de não mais permanecer no lote, a antiga proprietária sexagenária, a partir de decisão tomada em conjunto com os filhos, readquiriu a posse da terra.

Neste caso, a superação das variáveis que se impuseram naturalmente, parece estar emanada a cultura da família agricultora, cultura esta que imprime e exerce uma força reveladora de que a atividade agrícola “o prazer de plantar”, expressado por Amorozo (2002) e a permanência na terra constituem elementos que se sobrepõem as dificuldades enfrentadas pelos agricultores assentados.

Em outro caso os proprietários de um dos lotes arrendaram a sua terra para outro morador do assentamento, e se transferiram para a cidade. As causas da mudança atribuídas pelos proprietários são a falta de água no assentamento e as dificuldades para produzir, e ainda o emprego conquistado pelo chefe da família na cidade. A terra, então, foi arrendada para um morador que atua fortemente na pecuária no assentamento Laranjeira I, e usa o espaço do lote arrendado como local de armazenamento da carne bovina depois do abate.

A evasão dos moradores do assentamento Laranjeira I para o meio urbano, é então caracterizada por um conjunto de fatores, tais como descreveram Marques, Santo e Cêpeda (2002) ao avaliar os possíveis motivos que contribuem para a evasão, sendo eles: mão de obra insuficiente para o trabalho no campo, problemas de saúde, falta de incentivo do governo, dívidas bancárias, produção agrícola insuficiente, problemas de infraestrutura, falta de conhecimento agrícola, entre outras razões. Um fator também evidenciado foi a baixa capacidade de geração de renda, também revelada por Mello (2006) como

uma situação que dificulta a manutenção das famílias nos assentamentos rurais, estando estas sujeitas a maiores possibilidades de evasão.

Além da entrada e saída de moradores no assentamento Laranjeira I, também foi verificada a transferência de lotes dentro do assentamento com 7% (3) dos assentados. Esta troca é solicitada ao Incra, responsável por dar o parecer que libera, ou não, o rearranjo dos moradores e remanejamento dos lotes. As transferências solicitadas no assentamento Laranjeira I têm como justificativas a falta de adaptação ao lote em que foram anteriormente assentados devido a improdutividade do solo e a falta de água. A improdutividade do solo relaciona-se, não ao fato de ser um solo infértil, mas por ser um lote assentado sobre afloramento rochoso e não proporcionar condições para o plantio. Nestes casos, os moradores solicitaram a troca para a ocupação de lotes em regiões mais úmidas, que até então estavam desocupados, e que na concepção deles, são áreas mais férteis.

Conforme Mello (2006), tal troca não se configura como evasão rural, e sim como uma prática que compõe a ideia de rotatividade, muito comum aos assentamentos rurais. O mesmo autor define que o termo evasão caracteriza a fuga ou saída da política de reforma agrária, enquanto que a troca demonstra a mobilidade dos assentados dentro da reforma agrária.

Obteve-se um caso específico de evasão do assentamento Laranjeira I. O morador de uma das propriedades foi contratado como caseiro pelos proprietários do lote e portanto seu vínculo com a terra onde estava habitando era temporário. Neste caso não havia relação de vínculo cultural, nem com a política de reforma agrária e muito menos com o local, o vínculo que o mantia no assentamento era empregatício.

Outro fato revelador da mobilidade existente para dentro do assentamento Laranjeira I foi a chegada recente de um casal jovem para cuidar da propriedade adquirida pelo patriarca do homem. A moradora possui histórico de vida urbano e o morador (seu marido) possui experiência na vida no campo, devido à prestação de serviços realizada em fazendas. Trata-se de um casal recém-casado que agora possui a oportunidade de cuidar da própria terra. Em

entrevista com o casal, constatou-se a satisfação manifestada por eles em morar no assentamento, bem como o prazer de iniciar suas vidas juntos no meio rural.

3.5 Formação de comunidades e condomínios familiares

Os assentamentos rurais são espaços que deslocam pessoas de um lugar para outro, recompondo de certa forma uma comunidade que cria necessariamente dinâmicas de sociabilidade, tais como adaptações das experiências passadas, bem como outras criadas pela nova situação e pelo novo meio de vida (GIULIANI; CASTRO, 1996).

No assentamento Laranjeira I, constatou-se que desde a época em que os moradores permaneceram nos acampamentos sem-terra, estavam presentes famílias inteiras com diferentes graus de parentesco, dentre eles, pais, filhos, irmãos, cunhados, concunhados, primos, tios e avós. Todos estavam em busca da conquista e obtenção da terra própria. Dessa forma quando conseguiram os lotes, mudaram-se todos para o mesmo assentamento, porém em lotes distintos. Assim, foram sendo formadas as suas organizações familiares. Ainda no assentamento, existem casos de assentados que conseguiram a terra e depois trouxeram os familiares mais próximos como pais, irmãos e filhos para firmar residência no mesmo lote.

Ocorrências desta natureza são comuns no Assentamento Laranjeira I. Os arranjos que promovem o agrupamento de famílias de mesmo núcleo familiar possuem características diferentes entre si, aqui denominados como comunidades e condomínios familiares.

Classificou-se como “*comunidades familiares*” a formação de um grupo social de pessoas com o mesmo vínculo de parentesco residentes em lotes distintos de disposição contígua e/ou próximos uns dos outros. Neste tipo de arranjo familiar as famílias desenvolvem atividade agrícola conjunta, manejando e produzindo na mesma roça, em divisão do que é produzido, bem como a renda obtida pela venda do excedente e forte vínculo com a terra, e os recursos ecossistêmicos do lugar. Sob a definição, foram identificadas quatro comunidades familiares dentro do assentamento (Figura 15).

Diegues et al. (1999) classificam como comunidade tradicional aquela formada por populações que vivem no meio rural e possuem dependência dos recursos naturais, dos seus ciclos e de seus produtos para a reprodução dos seus modos de vida. Estas populações transmitem os seus conhecimentos de geração a geração por meio da oralidade (DIEGUES et al., 1999; GEERTZ, 2000).

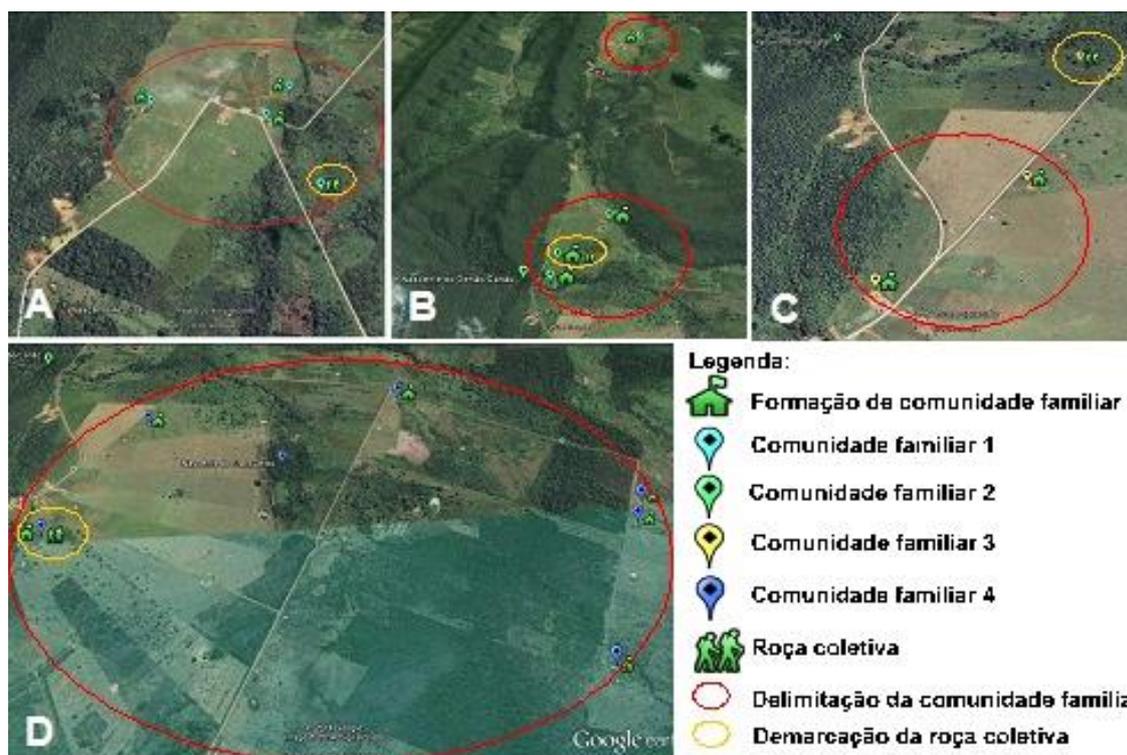


Figura 15. Formação de comunidades familiares no Assentamento Laranjeira I, 2013-2014.

Diegues et al. (1999) afirmam que a unidade familiar e/ou de vizinhança é uma das características mais importantes no modo de vida dessas populações que produzem para sua subsistência e para atender o mercado. Embora este conceito seja atribuído às populações tradicionais, constatou-se que o assentamento Laranjeira I, uma comunidade não tradicional, possui traços semelhantes no que se diz respeito à formação das organizações familiares. Neste caso, por se tratar de um assentamento rural, a comunidade atua com forte representação e influência política, ao contrário do que se tem como característica recorrente nas comunidades tradicionais.

Tal como o evidenciado no assentamento estudado, Giuliani e Castro (1996) afirmaram que em assentamentos rurais as relações familiares se mantêm de forma muito importante, e por isso os núcleos familiares ocupam os lotes que os deixam mais próximos fisicamente das suas famílias de origem.

Das comunidades familiares presentes no assentamento Laranjeira I, identificou-se que esta forma de organização familiar tem relação direta com a organização e manejo das roças. Nestes tipos de comunidades a roça é formada exclusivamente em uma das propriedades, onde todos trabalham coletivamente e dividem a produção para a subsistência de cada família e/ou o lucro obtido, quando se faz a comercialização. Entretanto, estas famílias também possuem em seus lotes espaços individuais de cultivo para a subsistência que geralmente não entram na partilha com toda a comunidade familiar.

Uma das comunidades familiares do assentamento (Figura 15D), adota especificamente como critério de escolha para o local da formação da roça, o lote de um dos integrantes da família que está situado em área não alagável (Figura 17C). Esta escolha pela área mais adequada à produção agrícola é essencial para que a família obtenha bons produtos, e portanto, uma boa colheita. Na roça são cultivados produtos, tais como, feijão, banana e melancia, que atendem à demanda de subsistência e comercialização. O morador proprietário do lote afirmou que em 2013 a colheita foi melhor do que o esperado: *“Esse ano deu tanta melancia que nós vendemo mais de um carrinho cheio!”* (25, L.R.S.F, Assentamento Laranjeira I). Constatou-se a tentativa de formação de roças para o cultivo de feijão em lote em região alagável, no entanto, não se obteve uma boa produção e ainda perderam grande parte das sementes que não germinaram, em consequência da enchente (causada pela cheia do Pantanal) e do solo arenoso (Figura 17DE). Portanto, nestes lotes a família desenvolve principalmente a atividade pecuária.

No lote de outra comunidade familiar (Figura 15 B) é adotado o sistema de monocultura de mandioca variedade liberata (Figura 17F), que segundo o agricultor, no ano de 2013 foram cultivados 4100 pés de mandioca (Figura 17B). Dessa produção a cunhada do agricultor, juntamente com o marido (irmão do agricultor), filhas e irmãs, fazem a farinha de mandioca para a comercialização

dentro e fora do assentamento. As famílias então, dividem o lucro da venda, divisão denominada por eles de “a meia”. O mesmo sistema de processamento da mandioca é adotado com a matéria prima produzida por outro moradora do assentamento, que não possui parentesco com a família, mas como tem cultivo da variedade liberata no seu quintal também fornece para a produção da farinha, recebendo parte do lucro obtido com a venda.

A mandioca produzida pela família, além de utilizada para a produção da farinha, é destinada a subsistência e, ainda comercializada como alimento preparado pela mulher e cunhada do agricultor em estabelecimento de funcionamento ocasional (dias de maior aglomeração de pessoas) na sede do assentamento, denominado pelos moradores de “Bar do Genão”, em que é comercializado um petisco em porções compostas por espeto de carne bovina e mandioca (Figura 17G). Este estabelecimento comercial é mantido em sociedade pelo agricultor com o seu concunhado, portanto o lucro é dividido entre duas famílias.

Em outra comunidade familiar foi registrado o cultivo da roça com banana (variedades maçã e de fritar), milho, abóbora e feijão (Figura 15A). Nesta roça trabalham o pai, dois filhos e os netos. A maior parte da produção é destinada para a subsistência de toda a família. Entretanto, como a produção de banana é maior e supera a demanda do consumo familiar, é realizada a venda do excedente dentro do assentamento e na cidade de Cáceres (Figura 17H). O agricultor afirmou: *“É eu levá essas banana pra cidade e vende tudo!”* (57, A.S.P., Assentamento Laranjeira I). Esta afirmação revela que trata-se de um produto de grande aceitação, quanto à sua comercialização. Nesta mesma comunidade, o patriarca (80, N.S.P) chefe da família, produzia mandioca e fazia a farinha para a venda, mas devido à idade avançada e aos problemas de saúde deixou de produzir e comercializar, e nenhum dos filhos deu continuidade à produção farinheira, antes assumida pelo pai.

Isto demonstra que, neste assentamento os agricultores introduziram práticas que envolvem escolhas de espécies agrícolas, formas de processamento de produtos derivados e formas de organização social de produção independentemente da vocação definida formalmente no projeto de

assentamento rural. Entretanto constata-se, que está ocorrendo a ruptura das formas artesanais e tradicionais de processamento de produtos agrícolas, ainda encontradas nos assentamentos. Uma delas tem se dado em decorrência do envelhecimento dos patriarcas, e os filhos não têm dado seguimento a tais práticas como por exemplo a produção de farinha de mandioca artesanal. Pilla (2006) em seu estudo com populações rurais do Vale do Paraíba (São Paulo) identificou que muitos hábitos de processamento tradicional de produtos agrícolas são ainda preservados, no entanto não são reproduzidos com tanta frequência pela comunidade rural.

A outra forma, aqui diagnosticada compreende a ênfase comercial sobre variedades e produtos derivados em detrimento da cultura diversificada de espécies e variedades do respectivo produto manufaturado. Ainda assim, pode-se assegurar que com o passar do tempo, as organizações sociais e as respectivas práticas implementadas demonstram que os lotes do assentamento Laranjeira I são espaços em que, as marcas de culturas tradicionais, manejo e relação com o ambiente se confirmam presentes e manifestadas em rearranjos familiares e da ocupação e uso da terra.

Foram classificados como “*condomínios familiares*” aqueles lotes em que reside um grupo de pessoas com algum grau de parentesco, formando espaços semelhantes a condomínios urbanos, com várias casas construídas em um lote, cujas obrigações e direitos são comuns. Foram encontrados três condomínios familiares no assentamento Laranjeira I (Figura 16). No assentamento Laranjeira I, quanto à característica organizacional dos lotes que formam os condomínios familiares constatou-se a construção de modelos distintos. Em um dos condomínios (Figura 16A) tem-se uma casa construída no centro do lote e ao redor foram construídas três casas de entes parentais (mãe, pai, irmã, sobrinho e cunhado). A casa do centro é da família proprietária do lote, na casa dos lados esquerdo e direito moram respectivamente a mãe e o pai. Ao fundo do lote se estabeleceu a irmã com sua família. A moradora revelou que depois de um período morando no lote trouxe os pais e a irmã para morarem com ela, promovendo a reaproximação da família, bem como maior conforto.

No lote, todos trabalham juntos na pequena roça localizada aos fundos e na horta presente no quintal. Tudo o que é produzido é para a subsistência da família. De acordo com a moradora, organizados desta forma chegaram a produzir durante uma época para vender para a escola, como fonte de renda extra. Os produtos agrícolas comercializados foram mamões, abacaxi, abóbora e hortaliças. Como a produção tornou-se insuficiente para atender a demanda exigida pela escola, pararam de entregar.

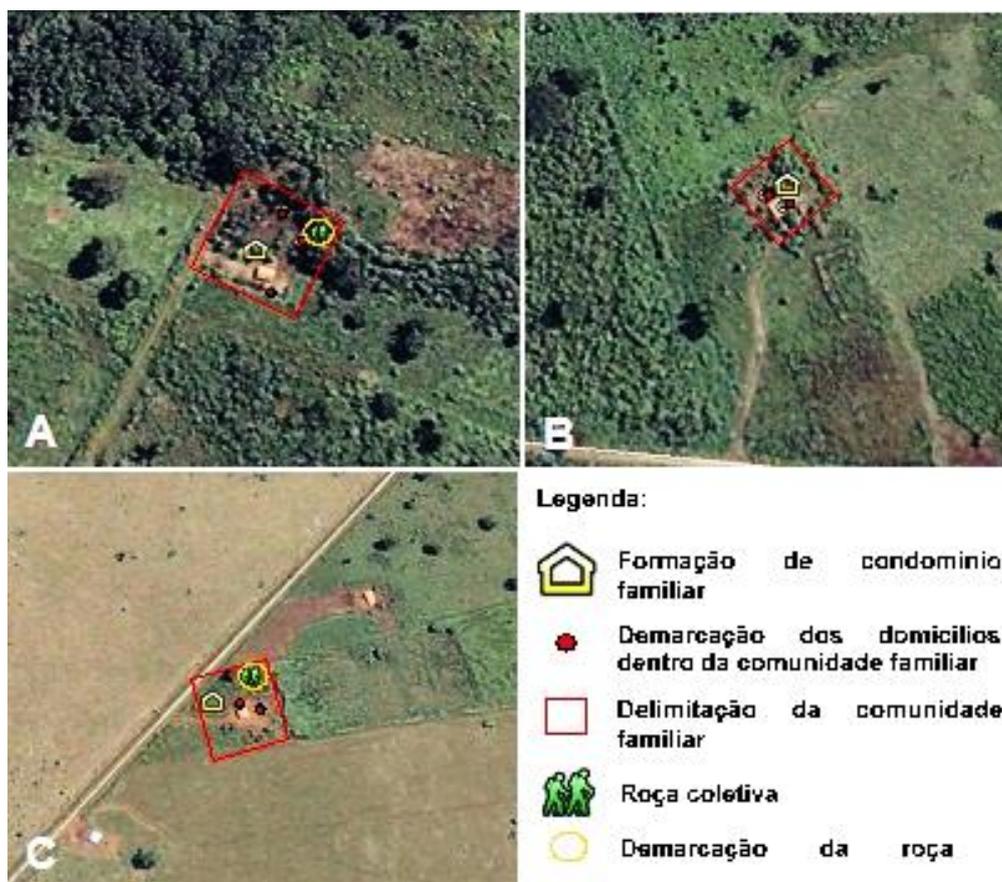


Figura 16. Formação de condomínios familiares no Assentamento Laranjeira I.

Em outro condomínio, tem-se a casa da proprietária na frente do lote e ao fundo a casa do filho que ao constituir família (mulher e filhos), construiu uma casa no mesmo lote (Figura 16C). Também adotam a prática coletiva de cultivo de alimentos no quintal para a subsistência da família (Figura 17AB). Notou-se que neste condomínio o espaço que separa a área entre as duas casas não é delimitado por meio de cercas. Os moradores formaram “linhas imaginárias”

como uma forma de delimitar os seus espaços dentro do lote. Em contraste, o terceiro condomínio possui o lote dividido por cerca que separa as duas casas existentes. Neste lote moram mãe e filho em casas distintas. O filho é servidor público, trabalha na escola como vigilante, possui família que reside em outro município, o que impossibilita a união de cônjuges no assentamento, e por isso permanece na casa somente quando vai ao assentamento para fazer os plantões de vigilância na escola.

Neste terceiro condomínio constatou-se a troca de material vegetal entre as casas (Figura 15B). O filho traz mudas de plantas da casa que possui juntamente com a esposa em outro município, planta em seu quintal e doa para a mãe que também faz o cultivo no quintal. Porém, neste lote não há produção agrícola em conjunto. Isto pode estar relacionado ao fato do filho da proprietária desenvolver atividade sem vínculo com a terra, e permanecer no local somente em decorrência do trabalho assalariado. Segundo Leite et al. (2004) as famílias rurais, geralmente, são assentadas onde não existe infraestrutura mínima adequada para constituir uma comunidade. No assentamento Laranjeira I, verificou-se que as famílias buscam formas alternativas de produção agrícola visando a subsistência e conseqüentemente a permanência no campo, atuando de forma conjunta e solidária.

Neste sentido, Scopinho (2007) afirma que a cooperação é uma ação organizada com base em valores mutualistas que se transforma em um importante recurso para superar as dificuldades decorrentes da insuficiência de políticas públicas, especialmente agrária e agrícola, que possibilitem ao trabalhador rural produzir e reproduzir-se no campo. A mesma autora afirma que por meio da cooperação, são favorecidas condições para desenvolver a sociabilidade nos assentamentos, e quando aliada à geração de renda, é essencial para possibilitar a permanência das famílias nos assentamentos e evitar novos êxodos rurais. O afirmado anteriormente pela autora, está em conformidade com os dados obtidos no assentamento Laranjeira I. A forma como todos os membros da família, pertencentes às organizações familiares, se ajudam e colaboram para manter a subsistência do núcleo familiar, propicia a manutenção desses grupos no assentamento. Este é um dos indícios de que

existem no assentamento Laranjeira I vestígios de práticas tradicionais da atividade rural por algumas famílias assentadas. As imagens que representam os dados descritos nesta seção, estão apresentados na Figura 17.

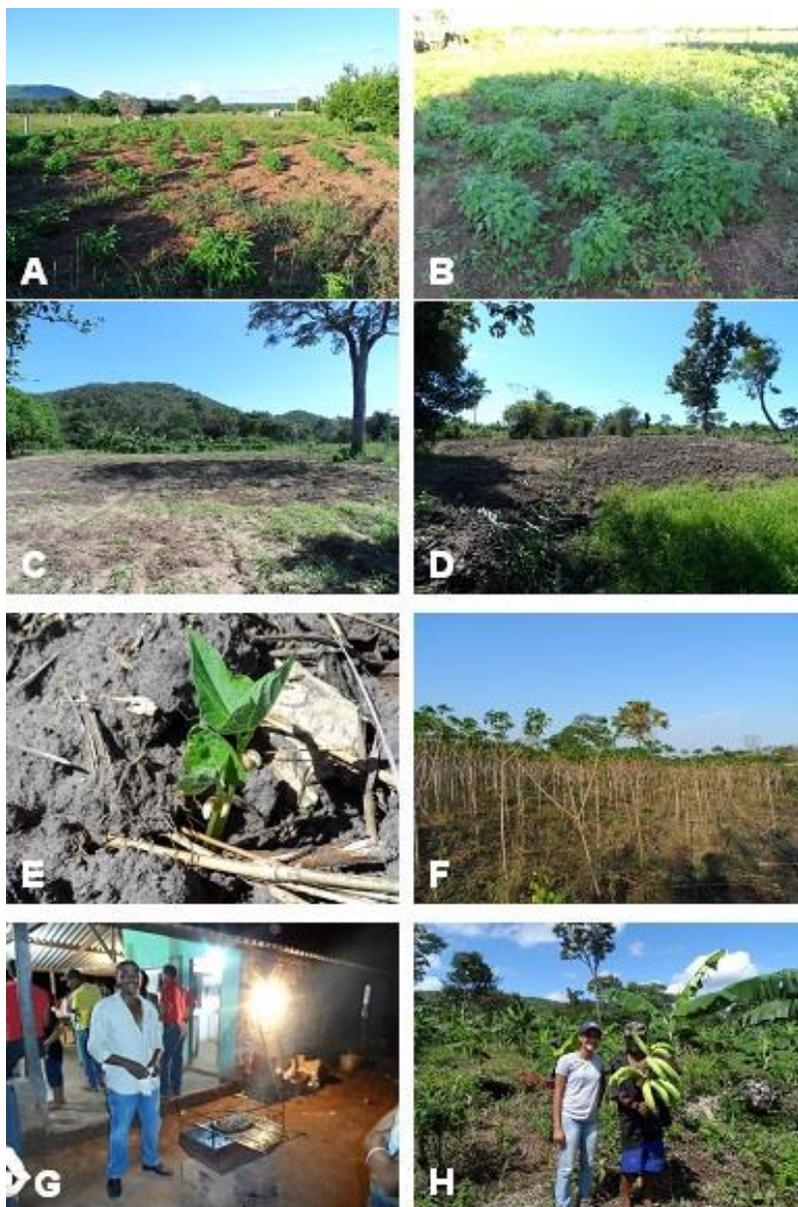


Figura 17. Formação de roças coletivas pelas comunidades e condomínios familiares do Assentamento Laranjeira I, 2013-2014. AB: Roça de mandioca e feijão catador em condomínio familiar na sede do assentamento; C. Roça de comunidade familiar, cujo critério de escolha para produção é o lote situado em área não alagável; DE. Roça de feijão não produtiva devido o cultivo em lote de região alagável; F. Monocultura de mandioca var. liberata, cultivada por comunidade familiar; G. Bar do Genão, venda de espeto de carne bovina e mandioca cozida da roça coletiva; H. Roça de banana produzida por comunidade familiar no início do assentamento.

4. Considerações finais

A população do Assentamento Laranjeira I é composta em sua maioria por migrantes originários de outros estados do país, o que evidencia a diversidade cultural existente neste espaço e proporciona a troca de conhecimento sobre as diversas atividades implementadas.

A presença de pessoas de idade mais avançada no assentamento, indica um dado comum aos assentamentos rurais. Mantêm-se no meio rural pessoas que possuem identidade campesina e que viveram maior parte de suas vidas neste meio. É comum, diante do constatado neste estudo, a migração da população jovem, filhos dos proprietários dos lotes, para os centros urbanos. Isto demonstra o desinteresse dos jovens em dar continuidade aos trabalhos agrícolas realizados pelos patriarcas, o que contribui para a perda do conhecimento e da tradicionalidade nas diferentes formas de cultivo e processamento de produtos agrícolas produzidos artesanalmente. Mesmo nas propriedades em que os filhos contribuem nas atividades agropecuárias, acredita-se que o conhecimento vertical sobre a diversidade não será mantido por muito tempo, tendo em vista que os pais desses jovens já não mantêm a tradicionalidade das práticas agrícolas, dando lugar ao processamento e agroindustrialização da matéria prima produzida nas atividades agropecuárias.

Constatou-se por meio deste trabalho, que a escolarização (maior nível) representa um fator que propicia a evasão das atividades agrícolas e conseqüentemente a mudança dos jovens para o meio urbano, uma vez que neste assentamento identificou-se que a agricultura é uma atividade indissociada da escolarização. Os jovens não possuem o desejo e objetivo de se formarem em um curso de nível superior e trazer o conhecimento adquirido para dentro do assentamento e da propriedade, os interesses estão voltados ao mercado de trabalho externo a este local.

Grande parte dos produtores do assentamento Laranjeira I não utilizam a atividade agrícola como principal fonte de renda e sustento das suas famílias. A maioria utiliza a pecuária de gado leiteiro como principal fonte de renda, que mesmo sendo de baixa produtividade, comercializam a produção, o que garante a obtenção de renda fixa no final do mês. Esta produção visando a obtenção de

renda para o sustento da família indica a visão do pequeno produtor rural como assalariado, que na maioria das vezes, conforme constatado neste assentamento compra produtos agrícolas de outros moradores ou na cidade ao invés de produzi-los na sua roça. Acredita-se que este meio de obtenção de renda, além da produção agrícola para a subsistência de alguns moradores, seja uma forma de manter essas famílias no meio rural. Algumas famílias deixaram de produzir na roça e passaram a cultivar plantas alimentares no próprio quintal, visto que não produzem em grande escala mas somente para o autoconsumo. Esta afirmação evidencia a importância do quintal como espaço de manutenção das espécies agrícolas alimentares essenciais para a subsistência das famílias.

Percepções inadequadas sobre a conservação, utilização e distribuição da água proveniente das nascentes foram constatadas no assentamento, motivo que ao longo do histórico de fundação e recentemente têm gerado conflitos entre moradores. Nestes conflitos foi evidenciado o sentimento de posse sobre a água e ainda de individualidade dos moradores, os quais demarcaram o seu “território” no entorno das nascentes, construindo poços individuais sem a preocupação de manter preservado este serviço ecossistêmico a longo prazo. Este sentimento de propriedade sobre um bem natural essencial à manutenção da vida, que deveria ser de acesso a toda população, revela a deficiência nas atitudes coletivas no assentamento. Diante do problema de escassez da água a população teve que encontrar formas alternativas de obtenção e armazenamento deste recurso, e ainda se viu forçada a preservar as áreas de nascentes e os cursos d’água. Diz-se forçada, porque parte da população ainda não está sensibilizada com a causa de conservação das áreas de preservação permanente, mas perceberam a necessidade de conservá-las em consequência dos episódios de conflitos e falta de água vividos.

A mudança de proprietários de lotes dentro do assentamento, e a venda dos mesmos é um processo diagnosticado nesta região. Isto caracteriza a mobilidade espacial das famílias nos lotes. Estas ações revelam o assentamento como um espaço dinâmico em que se tem a rotatividade de moradores no assentamento. Esta mobilidade revelou dois processos, a solicitação de troca do lote por moradores já assentados com homologação do INCRA, tendo como fator

a não identificação com o lote em que foram assentados; e a venda do lote, e assim que possível a reaquisição do imóvel. Este último processo demonstra que antigos moradores que possuem identidade camponesa, mesmo quando vendem suas terras, seja por qualquer motivo, e deixam de viver no meio rural passando a residir em centros urbanos, manifestam o desejo de obter o direito à terra novamente.

A formação de organizações familiares dentro do assentamento indica relações estreitas e específicas existentes entre os núcleos familiares. Estas organizações constituem-se baseadas no grau de parentesco da população assentada e tem-se a prática de cultivo de roças conjuntas para a subsistência das famílias, bem como a venda dos produtos agrícolas e de produtos agro industrializados a partir da matéria prima produzida. Neste assentamento identificaram-se dois tipos destas organizações, as comunidades e os condomínios familiares, importantes por se tratarem de arranjos que promovem a manutenção das famílias no meio rural, e conseqüentemente, da atividade agrícola associada.

Constatou-se que estas formas de arranjos familiares possuem traços e/ou indícios de práticas agrícolas tradicionais ao meio rural, sendo eles: a transmissão geracional de acesso a saberes sobre as práticas de manejo da roça, cuidados com a moradia (quintal), preparação de alimentos; utilização de espaços comuns a toda família, como a formação e cultivo de roça conjunta; processamento de derivados de produtos agrícolas com destaque para a mandioca; compartilhamento da mesma mina de água doce, com distribuição para o grupo familiar e que dependem da referida mina para sobreviver; troca de propágulos para plantio; compartilhamento de espaços de ordenha e cuidados com o rebanho; coleta de lenha pelo casal nas unidades de paisagem naturais para utilização como combustível do fogão a lenha; e religiosidade. Estas características de vida tradicional não indicam que este assentamento é formado por população tradicional, no entanto, demonstram que alguns aspectos das práticas agrícolas e do *modus vivendis* restritas às comunidades tradicionais, são mantidos por algumas famílias assentadas neste espaço.

Em conclusão, este estudo permitiu conhecer e compreender a dinâmica das redes sociais formadas, das formas de manejo utilizadas e do conhecimento agrícola mantido e transmitido de gerações a gerações no assentamento Laranjeira I. Verificou-se que este assentamento é marcado por relações familiares distintas, que mesmo formadas por moradores migrantes de culturas diferenciadas apresentam marcas remanescentes de tradição agrícola. Esta população possui forte identidade cultural com a vida camponesa, e mesmo que as condições de produção comercial não tenham sido favoráveis não abandona o lote, fruto de suas lutas em movimentos sociais. A terra representa a história de vida desses moradores, garantindo a manutenção das necessidades básicas das famílias assentadas e de organização do local em busca de melhoria da infraestrutura do assentamento.

5. Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. de (Org). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: Livro Rápido/NUPEEA, 2004. 189p.

ALBUQUERQUE, U.P. **Introdução à etnobotânica**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2005.

ALEXIADES, M. N.; SHELDON, J. W. **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York Botanical Garden, 1996.

ALHO, C.J.R. **Importância da biodiversidade para a saúde humana: uma perspectiva ecológica**. Estudos Avançados, vol. 26, n. 74, 2012. 151-165 p.

AMBRÓSIO, L. A.; PERES, F. C.; SALGADO, J. M. **Diagnóstico da contribuição dos produtos do quintal na alimentação das famílias rurais**: Microbacia D'Água F, Vera Cruz. Informações Econômicas, SP, 26 (7), 1996, p. 27- 39.

AMOROZO, M.C.M. **Agricultura tradicional: espaços de resistência e o prazer de plantar**. In: ALBUQUERQUE, U.P.; ALVES, A.G.; SILVA, A.C.B.; SILVA, V.A. (Orgs.). *Atualidades em Etnobotânica e Etnoecologia*. Recife: SBEE, 2002. p. 123-131.

AMOROZO, M.C.M. **Sistemas agrícolas de pequena escala e a manutenção da agrobiodiversidade – uma revisão e contribuições**. Rio Claro, SP: Edição do autor; Botucatu: FCA – UNESP, 2013. 120p.

AMOROZO, M. C. M. **Diversidade agrícola em um cenário rural em transformação: será que vai ficar alguém para cuidar da roça?** In: *Agrobiodiversidade no Brasil: experiências e caminhos da pesquisa*. Org. Ming, L. C.; AMOROZO, M. C. M.; KFFURI, C. W. Recife: Editora NUPEEA, 2ª Ed., 2012.

AMOROZO, M.C.M. **Os quintais – Funções, Importância e Futuro**. In: *Quintais Mato-Grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes*. CARNIELLO, M.A.; GUARIM NETO, G. (Org.). Cáceres/MT: Editora Unemat, 2008, p. 15-26.

AMOROZO, M.C.M. **Um sistema de agricultura camponesa em Santo Antonio do Leverger, Mato Grosso, Brasil**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo (USP). São Paulo: SP, 269p. 1996.

ARAÚJO, B.F. **Condições de manejo de sistemas de captação de água de chuva armazenada em cisternas de comunidades rurais do sertão Paraibano**. Dissertação. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, Paraíba. 71p., 2014.

BARBOSA, T.G; CARNIELLO, M.A. **Aspectos míticos relacionados às plantas encontradas nos quintais de Cáceres, MT**. In: 13º ENCONTRO DE BIÓLOGOS DO CRBIO-1, 2002, São Pedro-SP. Resumos. p.141.

BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; SILVANO, R.A.M. **Ecologia Humana, Etnoecologia e Conservação**. In: AMOROZO, M.C.; MING, L.C.; SILVA, S.M.P. *Métodos de coleta e análise de dados em Etnobiologia, Etnoecologia e disciplinas correlatas*. Anais, Rio Claro, SP: Editora SBEE, 2002. p. 95-97.

BERGAMASCO, S. M. P. P. **A realidade dos Assentamentos rurais por detrás dos números.** Estudos avançados 11 (31), 1997.

BERNARD, H.R. **Research methods in cultural anthropology.** United States of America: Sage Publications, 1988. 520 p.

BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. **Família assentada da reforma agrária** (Código 301). 2012.

BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. **Painel de assentamentos.** Mato Grosso. 2004a. Disponível em <http://painel.incra.gov.br/sistemas/index.php> Acesso em 05 de novembro de 2014.

BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. **Assentamentos.** 2014b. Disponível em <http://www.incra.gov.br/assentamento> Acesso em 04 de novembro de 2014.

BRITO, M.A.; COELHO, M.F. **Os quintais agroflorestais em regiões tropicais – unidades auto-sustentáveis.** Agricultura Tropical, v. 4, n. 1, p. 7-35, 2000.

BUTH, F.; CORRÊA, W. K. A. **Reconstrução do território a partir de assentamentos rurais: o caso do assentamento ramada-RS.** CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v. 1, n. 2, 2006.

CARNIELLO, M.A. **Estudo etnobotânico nas comunidades de Porto Limão, Porto Alambrado e Campo Alegre, na fronteira Brasil-Bolívia, Mato Grosso, Brasil.** Tese (Doutorado em Biologia Vegetal). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. 215p., 2007.

CARVALHO, I.S.H. de. **Conservação da biodiversidade no Assentamento Agroextrativista Americana (Grão Mogol-MG).** In: Encontro da Rede de Estudos Rurais, 4, 2010, Curitiba. Anais eletrônicos... Curitiba: UFPR, 2010.

COQUEIJO, S.L. **Relação sociedade-natureza: uma das nascentes nas comunidades rurais do Vale do Gramame-PB.** 2014.

CUNHA, J.M.P.; ALMEIDA, G.M.R.; RAQUEL, F. **Migração e transformações produtivas na fronteira: o caso do Mato Grosso.** In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, Ouro Preto. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 2002.

CUNHA, S.A.; BORTOLOTTI, I.M. **Etnobotânica de Plantas Medicinais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil.** Acta Botanica Brasilica, v. 25, n. 3, p. 685-698, 2011.

DA SILVA, M. E. D.; BAMPI, A. C. **O uso da água numa perspectiva socioambiental: a escola como formadora de práticas ambientais.** Eventos Pedagógicos, v. 2, n. 1, 2011.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R.S.V.; SILVA, V.C.F.; FIGOLS, F. A. B.; ANDRADE, D. **Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil.** Ministério do Meio Ambiente dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. NUPAUN-USP, PROBIO-MMA, CNPq. São Paulo, 1999.

DIEGUES, A.C.; ARRUDA, R.S.V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília, Ministério do Meio Ambiente, 2001.

FACIONI, D. **Análise da sucessão em Assentamento Rural no Estado de Mato Grosso do Sul**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em administração), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS. 112p., 2013.

FERREIRA, A. B. de B. **Pantanal Mato-Grossense: considerações sobre a proteção constitucional para um desenvolvimento econômico sustentável**. Revista Internacional de Desenvolvimento Local, v. 14, n. 1, p. 11, 2013.

FERREIRA, A. G.; GONÇALVES, A. C.; DIAS, S. S. **Desenvolvimento de uma Abordagem para a Definição de Funcionalidades a Privilegiar por Zona Homogênea**. Silva Lusitana, v. 16, n. ESPECIAL, p. 69-77, 2008.

FERREIRA, B.; ALVES, F. **Juventude rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar**. Brasília, IPEA, 2009.

FERREIRA, W.N.; ROSSETTO, O.C. **Evolução do Rebanho Bovino no Pantanal Norte Mato-Grossense–Brasil entre 1998-2008**. 5º Simpósio sobre recursos naturais e socioeconômicos do Pantanal, SIMPAM. Corumbá: MS, 09 a 12 de novembro, 2010.

FILGUEIRA, H.J.A.; LIMEIRA, M.C.M.; SILVA, M.R.M. **Cartilha Conservação de Nascentes**. João Pessoa, Edital MCT/CNPq/CT - AGRONEGÓCIO/CT- HIDRO - Nº 027/2008. João Pessoa, 2008.

FULLER, A.M. **“From part-time farming to pluriactivity: a decade of change in rural Europe”**. Journal of Rural Studies, Londres, 6 (4): 361-373, 1990.

GARCIA, E.A.C. **Considerações sobre a saída de bovinos do município de Corumbá, MS**. Circular Técnica nº 15, EMBRAPA. UEPAE de Corumbá: MS, 1981.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Editora Vozes, 3ª Ed. Petrópolis: RJ, 2000.

GIULIANI, G.M.; CASTRO, E.G. de. **Recriando espaços sociais: uma análise de dois assentamentos rurais no Estado do Rio de Janeiro**. Estudos Sociedade e Agricultura, 6, julho 1996, 138-169.

GUARIM-NETO, G.; MACIEL, M.R.A. **O saber local e os recursos vegetais em Juruena: Mato Grosso**. Cuiabá, MT; Entrelinhas: EdUFMT, 2008.

IANNI, A.M.Z. **Biodiversidade e Saúde Pública: questões para uma nova abordagem**. Saúde e Sociedade, v.14, n.2, maio-ago 2005. p.77-88.

KREITLOW, J. P.; NEVES, S M A. da S.; NEVES, R.J.; SILVA, J. dos S. V.; NESPOLI, A. **Análise do uso da terra no assentamento Laranjeira 1 em Cáceres-MT: subsídios para a conservação água**. Cadernos de Agroecologia, v. 8, n. 2, 2013.

LAMERA, J.A.; FIGUEIREDO, A.M.R. **Os Assentamentos Rurais em Mato Grosso**. In: 46th Congress, July 20-23, 2008, Rio Branco, Acre, Brasil. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER), 2008.

LEITE, S.; HEREDIA, B.; MEDEIROS, L.; PALMEIRA, M.; CINTRAO, R. (Eds.). **Impacto dos assentamentos. Um estudo sobre o meio rural brasileiro**. São Paulo, SP: Editora da Universidade Estadual Paulista. 2004.

LIMA, R. J.S. **Etnobotânica no Cerrado: um estudo no Assentamento Santa Rita, Jatí (GO)**. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí, 2013. 87 p.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. Editora pedagógica e Universitária, Ltda. São Paulo, SP, 1986.

MADALENO, I. **Urban agriculture in Belém, Brazil**. *Cities*, 17 (1), p. 73-77, 2000.

MARCHETTI, F. F. **Agricultura tradicional e a manutenção da agrobiodiversidade em comunidades rurais do município de Santo Antonio de Leverger-MT**. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal). Universidade Estadual Paulista (Unesp), Rio Claro: SP. 101p., 2012.

MARQUES, A. C. H.; SANTO, C. R. E.; CEPÊDA, V. A. **Indicadores sócio-econômicos das famílias das famílias desistentes em projetos de assentamentos rurais na região noroeste do Estado de São Paulo**. In: Congresso da Associação Latino-Americana de sociologia rural, Porto Alegre, p.1166-1177, 2002.

MARTIN, G. J. **Ethnobotany: a methods manual**. Chapman & Hall, 1995.

MEDEIROS, L.S.; SOUSA, I.C.; ALENTEJANO, P.R.R. O Promissor Brasil dos Assentamentos Rurais. In: **Revista Proposta**. nº77, junho/agosto, p.54-63. 1998.

MELLO, P.F. **Evasão e rotatividade em assentamentos rurais no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 228p., 2006.

OLER, J. R. L. **Conservação da agrobiodiversidade por agricultores de pequena escala em Mato Grosso-Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas – Biologia Vegetal), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Rio Claro, 2012. 94 p.

OLIVEIRA, A. S. de. **Estudo da diversidade agrícola de raízes e tubérculos em assentamentos rurais no interior paulista**. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Instituto de Biociências. Rio Claro: SP. 92p., 2014.

OLIVEIRA, A.U. **A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma agrária**. *Estudos avançados* 15 (43), 2001.

PASSOS, H.; CUTOLO, L.R.A. **Enfoque Ecosistêmico da Saúde**. *Sau. &Transf. Soc.*, Florianópolis, v.3, n.2, 2012. p. 04-16.

PEDROGA, J.A.; CARNIELLO, M.A. **Quintais na Fronteira Brasil-Bolívia, Comunidade de Clarinópolis**. In: Quintais Mato-Grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes. CARNIELLO, M.A.; GUARIM NETO, G. (Org.). Cáceres/MT: Editora Unemat, 2008, p. 45-62.

PEREIRA, A.S.; LORENZI, J.O.; NORMANHA, E.S.; SILVA, J.R. **Taxa de fecundação cruzada no cultivar de mandioca Brancade-Santa-Catarina**. *Bragantia*, v.37, p.XCV-XCVI, 1978.

PILLA, M.A.C. **O conhecimento sobre os recursos vegetais alimentares em bairros rurais no Vale do Paraíba-SP**. Dissertação (Mestrado em Agronomia). UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, UNESP. Botucatu: SP, p. 129, 2006.

PINTO-CORREIA, T.; D'ABREU, A.C.; OLIVEIRA, R. **Identificação de unidades de Paisagem: metodologia aplicada a Portugal Continental**. *Finisterra*, XXXVI, 72, p. 195-206, 2011.

PORTO-GONÇALVES, C.W. **Paixão da terra: ensaios críticos de ecologia e geografia**. Pesquisadores Associados em Ciências Sociais – SOCII, 1984.

PORTO-GONÇALVES, C.W. **Geografia da riqueza, fome e meio ambiente: pequena contribuição crítica ao atual modelo agrário/agrícola de uso dos recursos naturais**. *Revista Internacional Interdisciplinar, INTERTHESIS, PPGICH UFSC*, 2004.

PORTO-GONÇALVES, C.W.P.A **Nova Questão Agrária e a Reinvenção do Campesinato: o caso do MST**. OSAL: Observatorio Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005-). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

POSEY, D.A. **Introdução: Etnobiologia, teoria e prática**. 1986.

SCHNEIDER, S. **Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.18, n. 51, p.99-121, 2003.

SCOPINHO, R.A. **Sobre cooperação e cooperativas em assentamentos rurais**. *Psicologia & Sociedade*, v. 19, n. spe, p. 84-94, 2007.

SILVA, G.F. et al. **Educação Ambiental: Diagnóstico de práticas ambientais no projeto de assentamento Milagres, Apodi/RN**. *Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável*, v. 7, n. 5, p. 01-07, 2013.

SILVA, M. J. da; SATO, M.T. **Territórios em tensão: o mapeamento dos conflitos socioambientais do Estado de Mato Grosso-Brasil**. *Ambiente & Sociedade*, v. 15, n. 1, p. 1-22, 2012.

SILVA, T.P.; ALMEIDA, R.A.; KUDLAVICZ, M. **Os assentamentos rurais em Cáceres/MT: espaço de vida e luta camponesa**. *Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas/MS – nº 15 – Ano 8, Maio 2012*.

TSUKAMOTO, R.Y.; ASARI, A.Y. **Assentamentos rurais e agricultura familiar: processo de territorialização e perspectivas de auto-sustentação**. *GEOGRAFIA (Londrina)*, v. 12, n. 1, p. 483-494, 2003.

VIERTLER, R.B. **Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia.** *In:* AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. (Ed.). Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. Rio Claro: Unesp. 2002.

WANDERLEY, M.N.B. **A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 2, 2000.

WINKLERPRINS, A.M.G.A. **House-lot gardens in Santarém, Pará, Brazil: linking rural with urban.** Urban Ecosystems, 6:43-65, 2002.

Capítulo II

Um enfoque sobre a diversidade vegetal e cultural associadas: a etnobotânica nos quintais rurais e espaços adjacentes das propriedades do Assentamento Laranjeira I

Resumo

A etnobotânica é a ciência que estuda a relação entre homens e plantas, sendo destaque pelo elo existente entre a botânica e o conhecimento popular de um determinado povo. O objetivo deste estudo foi registrar as categorias de uso atribuídas ao componente vegetal presente nas propriedades e analisar a relação deste componente com o perfil sociocultural dos sujeitos, e ainda com a vegetação presente nas unidades de paisagem naturais de modo a verificar se o quintal se constitui como um espaço de conservação da diversidade biológica e cultural. Este estudo possui abordagem qualitativa e quantitativa. Os dados foram coletados por meio de questionário estruturado, lista livre, observação participante e trilhas culturais. Para a análise dos dados foi utilizada Frequência Relativa, Regressão Linear, Análise de variância com nível de significância a 5% ($p < 0,05$) calculadas pelo Programa R. Também foi utilizada análise de Cluster com distância de Jaccard pelo Programa Past. A área dos quintais foi obtida por georreferenciamento em campo e calculadas pelo Programa AutoCad. Foram registradas 352 plantas conhecidas e utilizadas pelos moradores do Assentamento Laranjeira I, pertencentes a 84 famílias botânicas, identificadas 322 em nível de espécie, 20 de gênero, seis de família botânica e quatro indeterminadas. As famílias botânicas de maior destaque foram a família Fabaceae (29), Lamiaceae (19) e Asteraceae (17). As principais categorias de uso indicadas pelos moradores foram remédio (132), enfeite (103) e alimentação humana (100). Das 342 plantas identificadas em nível de espécie e gênero encontradas nos lotes 54% (185) são nativas e 46% (157) são introduzidas, no entanto, exclusivamente nos quintais em que foram registrados 298 táxons identificados em nível de espécie e gênero, constatou-se que 145 (48,7%) são nativos e 153 (51,3%) são introduzidos. As espécies mais citadas foram a *Annona squamosa* (90,7%), *Psidium guajava* (86,04%) e *Mangifera indica* (83,72%). Das 11 plantas mais citadas evidenciou-se que nove (82%) são introduzidas e duas (18%) são nativas. A espécie *Manihot esculenta* (mandioca) apresentou maior número de atributos (cinco), o que demonstra a multiplicidade de uso desta espécie nativa para a população estudada. Foram registradas 123 plantas arbóreas e 121 herbáceas em todo lote e, exclusivamente nos quintais as plantas herbáceas são as de maior destaque (114). Constatou-se que variáveis relacionadas ao perfil dos entrevistados não influenciam no número de espécies conhecidas, utilizadas e presentes nos lotes amostrados: escolaridade (GL: 42; F: 0,34; $p < 0,05$); gênero (GL: 42; F: 0,62; $p < 0,05$), idade (GL: 42; F: 0,55; $p < 0,05$), itinerário (GL: 42; F: 0,72; $p < 0,05$), tempo de residência (GL: 42; F: 0,13; $p < 0,05$), assim como área dos quintais (GL: 42; F: 0,09; $p < 0,05$). A partir da utilização da análise de Cluster foram formados oito grupos estabelecidos por diferentes fatores tais como formação de núcleos familiares e de vizinhança em que ocorre a troca de germoplasma e a distribuição geográfica de lotes próximos da paisagem serrana natural. Os quintais estudados conservam tanto espécies nativas quanto exóticas. As espécies nativas locais que foram encontradas e citadas pelos moradores como úteis são *Bixa orellana* L. (colorau) em 15 quintais, *Attalea phalerata* Mart. ex Spreng. (Bacuri) em 14 quintais, *Genipa americana* L. (Jenipapo) em 11, e *Cecropia pachystachya* Trécul (Embaúba) em dez. Os moradores mantêm cultivadas em seus quintais espécies nativas úteis e de interesse, mas não diretamente com o objetivo de conservar a diversidade vegetal local. Entretanto, mesmo que não propositalmente, ao cultivar espécies nativas e introduzidas atuam como responsáveis pela manutenção da diversidade biológica.

Palavras-chave: Assentamento rural, Conservação, Pantanal, Cerrado.

Abstract

Ethnobotany is the science that studies the relationship between men and plants and is highlighted by the link between botanical and popular knowledge a particular people. This study was objective to record the use categories to vegetable component present in the properties and to analyze the relationship of this component with the socio-cultural profile the subjects and the vegetation of natural landscape units to verify that the home gardens are constituted like a biological and cultural diversity space conservation. This study has qualitative and quantitative approach. Data were collected using a structured questionnaire, free list, participant observation and cultural trails. For data analysis was used Relative Frequency, Linear regression, analysis of variance 5% significance level ($p < 0.05$) calculated by the program R. It was also used cluster analysis Jaccard distance by the Past Program. The home gardens area was obtained by the field georeferencing and calculated by AutoCAD program. 352 plants known and useful were registered by residents of Laranjeira I settlement belonging to 84 botanical families, identified 322 at the species level, 20 gender, six botanical family and four indeterminate. The most prominent families' plant were Fabaceae (29), Lamiaceae (19) and Asteraceae (17). The main use categories indicated by the residents were medicine (132) ornament (103) and human food (100). Of the 342 identified species and gender level plants found in lots 54% (185) are native and 46% (157) are exotics, however, only in home gardens which were recorded in 298 taxa identified species and genus level was found that 145 (48.7%) are native and 153 (51.3%) are exotics. The most frequent species were *Annona squamosa* (90.7%), *Psidium guajava* (86.04%) and *Mangifera indica* (83.72%). Of the 11 most cited plants showed that nine (82%) are exotics and two (18%) are native. The *Manihot esculenta* (mandioca) specie was the most prevalent attributes (five), which shows multiple use this native specie for the population studied. 123 woody plants and herbaceous 121 were registered throughout the lot and exclusively in the home gardens herbaceous plants are the most prominent (114). It was found that residents profile variables related did not influence the number of known species, and gifts used in lots sampled: education (GL: 42; F: 0.34; $p < 0.05$); gender (GL: 42; F: 0.62; $p < 0.05$), age (GL: 42; F: 0.55, $p < 0.05$), route (GL: 42; F: 0.72; $p < 0.05$), residence time (GL: 42; F: 0.13, $p < 0.05$) as well home gardens area (GL: 42; F: 0.09; $p < 0.05$). From the use of cluster analysis were formed eight groups established by different factors such as households and neighborhood formation in which occurs the exchange of germplasm and the geographic distribution of lots near the natural mountain landscape. Home gardens studied retain both native and exotic species. Local native species that were found and cited and useful by residents are *Bixa orellana* L. (colorau) at 15 home gardens, *Attalea phalerata* Mart. ex Spreng. (Bacuri) in 14 home gardens, *Genipa americana* L. (Jenipapo) in 11 and *Cecropia pachystachya* Trécul (Embaúba) in ten. Residents maintain grown in their home gardens useful and interest native species but not directly with the objective of conserving the local plant diversity. However, even not purposely, to cultivate native and exotics species act as responsible for the maintenance of biological diversity.

Keywords: Rural Settlement, Conservation, Pantanal, Cerrado.

1. Introdução

A etnobotânica é a ciência que investiga a relação entre as pessoas e as plantas em sistemas dinâmicos (ALCORN, 1995; HANAZAKI, 2004). Ocupa-se com a interpretação sobre o conhecimento, o significado cultural, o manejo e os diversos usos tradicionais dos elementos que compõem a flora (CABALLERO, 1979). Em conformidade com Alcorn (1995), a etnobotânica é uma ciência interdisciplinar. Para a mesma autora, isto tem sido revelado por meio dos diferentes aportes teóricos e metodológicos utilizados no desenvolvimento de investigações desta área de conhecimento, assim como, na incorporação de resultados de estudos em programas e planos governamentais que visam a conservação da diversidade biológica e cultural de populações humanas nos diferentes países do planeta.

Nestes termos, a etnobotânica contribui na manutenção da qualidade de vida, e na identificação de grupos culturalmente diferenciados, e potencializa o processo contínuo de elaboração do conhecimento sobre plantas (GANDOLFO; HANAZAKI, 2011). A maioria das pesquisas etnobotânicas estão mais voltadas às populações consideradas tradicionais e ao conhecimento a elas associado, no entanto, é importante considerar que populações não tradicionais possuem conhecimentos relevantes sobre uso e manejo da vegetação, necessitando por sua vez, do olhar etnobotânico para investigar este conhecimento associado. Lima (2013) afirma que é importante se considerar a estreita ligação das populações de assentamentos rurais com a terra e do saber ambiental que as mesmas detêm, isto porque é comum o número de assentados de origem camponesa, cujo conhecimento permanece vivo mesmo que parte de sua vida tenha sido vivida em centros urbanos.

Em várias partes do mundo têm sido realizados estudos etnobotânicos em quintais, visto que, este é um espaço onde o ser humano tem a oportunidade de estar em contato direto com a natureza (CABRAL; CARNIELLO, 2008). A partir da investigação das relações de comunidades humanas com as plantas do seu meio pode-se considerar que nas sociedades atuais o quintal, seja ele urbano ou rural, é o espaço mais próximo em que essas populações plantam, manejam, criam animais, desenvolvem atividades de lazer, religiosas e de trabalho

cotidiano (PEDROGA; CARNIELLO, 2008). Segundo Barbosa e Carniello (2002), é neste espaço que estão enraizadas as marcas que revelam a cultura local em toda a sua complexidade. Este espaço reflete as influências mais circunscritas e imediatas, determinadas tanto pela trajetória de vida da família, como pelas características pessoais, necessidades e interesses dos proprietários (AMOROZO, 2008).

Para Dourado (2004) o quintal é um espaço com múltiplos significados e atributos no cotidiano doméstico, podendo ser apenas um simples vazio voltado à habitação ou ambiente vivo e dinâmico na rotina da casa. A mesma autora afirma que este espaço harmoniza tanto as atividades relacionadas à manutenção da vida familiar, como o cultivo de espécies frutíferas, verduras e legumes, quanto as funções derivadas do puro prazer, como o plantio de espécies ornamentais e flores.

No meio rural os agricultores manejam diferentes espaços dos quais obtêm o sustento e comercializam a produção excedente. Os espaços manejados compõem diferentes ambientes dentro de uma propriedade rural, como o quintal, a roça, pastagens e matas de galeria nos quais estão impressas as marcas do perfil e da cultura agrícola dos seus idealizadores, em sua maioria com tradição de vida camponesa. Tais marcas estão presentes, independentemente, da tipologia de obtenção, ocupação e uso da terra, como sitiantes, assentados, posseiros, entre outros.

Deste modo, é importante que sejam realizados estudos etnobotânicos em assentamentos rurais para verificar a relação existente entre assentados e a utilização e conservação dos serviços ecossistêmicos disponíveis nas paisagens naturais dentro e/ou próximas às propriedades, e ainda identificar como se estabelecem as relações sociais e familiares nestes espaços de convívio de famílias procedentes de várias regiões do país. Estes aspectos possibilitam compreender a dinâmica existente nos assentamentos rurais com vistas à conservação da diversidade biológica e cultural. O objetivo deste capítulo foi registrar as categorias de uso atribuídas ao componente vegetal presente nos quintais e nas áreas adjacentes, analisar a relação deste componente com o perfil sociocultural dos sujeitos da pesquisa e com a vegetação presente nas

unidades de paisagem naturais, de modo a verificar se o quintal se constitui como um espaço de conservação da diversidade biológica e cultural.

2. Metodologia

2.1 Procedimentos metodológicos de coleta e análise dos dados

Este estudo possui caráter descritivo com abordagem qualitativa e quantitativa. Ludke e André (1986) afirmam que estudos de abordagem qualitativa permitem ao pesquisador o acompanhamento das experiências vividas diariamente pelos sujeitos, de forma que pode-se apreender o modo como eles enxergam o mundo e o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e as ações por eles reproduzidas. Begossi (1996) afirma a concordância da utilização de métodos quantitativos nos estudos que envolvem o conhecimento de populações humanas sobre plantas, são importantes para a construção do conhecimento científico. Os conhecidos índices de diversidade usados em ecologia (por exemplo, riqueza de espécies) podem ser ferramentas úteis na comparação do uso de plantas por diferentes populações e em ambientes diversos (PILLA, 2006). De acordo com Albuquerque e Lucena (2004), a utilização de índices e parâmetros em estudos etnobotânicos é útil quando deseja avaliar a sustentabilidade e a exploração de recursos por uma dada comunidade.

Foram utilizadas como ferramentas de coleta de dados censo socioeconômico e cultural a partir de questionário estruturado (APÊNDICE A) (AMOROZO, 1996), sendo a abordagem socioeconômica do questionário produzida durante reuniões com participação dos integrantes do “Projeto Laranjeiras”. Para obtenção de dados sobre as plantas conhecidas e úteis aos moradores presentes nos quintais e espaços adjacentes (pastagem, roça, mata de galeria) utilizou-se a lista livre e observação participante (BERNARD, 1988) e do método de “trilhas orientadas” já existentes ou culturalmente utilizadas conforme o disposto por Brondízio e Neves (1996). As ‘trilhas culturais’ representam os caminhos percorridos nos deslocamentos guiados pelos entrevistados para levantamento de dados, de acordo com o conhecimento

individual verbalizado sobre as espécies existentes e seus lugares de ocorrência (NODA et al., 2012).

Para a análise dos dados, utilizou-se de estatística descritiva (Frequência Relativa – FR%), para a apresentação dos dados florísticos, tais como famílias botânicas, riqueza, origem, hábito das espécies e as categorias de uso.

Também foram realizadas análises estatísticas como a Regressão Linear simples e Análise de Variância (ANOVA) por teste F com nível de significância de 0,05 ($p < 5\%$). Para estas análises utilizou-se a distribuição de normalidade dos dados de Poisson com teste de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov, utilizado quando a variável dependente é uma quantitativa discreta (contagem). Estas análises de Regressão e ANOVA, foram calculadas utilizando do Programa Estatístico R versão 2.13.2 (The R Foundation for Statistical Computing). Para estas análises, foram utilizadas para compor a variável dependente (riqueza de espécies) todos os táxons identificados até o nível de espécie, família e gênero. Foram incluídas também quatro indeterminadas que confirmam plantas distintas.

A regressão simples foi utilizada para analisar a seguinte hipótese: a riqueza de espécies é influenciada pela idade, tempo de residência (anos), itinerário (número de estados nos quais moraram) dos moradores e pela extensão territorial dos quintais (área em m^2). Para cada uma dessas variáveis independentes procedeu-se uma análise, separadamente. Na regressão em que se analisou a riqueza de espécies em função da extensão dos quintais (área), foram filtradas para a análise somente as espécies de ocorrência nos quintais, diferente das outras análises em que foram analisadas todas as espécies que compunham a propriedade e que são conhecidas e úteis aos moradores. As áreas dos quintais foram obtidas a partir do georreferenciamento em campo dos pontos de delimitação do quintal definido pelos moradores, e calculadas utilizando o Programa AutoCad 2012.

A ANOVA foi utilizada para testar a seguinte hipótese: a riqueza de espécies é influenciada pelo gênero e nível de escolaridade dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Estas variáveis são qualitativas nominais, divididas em níveis, e para cada variável procedeu-se a uma análise separadamente.

A partir da técnica de classificação multivariada foi realizada a análise de agrupamento (Cluster Analysis) por ligação simples (maior similaridade e menor distância – vizinho mais próximo) e por média não Ponderada (UPGMA) com emprego do coeficiente de distância (similaridade) de Jaccard, utilizando-se o Programa Past versão 2.16. A classificação por meio de agrupamento utilizada neste estudo compreende um conjunto de técnicas multivariadas com propósito de agrupar um conjunto de indivíduos com base nos seus atributos (composição florística). Portanto, esta análise foi utilizada para verificar a semelhança existente entre os quintais amostrados e a formação de grupos dentro da comunidade estudada a partir da similaridade florística. Para esta análise foi construída uma matriz binária de presença e ausência da citação de cada planta por entrevistado. Foram utilizadas para compor a amostra dessa análise os 43 lotes amostrados e os táxons identificados em nível de espécie e gênero, sendo os táxons identificados e nível de família e indeterminados excluídos desta análise. A formação de grupos foi considerada na similaridade de Jaccard a 0,22.

Miranda e Hanazaki (2008) afirmam que as análises de agrupamento mostram-se bastante promissoras em estudos etnobotânicos, isto porque permitem compreender a composição florística de quintais e, quando utilizadas adequadamente, podem elucidar minúcias e sutilezas presentes nas relações entre grupos humanos e os recursos vegetais.

O material botânico testemunha das espécies indicadas foi coletado e registrado por meio de fotografias com preparação de exsiccatas. Foram coletadas as plantas indicadas (apresentadas) pelos moradores. A identificação dos táxons foi realizada *in loco* e em laboratório por profissionais e especialistas em botânica, com auxílio de bibliografia especializada, por comparação no acervo do Herbário do Pantanal “Vali Joana Pott” (HPAN), por meio da Lista de Espécies da Flora do Brasil (2014) e The Plant List (2014). Posteriormente o material foi catalogado e depositado no HPAN, Cidade Universitária da UNEMAT/Cáceres, MT.

A classificação da origem (nativas ou exóticas) das espécies está de acordo com a Lista do Flora do Brasil, uma vez que, esta base de dados descreve a origem das plantas catalogadas e complementada com consulta bibliográfica

sobre cada espécie. De acordo com o Art. 2º da Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, do Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA, espécies nativas são as que apresentam suas populações naturais dentro dos limites de sua distribuição geográfica, participando de ecossistemas onde apresenta seus níveis de interação e controles demográficos, enquanto que uma espécie exótica é qualquer espécie fora de sua área natural de distribuição geográfica (BRASIL, 2010). Foram consideradas introduzidas as espécies classificadas na Flora do Brasil como naturalizadas. Foram consideradas nativas aquelas cuja a origem e distribuição está descrita o bioma Cerrado.

3. Resultados e discussão

3.1 Análise do componente vegetal e cultural associado

Foram registradas 352 plantas conhecidas e utilizadas de ocorrência nos lotes dos moradores do Assentamento Laranjeira I. Este acervo pertence a 84 famílias botânicas sendo identificadas 322 em nível de espécie, 20 em nível de gênero, seis de família botânica e quatro permaneceram indeterminadas (APÊNDICE C). Em relação às famílias botânicas, a de maior destaque em número de táxons foi Fabaceae (29), seguida de Lamiaceae (19), Asteraceae (17) e Malvaceae (17) (Figura 1).

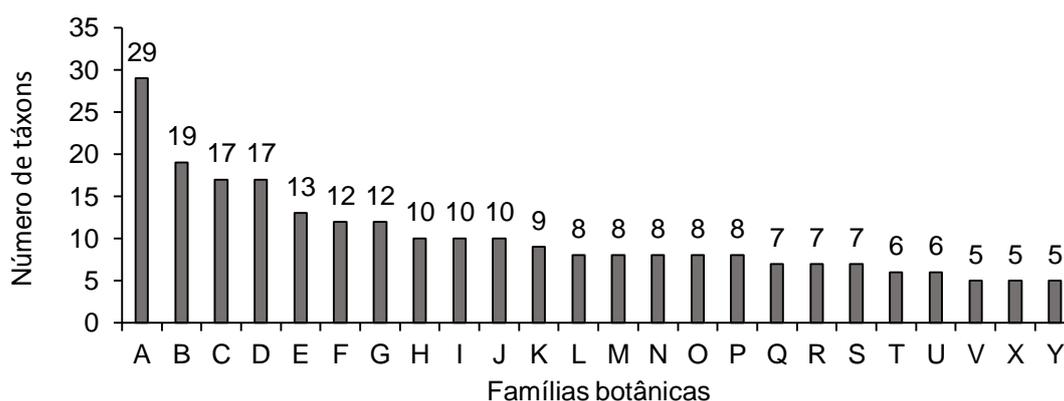


Figura 1. Famílias botânicas de maior ocorrência entre as plantas registradas, nos lotes do Assentamento Laranjeira I, Cáceres, Mato Grosso, 2013-2014. Legenda: A: Fabaceae; B: Lamiaceae; C: Asteraceae; D: Malvaceae; E: Apocynaceae; F: Poaceae; G: Solanaceae; H: Myrtaceae; I: Moraceae; J: Rubiaceae; K: Arecaceae; L: Cactaceae; M: Anacardiaceae; N: Bignoniaceae; O: Cucurbitaceae; P: Rutaceae; Q: Orchidaceae; R: Annonaceae; S: Amaryllidaceae; T: Verbenaceae; U: Araceae; V: Euphorbiaceae; X: Lythraceae; Y: Zingiberaceae.

Constatou-se que a predominância de tais famílias botânicas está diretamente relacionada às categorias de uso mais indicadas pelos assentados, e ainda, ao maior número de atributos. Do acervo das 352 plantas obteve-se 13 categorias de uso, e ainda aquelas que não se obteve nenhuma indicação de uso. Dentre as categorias de uso foram mencionados os atributos cosmético, comércio, místico, veneno, outras finalidades, uso veterinário, alimentar animal, madeira, lenha, construções rústicas, alimentar humana, enfeite e remédio, sendo das três últimas as que mais se destacaram em número de citações e presença nas propriedades, sendo 100, 103 e 132 respectivamente (Figura 2).

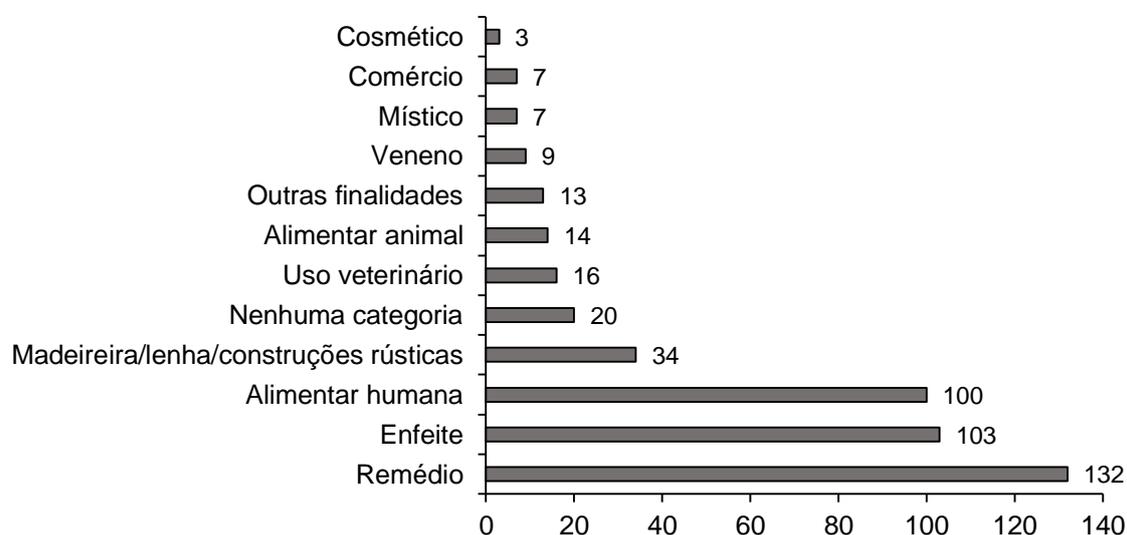


Figura 2. Categorias de uso atribuídas às plantas registradas no Assentamento Laranjeira I, 2013-2014.

O destaque da família Fabaceae pelo maior número de táxons (8,2% do universo de plantas) em relação as outras famílias botânicas pode ser explicado porque as plantas dessa família no presente estudo gozam de diversos atributos de uso. Foram constatados 11 atributos para as plantas desta família, isto significa maior multiplicidade de usos, confirmada pelo fato de 15 dos 29 táxons (52%) terem de duas a quatro indicações de uso. Isto revela que plantas com maior número de atributos de uso conhecidos são mais facilmente lembradas e indicadas pelos moradores. As plantas desta família são encontradas nas

diversas unidades de paisagem, além do quintal, incluindo áreas naturais cobertas por fitofisionomias do Cerrado.

Souza (2007) em seu estudo sobre os recursos vegetais utilizados na medicina tradicional do Cerrado na comunidade de Baús no município de Acorizal, MT, também constatou que a família botânica mais citada foi a Fabaceae com 12% das plantas identificadas. A autora afirma que o acentuado número de plantas da família Fabaceae pode ser explicado pelo grande número e diversidade de espécies que a compõem, sendo a família de maior ocorrência do Cerrado.

A predominância de plantas das famílias Asteraceae e Lamiaceae está relacionada ao grande número de plantas utilizadas como remédio cultivadas nos quintais, tendo em vista que esta é a principal categoria de uso conhecida entre os moradores, ao contrário da Fabaceae que apresentou 27,6% de plantas com potencialidade medicinal. Constatou-se que 11 (65%) das 17 plantas da família Asteraceae e 12 (63%) de 19 plantas da família Lamiaceae são medicinais, e que diferentemente da família Fabaceae, as plantas dessas famílias não possuem diversos usos (5 e 6 respectivamente), mas destacam-se por apresentarem mais da metade de suas citações para a categoria medicinal.

Em estudos do tipo metanálise sobre a etnobotânica de plantas medicinais em quintais rurais e urbanos no Estado de Mato Grosso (SANTOS; CARNIELLO, no prelo) foi constatado que de 87 famílias botânicas registradas as de maior predominância foram a Asteraceae (8,75%) e Lamiaceae (8,48%). Amaral e Guarim Neto (2010) destacaram estas famílias como as mais representativas em estudos etnobotânicos com ênfase para a finalidade medicinal. Pinto et al. (2006) afirmaram que as espécies das famílias Asteraceae e Lamiaceae possuem grande concentração de substâncias bioativas.

Constatou-se que neste estudo, por se tratar de um assentamento rural que não está localizado geograficamente isolado de centros urbanos, a população conhece e utiliza a medicina popular mantendo o conhecimento e as práticas culturais relacionadas (Figura 2). Estas práticas têm sido transmitidas pelos familiares desde muitas gerações, no entanto esta não é a única forma de tratamento das enfermidades que acometem a população do assentamento

Laranjeira I. Ao contrário do que se encontra em estudos realizados com comunidades tradicionais em que a medicina popular é a forma mais acessível de tratar problemas de saúde. Registrou-se o uso associado de plantas medicinais e medicamentos industrializados visando a cura de diferentes males.

Guarim Neto e Amaral (2010) afirmaram que estudos em quintais, sejam eles urbanos ou rurais, demonstram que o uso popular das plantas para fins medicinais é grande, em números comparáveis às plantas utilizadas para a finalidade alimentar, e ainda, as plantas ornamentais, também representam grande parcela das espécies encontradas, dado também constatado no assentamento em estudo. Pilla et al. (2006) e Pasa e Bastos (2010), em relação ao grande número de plantas medicinais encontradas nos estudos etnobotânicos, afirmaram que a população recorre à medicina popular e se rendem à facilidade de acesso às plantas medicinais, porque estas muitas vezes são cultivadas nos quintais de suas próprias residências e em áreas adjacentes.

As plantas ornamentais (enfeite) também amplamente mencionadas pelos moradores (103 plantas) (Figura 2) são responsáveis pelo embelezamento da residência, são mais conhecidas pelas mulheres que possuem como responsabilidade o manejo e cultivo dessas espécies. Esta categoria é composta, principalmente, por espécies que acompanham a trajetória de vida dos moradores do assentamento, migrantes da região nordeste, sul e sudeste do país. No entanto, identificou-se também a grande preferência por espécies nativas da família Orchidaceae para fins de ornamentação nos quintais. As mulheres coletam as espécies de orquídeas nativas na mata próxima aos lotes pela exuberância e beleza destas espécies, e fazem a troca deste material entre si. Esta prática requer uma análise mais específica e detalhada, pois embora as moradoras promovam a conservação das espécies pelo fato de cultivarem cuidadosamente nas respectivas residências e compartilharem mudas, esta atividade pode se configurar em predação pelas moradoras, por interferirem na conservação destas espécies nas unidades naturais.

A categoria alimentar humana também foi muito citada (102 plantas) (Figura 2). Os moradores do assentamento Laranjeira I cultivam em seus quintais, hortas e roças espécies alimentares para atender a subsistência

familiar, alguns moradores comercializam o excedente dentro e fora do assentamento. Para Fernandes e Nair (1986) uma das principais finalidades do quintal é a produção alimentar. Os alimentos produzidos na própria residência refletem na redução importante dos gastos com alimentação (SIVIERO et al., 2011).

A atividade extrativista madeireira (34 plantas) (Figura 2) também foi bastante mencionada pelos moradores para diversos fins, dentre eles o uso como lenha, construção de casas e outras construções rústicas (chiqueiro, curral, cocho), cabo de ferramentas, cercas, portas, mesas, móveis), dado também constatado por Guarim Neto e Maciel (2008) em Juruena, MT. Esta atividade extrativista revela a utilização e conhecimento dos moradores sobre espécies vegetais nativas para a finalidade madeireira. Estas espécies são mais conhecidas pelos homens, no entanto, no assentamento em estudo constatou-se que a coleta destas espécies, principalmente para o uso como lenha, é realizada em conjunto pelo casal (homem e mulher).

Carniello et al. (2010) em seu estudo nos quintais urbanos de Mirassol D'Oeste, MT, obtiveram dados semelhantes aos constatados nesse estudo. Os autores identificaram como principais categorias de uso a ornamental e alimentação humana, as mulheres são as especialistas de plantas ornamentais, e atribuíram a predominância de plantas ornamentais à origem dos moradores, em sua maioria vindos da região sul e sudeste do país.

Das 342 plantas identificadas em nível de espécie e gênero encontradas em todas as unidades de paisagem do lote (quintal, roça, horta, pastagem, mata, beira de córrego), 39% (134) são nativas e 61% (208) introduzidas. No entanto, quando realizado o levantamento da origem das espécies somente nos quintais, visto que neste espaço foram registrados 298 táxons identificados em nível de espécie e gênero constatou-se que, 98 (33%) são nativos e 200 (67%) são introduzidos, enquanto que, quando levantamos estes mesmos dados somente nas áreas de vegetação natural dos lotes (beira de córrego, mata e pastagem) sabendo que o número de táxons identificados em espécie e gênero nesta unidade foi de 90 táxons, temos 75 nativos (83%) e 15 introduzidos (17%) (Figura 3).

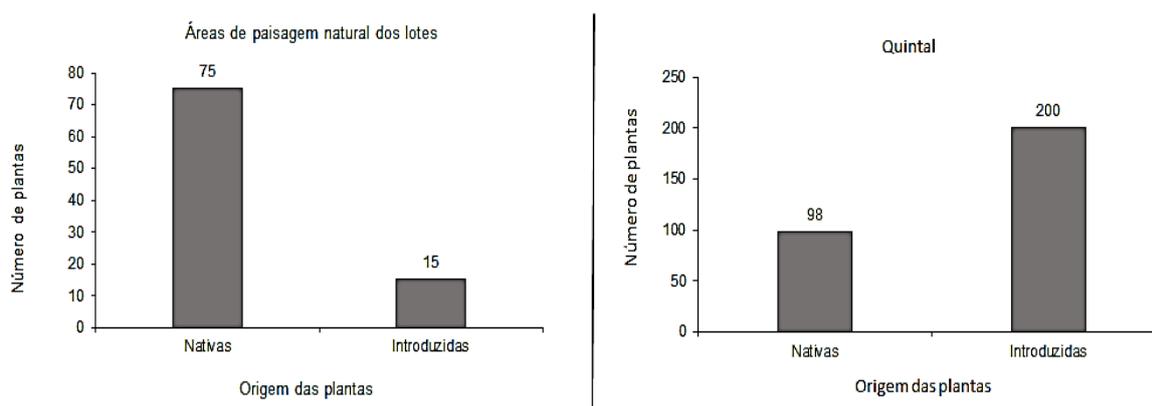


Figura 3. Origem das plantas registradas e identificadas em nível de espécie e gênero nas áreas de paisagem natural do lote e exclusivamente nos quintais do Assentamento Laranjeira I, 2013-2014.

Evidencia-se desta forma, que quando verificadas somente as unidades de paisagem natural incluídas no lote ocorre a predominância de espécies nativas isto porque existem pastagens em regeneração com espécies nativas e as matas de galeria, espaços que raramente possuem interferência humana quanto ao cultivo de novas espécies, diferentemente do quintal que se trata de um espaço de maior cultivo, manejo e introdução de espécies novas pelos moradores, o que explica o maior destaque das espécies exóticas na unidade quintal. Como mencionado anteriormente, esta categoria de uso, bem como a alimentar humana é composta por espécies que acompanham o itinerário dos moradores do assentamento, como segue nos depoimentos a seguir: *“Esse veludo eu trouxe lá de Caramujo (distrito a 110km de distância) da outra casa que eu morei lá... acho ele muito bonitinho [...] o araticum veio do Paraná a gente trouxe do Paraná de quando a gente morou lá, é gostoso...”* (52, M. S. G. D., Assentamento Laranjeira I). Segundo outro morador: *“Essa mandioca de árvore aqui eu trouxe da Bahia, mas ela não dá para comer não só é de enfeite mesmo... a raiz dela não desenvolve [...] o café eu também trouxe da Bahia, esse é do bom...”* (66, V. R. M., Assentamento Laranjeira I).

Tal como evidenciado acima, Guarim Neto e Maciel (2008) identificaram em Juruena, e constataram que esta prática contribui no fenômeno de migração e adaptação das espécies vegetais exógenas ao ambiente local.

Constatou-se no assentamento Laranjeira I que alguns moradores, tais como vizinhos e familiares trocam mudas de plantas e juntamente o conhecimento sobre as mesmas. Isto foi evidenciado por alguns relatos dos entrevistados, que seguem: “*Essa flor aqui eu não sei o nome não... peguei lá no Baiano, achei bonita e plantei aqui.*” (50, B. N., Assentamento Laranjeira I). Outro morador afirmou: “*Eu peguei essas plantas aqui lá da casa da minha esposa em Lambari, plantei aqui... ai minha mãe gostou e pegou muda daqui para plantar lá.*” (32, J. C. C. V, Assentamento Laranjeira I).

O compartilhamento dos saberes e do material genético, ocorre tanto para espécies nativas quanto para introduzidas. Os moradores estão interessados em cultivar em seus quintais espécies novas, e ainda destinadas a ornamentação do espaço. Isto foi evidenciado através de espécies tais como *Hibisbus cannabinus* L. (sem denominação local) e *Caesalpinia pulcherrima* (L.) Sw. (Brinco de princesa, baginha), plantas ornamentais introduzidas e de nome não conhecido pelos moradores, que no entanto, pela beleza chamou a atenção de um dos assentados que a cultivou no seu quintal. Em pouco tempo essas espécies estavam presentes em outros quintais do assentamento. Estas espécies foram consideradas novidades e pela boa adaptação ao local e beleza os moradores passaram a trocar sementes e mudas disseminando-as.

Ainda, entre as espécies consideradas novidades pela população destaca-se o Noni (*Morinda citrifolia*), uma espécie introduzida das Ilhas do Pacífico, com nove citações. Esta espécie é utilizada pelos moradores na alimentação humana e como medicinal, sendo indicada para o tratamento de problemas cardíacos, diabetes, colesterol, câncer, hipertensão arterial, inflamação de garganta, como emagrecedor, contra cansaço e fadiga. Esta espécie teve um “boom” na sua utilização e difusão entre a população estudada devido ao seu grande potencial como medicamento divulgado pela mídia. Trata-se de uma espécie cultivada e utilizada, tendo como destaque de uso o modismo relacionado a mesma. Dados semelhantes aos encontrados nesse estudo, também foram constatados por Madaleno (2011) em pesquisa realizada com agricultores urbanos em cidade da Baixada Maranhense, ilha de São Luís, MA.

Além destas espécies introduzidas alguns moradores coletam espécies nativas na vegetação local, também para fins de ornamentação. Dentre estas espécies estão o Chapéu de couro (*Echinodorus cordifolius* (L.) Griseb.), Carandá (*Copernicia alba* Morong ex Morong & Britton), Cipó (*Clitoria tomentosa* Mart.), Bacuri (*Attalea phalerata* Mart. ex Spreng.), Algodão do pantanal (*Ipomea carnea* subsp. *fistulosa* (Mart. Ex Choisy) D.F.Austin.), Flor nativa (*Salvia involucrata* Cav.), Flor amarela (*Allamanda polyantha* Müll.Arg.), Xambarí (*Cyrtopodium palmifrons* Rchb. F. & Warm.), Orquídea (*Epiphyllum phyllanthus* (L.) Haw), Orquídea (*Cattleya nobilior* Rchb.f.), Lírio do pantanal e açucena (*Hippeastrum puniceum* (Lam.) Kuntze) e outras espécies.

Esta prática dos moradores de cultivar o novo (espécies exóticas) e a vegetação nativa já estabelecida no local, em seus quintais, é um fator que contribui para a conservação da diversidade vegetal, seja de plantas nativas ou introduzidas. Estes moradores, mesmo que inconscientemente, em diversas situações são atraídos pela beleza das plantas estão propiciando a conservação do componente vegetal em seus espaços de cultivo.

Conforme Carniello et al. (2010) as interações estabelecidas entre populações migrantes e as locais possibilitam o acesso de ambas a conhecimentos recíprocos sobre plantas presentes nos fragmentos florestais locais, e, também sobre as introduzidas de outras regiões. As trocas de saberes e de material genético das espécies vegetais ocorrem por intermédio do fluxo migratório da população. Por se tratar de um assentamento rural que abriga pessoas nativas da região e migrantes de diferentes culturas, o descrito por Carniello et al. (2010) corrobora os dados obtidos. Existe a troca de saberes que envolvem as diferentes culturas, e ainda a troca de material genético.

Dentre as plantas registradas, destacaram-se entre as mais citadas (acima de 50% das citações) a *Annona squamosa* (90,7%), *Psidium guajava* (86,04%) e *Mangifera indica* (83,72%) (Tabela 1). Das 11 plantas mais citadas, e apresentadas no ranking, evidenciou-se que 10 (91%) são introduzidas e uma (9%) é nativa. Isto revela a presença marcante do migrante na região.

Tabela 1. Ranking das espécies mais citadas (acima de 50%) pelos sujeitos envolvidos na pesquisa. DL: Denominação local das plantas; CU: Categoria de uso; OR: Origem; FR%/cit.: FR das citações. a: alimentar humana; b: alimentar animal; r: remédio; s: sombra; g: uso veterinário; c: comércio; y: outras finalidades; in: introduzida; na: nativa.

Nome científico	DL	CU	Indicação	OR	FR%/cit.
<i>Annona squamosa</i> L.	Pinha, pé de pinha, ata, conde	a, r	a: consome o fruto ao natural; r: tratamento de doença renal	in	90,7
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba, goiabeira, pé de goiaba, goiaba araçá, goiaba branca, goiaba rosa	a, g, r	a: consome o fruto ao natural, faz suco; r: contra gripe, dor de barriga (diarreia), cicatrizante; g: contra curso (dor de barriga) de animal	in	86
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga, manga espada, coração de boi, borbon, rosa, coquinho, borbona, maçã, roxa, de enxerto, manga pequi, pé de manga	a, s, r	a: consome o fruto ao natural, faz suco; r: vitamina	in	83,7
<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola, pé de acerola	a, r	a: consome o fruto ao natural, faz suco; r: contra gripe, tosse, coceira na garganta, vitamina, dor de barriga, coqueluche, bronquite	in	76,7
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajú vermelho e amarelo, pé de cajú, cajueiro	a, r	a: consome o fruto ao natural, faz suco; r: trata olho de peixe; diurético	in	69,8
<i>Cocos nucifera</i> L.	Pé de coco, coco, coco da Bahia, coqueiro	a, r	a: consome a água, come a castanha; r: Soro, reidratante oral, inflamação, dor de barriga, desidratação	in	69,8
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão, pé de mamão, mamão macho, mamão legítimo, mamão fêmea, mamão roxo, mamão papaya, mamão caiano, mamão inglês, mamão amarelo do simples	a, g, r	a: consome o fruto ao natural, faz doce; r: , g: Vermífugo humano e para criação de animais, limpeza das mãos (tira o sebo); ressecamento (desenvolve o intestino); estômago; infecção; vitamina; contra febre	in	67,4
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca paraguaia; mandioca branca; mandioca amarela; mandioca 3 meses; mandioca 60 dias; mandioca 90 dias; mandioca pão; mandioca intrusa	a, c, b, g, y	a: consome cozida, frita, fabricação de farinha; c: vende o excedente e a farinha; b: ração de gado; g: dá para os porcos para tratar verme e anemia dos animais; y: folha tira cheiro forte de carne	na	67,4
<i>Musa paradisiaca</i> L.	Banana ourinho, banana maçã, nanica, nanicão, banana da terra, banana de fritar, três quinas, prata e roxa, Banana cinco quinas, Banana três quinas, banana prata, banana marmelo, banana nanicona	a, c, r	a: consome o fruto ao natural; r: osteoporose, câimbra, soro antiofídico, vitamina; c: venda do excedente	in	67,4

<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja comum, pé de laranja, laranja de enxerto, laranja beira rio, laranjeira, laranja legítima, laranja doce, laranja da Bahia	a, r, c	<u>a</u> : consome o fruto ao natural, faz suco; <u>r</u> : in contra gripe e tosse; <u>c</u> : vende o excedente	62,8
<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Santa maria, mentruz, mastruz, erva de santa maria, menstruz	r	<u>r</u> : coceira e sarna na pele, depurativo do sangue, trata ferimentos, vermífugo, cicatrizante, anti-inflamatório, dor de barriga, dor de estômago, pressão alta	53,5

Segundo Medeiros (2012) é evidente a concentração de plantas exóticas entre as espécies de maior importância e uso pela população. A mesma autora afirma que este destaque pode ser atribuído a dois fatores: 1) o prestígio das espécies provenientes do Velho Mundo possibilitou que o conhecimento sobre diferentes propriedades destas espécies fosse criado e difundido no Brasil; 2) a ampla distribuição e difusão dessas espécies faz com que elas sejam muito utilizadas pela população e por isso estejam presentes em um grande número de estudos.

Destas plantas 82% (nove) são plantas alimentares (frutíferas) também utilizadas na medicina popular na cura de males tanto de população humana como de animais domésticos (galinhas, porcos, gado).

Isto demonstra a multiplicidade de uso das espécies vegetais pela população em estudo, que utiliza os recursos alimentares disponíveis como recursos para o tratamento de enfermidades. A medicina popular é muito utilizada no meio rural pela sua eficácia já conhecida e pelo seu baixo, ou nenhum, custo, aliada aos traços culturais das populações. Estudos realizados em Mato Grosso (CARNIELLO et al., 2010; GUARIM NETO; AMARAL, 2010; AMARAL; GUARIM NETO, 2008) e em outros Estados (SIVIEIRO et al., 2011) também identificaram a importância das espécies frutíferas como principais alimentares humanas.

Constatou-se ainda que, entre as onze espécies mais citadas, apenas a espécie *Manihot esculenta* Crantz (mandioca) é nativa, e foi a que apresentou maior número de atributos (cinco finalidades de uso), o que demonstra a multiplicidade de uso e importância desta espécie nativa para a população estudada.

É importante salientar que a mandioca (*Manihot esculenta*) tem sido alvo de estudos etnobotânicos em Mato Grosso, principalmente na baixada cuiabana (AMOROZO, 1996; MARCHETTI, 2012; OLER, 2012). No assentamento Laranjeira I esta espécie é utilizada na complementação alimentar e geração de renda a partir da comercialização da farinha dentro e fora do assentamento, sendo este último realizado por apenas um núcleo familiar. Oler (2012) em estudo sobre o cultivo das etnovarietades de mandioca entre pequenos agricultores de comunidade tradicional e de assentamento rural no município de Porto Estrela, MT, assim como no assentamento Laranjeira I, constatou que o cultivo da mandioca é importante para alimentação das comunidades, no entanto, não é o foco das atividades agrícolas exercidas, o que explica a pouca produção farinheira, e o pequeno conhecimento dos agricultores sobre as mandiocas de semente.

Amorozo (2013) afirma que a mandioca é uma cultura muito versátil e pouco exigente em termos de solo e muito adequada ao clima tropical, sendo amplamente utilizada como a base da alimentação de milhões de pessoas nos trópicos de todo o mundo. Isto foi evidenciado no Assentamento Laranjeira I, uma vez que mesmo nas condições locais (escassez de água, solos rochosos) a mandioca está presente em grande parte das propriedades. A mesma autora descreve que em quase todas as regiões do Brasil, é de grande importância na agricultura tradicional de subsistência, onde os agricultores mantêm um alto grau de diversidade da espécie e também na agricultura familiar, fato constatado no assentamento Laranjeira I.

Guarim Neto e Amaral (2010) em seu estudo nos quintais urbanos de Rosário Oeste, MT, destacaram a presença de espécies tais como mangueiras (*Mangifera indica*), coco-da-Bahia (*Cocos nucifera*) e bananeiras (*Musa paradisiaca*) como as que mais contribuem na composição dos quintais observados, conferindo a eles a perfeita condição daquilo que tradicionalmente são os quintais sombreados matogrossenses, verdadeiros espaços de cultivo e conservação dos recursos vegetais, possibilitando uma maior variedade genética destas espécies, constituindo importantes bancos de germoplasma.

No que se refere ao hábito das plantas conhecidas e utilizadas, constatou-se que as arbóreas (123) e as herbáceas (121) se destacaram nas unidades de paisagem presentes nos lotes (quintais, pastagem, mata de galeria, beira de córrego, roça) e, exclusivamente nos quintais as herbáceas são as plantas de maior destaque (114) (Figura 4). O número superior (mesmo que em pequena proporção) de plantas arbóreas em relação as plantas herbáceas de ocorrência em toda a propriedade revelam as características de domicílios rurais.

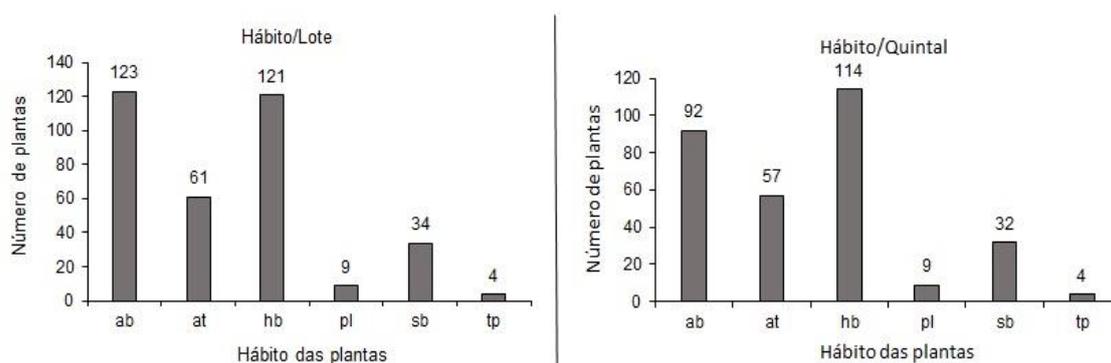


Figura 4. Classificação do hábito das plantas no lote e exclusivamente no quintal de acordo com o número de plantas. ab: arbóreo; at: arbustivo; hb: herbáceo; pl: palmeira; sb: subarbustivo; tp: trepadeira.

Esta predominância de plantas herbáceas no presente estudo pode ser atribuída ao enfoque principal desta pesquisa sobre as plantas que ocorrem nos quintais rurais. Em conformidade com o dado obtido, Pilla et al. (2006) afirmaram que plantas de hábito herbáceo são predominantemente cultivadas nos quintais.

Nos quintais são cultivadas espécies úteis ao dia-a-dia, tal como espécies alimentares e medicinais, em grande parte herbáceas, bem como espécies utilizadas na ornamentação do espaço. No entanto, por se tratar de quintais no meio rural, constata-se neste estudo que o número de espécies arbóreas não foi discrepante quando comparado ao número de espécies herbáceas nos quintais (Figura 4). Os moradores entrevistados afirmaram que mantêm espécies arbóreas cultivadas ao redor da casa para a proteção de eventos naturais e catástrofes, tais como, tempestades e ventanias, além de climatizar o espaço tornando-o propício para receber visitas. Constatou-se ainda 44 espécies (12,5% do total de plantas) arbóreas mantidas nos quintais e que são frutíferas

importantes na alimentação dos moradores. Destas 21 são nativas e 23 são introduzidas, quantidades também não discrepantes em relação a origem.

Os quintais rurais estudados possuem arquiteturas diferenciadas e grande extensão territorial. A área varia de 454,43m² até 14.945,29m², e a média da área dos quintais é de 3.311,74m², no entanto a maioria dos quintais (11 – 26%) possuem extensão territorial que varia de 1003m² a 1944m². Por isso comportam espécies arbóreas de médio e grande porte. Além disso, constatou-se que os lotes possuem córregos que atravessam os seus quintais, isto porque as residências foram construídas bem próximas ao curso hídrico para facilitar a captação de água, e por isso, mantém-se no quintal grande parte da vegetação arbórea que compõe a mata de galeria.

Alguns estudos etnobotânicos realizados em quintais, principalmente urbanos, também calcularam as áreas desses espaços (AMARAL; GUARIM NETO, 2008; SIVIEIRO et al., 2011; EICHEMBERG; AMOROZO, 2013), no entanto, não fizeram nenhuma referência relacionando a extensão territorial com o número de espécies cultivadas pelos proprietários.

Carniello et al. (2010) afirmaram que quando há uma extensão territorial limitada destinada ao quintal predomina o cultivo de espécies herbáceas. Os mesmos autores concluíram ainda que o número de espécies cultivadas nos quintais está diretamente relacionado, prioritariamente, ao interesse e necessidade do proprietário aliados a arquitetura, porte das espécies, e sob a influência do espaço territorial disponível para o cultivo de plantas. Os mesmos autores identificaram em quintais urbanos de Mirassol D'Oeste, MT, a predominância de espécies herbáceas cultivadas e um menor número de espécies arbóreas. Diferentemente do obtido no assentamento Laranjeira I, os autores constataram que o baixo número de espécies arbóreas presentes estava diretamente relacionado a arquitetura dos quintais e a pequena dimensão dos mesmos que variou de 200-1000m². Os lotes rurais do assentamento estudado, devido a extensa área possibilita o cultivo de espécies arbóreas com baixos a nenhum risco à conservação das edificações.

3.2 A influência do perfil dos sujeitos na riqueza de espécies conhecidas e utilizadas

Para abordar estes aspectos enunciados na proposta foi levantada a hipótese: “as variáveis relacionadas ao perfil dos moradores tais como o gênero, a idade, a escolaridade, o itinerário e o tempo de residência no assentamento influenciariam na riqueza de espécies conhecidas e utilizadas pelos mesmos e presentes em cada um dos lotes e com enfoque nos quintais.” Além das variáveis relacionadas ao perfil dos entrevistados, teve-se como hipótese que a dimensão territorial em área (m²) influenciaria na riqueza de espécies.

Dos 43 moradores 53,5% são do sexo feminino e 46,4% do masculino. A média de idade é de 51 anos, sendo as faixas etárias de maior destaque de 36 a 45 anos (21%) e 66 a 75 anos (21%), e a de menor percentual dos 16 aos 25 anos (7%). Destes 36% possuem ensino fundamental incompleto, e o percentual dos que possuem ensino médio completo é o mesmo dos não escolarizados (25% cada). Do tempo de residência no assentamento, 51% residem há 16 e 18 anos, e 16% são moradores novos (até 5 anos). O itinerário corresponde ao número de Estados em que os moradores já viveram até estabelecer residência no assentamento, variando de 1 a 8 Estados.

Constatou-se que nenhuma das variáveis influenciam no número de espécies conhecidas, utilizadas e presentes nos lotes dos moradores do assentamento Laranjeira I, ou seja, neste caso não são variáveis que indicam maior ou menor conhecimento sobre as plantas. Os resultados das análises revelaram: escolaridade (GL: 42; p: 0,34; p<0,05); gênero (GL: 42; p: 0,62; p<0,05), idade (GL: 42; p: 0,55; p<0,05), itinerário (GL: 42; p: 0,72; p<0,05), tempo de residência (GL: 42; p: 0,13; p<0,05) e a dimensão territorial dos quintais (GL: 42; p: 0,09; p<0,05).

Em concordância com os dados obtidos, Siviero et al. (2011) em estudo sobre o cultivo de espécies alimentares nos quintais urbanos de Rio Branco, AC, com população não tradicional, também não identificaram associações estatisticamente significativas entre a riqueza de espécies e fatores socioeconômicos como gênero escolaridade, naturalidade e estado civil.

Entretanto, mesmo que com resultado não significativo estatisticamente, constatou-se que as variáveis independentes tempo de residência e dimensão territorial dos quintais, foram as que apresentaram maior proximidade ao nível de significância de 5%, no entanto a hipótese de que estas seriam variáveis que influenciaram na riqueza, foi refutada. Acredita-se que em comunidades tradicionais seja mais comum a influência do tempo de residência estabelecido no local, bem como a extensão territorial dos quintais no cultivo de maior número de espécies vegetais. As populações tradicionais, diferentemente, das não tradicionais, possuem aspectos culturais intrínsecos quanto ao cultivo de espécies nos quintais, sendo caracterizadas por quintais com grande diversidade vegetal utilizada para várias finalidades independente da extensão territorial.

No assentamento Laranjeira I no quintal com menor área (454,43m²) obteve-se 11 espécies e o de maior área (14.945,29m²) 48 espécies. O quintal com maior número de espécies (83) possui extensão territorial de 1.357,02m², valor abaixo da média da área total dos lotes.

Em conformidade com o constatado nesse estudo, Carniello et al. (2010) encontraram nos quintais urbanos de Mirassol D'Oeste maior número de espécies cultivadas (209 espécies) em um quintal de apenas 102m², e a maior área estudada com 3.750m² cultivada com a finalidade comercial abrigava 59 espécies. Sob esta perspectiva os autores afirmaram que o número de espécies cultivadas está mais diretamente relacionado ao interesse e necessidade do proprietário aliados à arquitetura e porte das espécies e sob influência do espaço territorial disponível para o cultivo de plantas.

Com base na Figura 5 constata-se que existe uma linha de tendência para o aumento da riqueza de espécies conforme aumentam o tempo de residência dos moradores e a dimensão territorial dos quintais. Isto sugere que, quanto maior o tempo de residência dos moradores nos domicílios maior a chance de se cultivar e conhecer um maior número de espécies vegetais, e ainda, quanto maior a área de cultivo, neste caso os quintais, maior também poderá ser o número de espécies cultivadas. Portanto, os resultados das análises, possibilitam inferir que, há tendências que sugerem que ao longo do tempo o número de espécies presentes nesses espaços poderá aumentar.

Pode se inferir que no Assentamento Laranjeira I, quando uma família se estabelece em um lote por período mais prolongado ocorre o aumento gradativo do número de plantas cultivadas, isto porque, a convivência com outros moradores e familiares da comunidade rural possibilita a troca de material vegetal entre os mesmos, com o surgimento de espécies consideradas por ele como novidades.

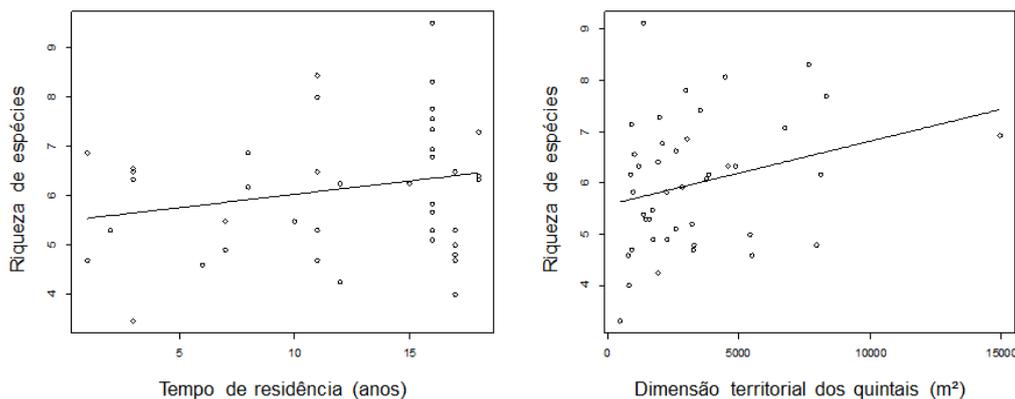


Figura 5. Linha de tendência da riqueza de espécies em função do tempo de residência e dimensão territorial dos quintais em m² dos moradores do Assentamento Laranjeira I, 2013-2014.

Quanto à dimensão territorial, constatou-se neste assentamento que nos quintais de áreas maiores, os moradores utilizam estes espaços para o cultivo de espécies alimentares, geralmente, cultivadas em roças distantes da casa, e por isso obteve-se o aumento do número de espécies cultivadas nesses espaços. Em quintais de áreas menores os moradores formam roças distantes da casa e na maioria das vezes não cultivam espécies alimentares nos quintais, o que reduz o número de espécies cultivadas neste espaço. Entretanto, também foram identificados quintais com grande extensão territorial, porém com menor número de espécies cultivadas o que demonstra diferentes práticas relacionadas ao cultivo, tendo-se como hipótese o prazer e interesse de alguns por manter o máximo de espaço cultivado e outros não manifestam o mesmo interesse. Nestes casos, os quintais tornam-se espaços vazios com pouca, ou nenhuma, funcionalidade no que se refere à segurança alimentar da família e ainda como espaço de conservação da diversidade cultural e vegetal nativa e introduzida. Este último fator, é o que melhor explica a rejeição da hipótese da extensão

territorial dos quintais como fator influenciador na riqueza de espécies de ocorrência nesses espaços.

3.3 Similaridade florística estabelecida entre os lotes

No assentamento Laranjeira I constatou-se que há formação de organizações familiares, aqui definidas como comunidades e condomínios familiares, caracterizados por relações específicas e realização de atividade agrícola conjunta. As organizações sociais dos núcleos familiares possibilitam intensa troca de plantas entre si e com vizinhos. Esta troca de plantas pode refletir na similaridade florística existente entre os lotes do assentamento Laranjeira I.

A partir da utilização da análise de agrupamento pode-se investigar a similaridade existente entre os quintais amostrados. Obteve-se a formação de oito grupos definidos (Figura 6).

Foi identificada similaridade entre lotes pertencentes a moradores de um mesmo núcleo familiar (comunidades familiares) residente no assentamento e de vizinhos próximos que compartilham/trocam plantas. Os grupos ficaram assim constituídos: L7, L8, L21, L42 (em amarelo) e L15, L36, L3, L20 e L23 (em azul). Nestes grupos existem a formação de roças conjuntas e grande troca de mudas, sementes e produtos derivados pertencentes a plantas nativas e cultivadas, por isso são similares. Ainda foi possível identificar outro grupo (L5, L9, L1, L19, L41, L11, L43, L17, L18, L27), em que não existe formação de condomínio ou comunidade familiar, no entanto, são vizinhos que realizam a troca de material vegetal algumas vezes trazidos de outras localidades (locais de origem) e que são cultivados nos quintais.

O intercâmbio de sementes com vizinhos, tradição das famílias rurais que tem-se consolidado ao longo das décadas (LYRA et al., 2011), contribui para a manutenção das relações da vizinhança e parentesco na medida em que fornecem elementos que circulam juntamente com as informações sobre seus empregos e significados, mantendo as tradições locais e disseminação do germoplasma de interesse para a população (AMOROZO, 2002).

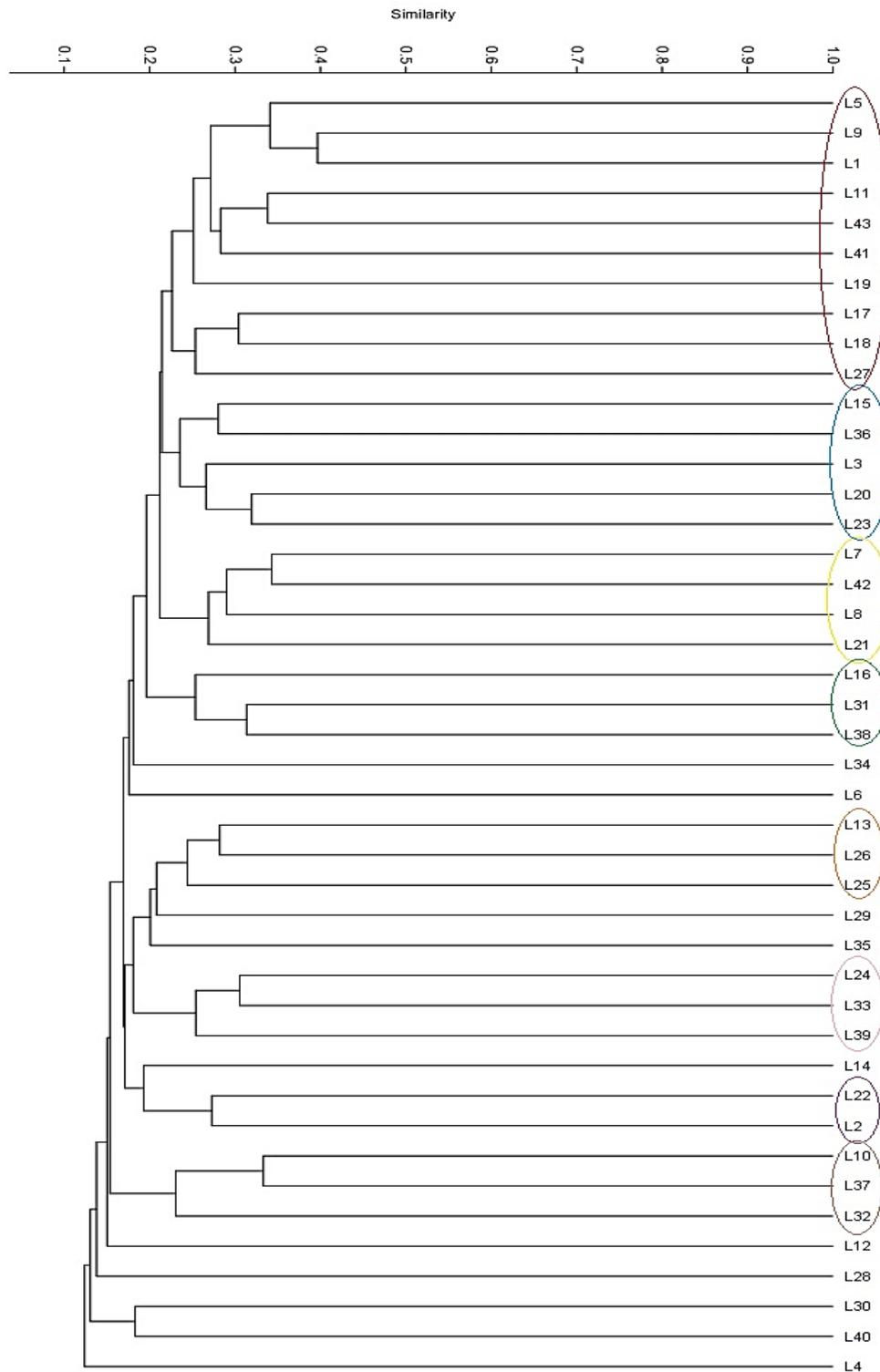


Figura 6. Análise de Agrupamento (Cluster) com base no coeficiente de distância (similaridade) de Jaccard considerando a distância de 0,22 entre os 43 lotes/quintais amostrados no Assentamento Laranjeira I, 2013-2014, utilizando UPGMA (Coeficiente de correlação cofrenética = 0,6597). L: Lotes.

Esta prática enfatiza as medidas conservacionistas da diversidade agrícola, tais como coleta, caracterização e adaptação de germoplasma das variedades locais (ALMEIDA; CORDEIRO, 2002).

O grupo L13, L26 e L25 é formado por moradores que residem em lotes contíguos na área natural no entorno da serra, no entanto, não existe relação de parentesco. Devido à disposição geográfica usufruem da flora nativa natural, porém não se teve registro de troca de qualquer natureza. Os lotes L22 e L2 foram identificados como semelhantes, atribuindo-se tal similaridade a formação de roças em ambos os lotes, onde as plantas cultivadas seriam praticamente as mesmas visando a subsistência. Quanto aos demais grupos formados, pode-se afirmar que não existe nenhum fator que explique a semelhança existente entre eles, visto que não existe relação de parentesco, vizinhança, troca de material vegetal e disposição geográfica. O que ocorre é o cultivo semelhante de espécies agrícolas, nativas comuns às diferentes regiões do assentamento, de ornamentais e medicinais que são largamente conhecidas e cultivadas pela população em estudo.

3.4 Diversidade vegetal nativa das áreas de nascentes presentes nos quintais

A partir do levantamento florístico realizado nas áreas naturais do Assentamento Laranjeira I e próximas aos quintais amostrados, foram coletados 75 táxons pertencentes a 36 famílias botânicas e identificadas 65 espécies, 4 gêneros, 3 em nível de família e 3 indeterminadas (Tabela 2). A família mais representativa, semelhante aos dados obtidos ao levantamento botânico realizado nos lotes foi a Fabaceae com 14 espécies.

Como uma das hipóteses deste estudo propôs verificar se o quintal constitui um espaço de conservação da diversidade biológica natural, analisando a manutenção de espécies nativas de ocorrência nas áreas de nascentes de água (mata de galeria) e que também estão presentes no quintal e ainda, de espécies nativas que não ocorram naturalmente nesses espaços.

Reitera-se que os quintais conservam tanto espécies nativas quanto exóticas, aproximadamente na mesma proporção. No entanto, quando verificada

a presença de espécies nativas locais, poucos são os quintais que mantêm presentes tais espécies. Geralmente estas espécies são mantidas nas pastagens em regeneração, matas de galeria e nascentes de água, raramente encontradas nos quintais.

As espécies nativas locais encontradas no levantamento florístico das paisagens naturais do assentamento e que foram encontradas e citadas pelos moradores como úteis são *Bixa orellana* L. (Urucum, colorau) identificada em 15 quintais, *Attalea phalerata* Mart. ex Spreng. (Bacuri, acori) em 14 quintais, *Genipa americana* L. (Jenipapo) em 11 quintais, e *Cecropia pachystachya* Trécul (Embaúba, bananinha de macaco) em 10 quintais (Tabela 2).

Deste modo, constata-se que os moradores do assentamento Laranjeira I conhecem as espécies nativas locais, no entanto, não as identificam como utilizadas no cotidiano e por isso não as cultivam no espaço próximo à casa. Torna-se evidente, que para a maioria dos moradores o conceito de preservar as espécies nativas está ligado somente a conservação e manutenção de tais espécies nas unidades de paisagem naturais e não em unidades antropizadas, como o quintal.

Tabela 2. Lista de espécies nativas presentes nas unidades de paisagem natural (nascentes e mata de galeria) do Assentamento Laranjeira I. HO: Hábito; Nº.Cit.: Número de citações. NI: Identificadas em nível de família; Indet.: Indeterminadas. Coletores: Carniello et al. 2013 e 2014.

Família	Nome científico	HO	Nº. Cit.	Nº. Coleta
1. Anacardiaceae	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott	ab	3	4479
2. Annonaceae	<i>Annona</i> sp.	ab	0	4588
	<i>Annona dioica</i> A.St.-Hil.	at	0	4674
3. Apocynaceae	<i>Tabernaemontana laeta</i> Mart.	at	2	4505
4. Arecaceae	<i>Bactris major</i> Jacq.	pl	0	4621
	<i>Attalea phalerata</i> Mart. ex Spreng.	pl	14	4927
5. Asteraceae	<i>Vernonanthura phosphorica</i> (Vell.) H. Rob.	at	2	4603
6. Bignoniaceae	<i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart.	ab	0	4469
	<i>Handroanthus vellosi</i> (Toledo) Mattos	ab	0	4473
	<i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	ab	0	4477
	<i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos	ab	0	4569
	<i>Dolichandra unguis-cati</i> (L.) L. G. Lohmann	hb	0	4624
	<i>Anamopaegma arvense</i> (Vell.) Stellfeld ex . De Souza	at	0	4633
	<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos	ab	6	5121
	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	ab	4	5112
	<i>Cochlospermum vitifolium</i> (Willd.) Spreng.	ab	0	4484

7. Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	at	15	4613 4689 4900	
8. Combretaceae	<i>Terminalia argentea</i> L.	ab	0	4672	
9. Convolvulaceae	<i>Ipomea carnea</i> subsp. <i>fistulosa</i> (Mart. Ex Choisy) D.F.Austin.	sb	4	4622 4912	
10. Costaceae	<i>Costus spicatus</i> L.	hb	3	4967	
11. Dilleniaceae	<i>Curatella americana</i> L.	ab	3	4498	
	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.	ab	0	4509	
12. Euphorbiaceae	<i>Croton</i> sp.	ab	0	4600	
	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	at	7	4670	
13. Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	ab	8	4502	
	<i>Platypodium elegans</i> Vogel	ab	0	4470	
	<i>Inga</i> sp.	ab	1	4492	
	<i>Copaifera martii</i> Hayne	at	0	4495	
	<i>Machaerium isadelphum</i> (E.Mey.) Standl.	at	0	4497	
	<i>Erythrina verna</i> Vell.	ab	0	4508	
	<i>Platymiscium pubescens</i> Micheli	ab	3	4513	
	<i>Phanera glabra</i> (Jacq.) Vaz	at	6	4585	
	<i>Inga cylindrica</i> (Vell.) Mart.	ab	0	4610	
	<i>Bauhinia rufa</i> (Bong.) Steud.	at	0	4612 4623	
		<i>Machaerium paraguariense</i> Hassl.	ab	0	4619
		<i>Lonchocarpus araripensis</i> Benth.	ab	0	4628
	<i>Senna occidentalis</i> (L.)Link	at	6	4946	
14. Lauraceae	<i>Nectandra nitidula</i> Nees	ab	0	5104	
15. Lecythidaceae	<i>Cariniana ianeirensis</i> R.Knuth	ab	0	4602	
	<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	ab	0	4618	
16. Lythraceae	<i>Physocalymma scaberrimum</i> Pohl	ab	0	4478	
	<i>Lafoensia pacari</i> A.St.-Hil.	ab	0	5113	
17. Malpighiaceae	<i>Heteropterys aphrodisiaca</i> Machado	at	0	4485	
18. Malvaceae	<i>Helicteres guazumifolia</i> Kunth	at	0	4584	
	<i>Luehea grandiflora</i> Mart. & Zucc.	ab	0	5031	
	<i>Luehea paniculata</i> Mart. & Zucc.	ab	0	5117	
	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	ab	7	4792	
19. Meliaceae	<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer	ab	0	4488	
	<i>Trichilia silvatica</i> DC.	ab	0	4589	
20. Moraceae	<i>Ficus</i> sp.	ab	7	4595	
	<i>Maclura tinctoria</i> (L.) D.Don ex Steud.	ab	4	5099	
21. Myrtaceae	<i>Psidium guineense</i> Sw.	at	1	4650 4700	
22. Opiliaceae	<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers ex Benth.	ab	1	4673	
23. Piperaceae	<i>Piper callosum</i> Ruiz & Pav.	at	0	4504	
24. Primulaceae	<i>Clavija nutans</i> (Vell.) B.Ståhl	at	1	4503	
25. Rhamnaceae	<i>Ziziphus undulata</i> Reissek	ab	0	4591	
26. Rubiaceae	<i>Psychotria carthagenensis</i> Jacq.	at	0	4501	
	<i>Genipa americana</i> L.	ab	11	4735	
	<i>Randia armata</i> (Sw.) DC.	at	0	4788	
27. Rutaceae	<i>Zanthoxylum rigidum</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	ab	1	4482	
28. Salicaceae	<i>Casearia gossypiosperma</i> Briq.	at	0	4594	
	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	at	0	4611	
29. Sapindaceae	<i>Magonia pubescens</i> A. St.Hil.	ab	5	4949	
	<i>Sapindus saponaria</i> L.	ab	0	5088	

30. Solanaceae	<i>Solanum paniculatum</i> L.	at	6	4699 4717
	<i>Solanum viarum</i> Dunal	hb	4	4916
31. Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	ab	10	4605
32. Verbenaceae	<i>Aloysia virgata</i> (Ruiz & Pav.) Juss.	hb	0	4596
33. Vochysiaceae	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	ab	3	4632
34. Lauraceae	NI	ab	0	4487
35. Polygonaceae	NI	ab	0	4620
36. Meliaceae	NI	ab	0	4493
NI	Indet.	ab	0	4590
	Indet.	ab	0	5107
	Indet.	ab	0	4593

A vegetação presente nos quintais não se assemelha a vegetação das nascentes de água e da mata de galeria. Nestes espaços estão conservadas espécies naturais do Cerrado e Pantanal matogrossense úteis aos moradores, bem como espécies introduzidas trazidas do seu local de origem vinculadas a sua respectiva cultura.

Nestas circunstâncias, Santos e Guarim Neto (2008) afirmam que os quintais são espaços que refletem o quanto espécies e variedades de plantas, juntamente com valores culturais diversos, acompanham as pessoas em suas rotas migratórias. Isto evidencia que o desejo de reproduzir numa nova região os costumes e tradições do local de origem dessas pessoas são materializados fortemente nos quintais pela população migrante.

Constata-se a partir do exposto, que os quintais estudados são espaços que conservam a diversidade biológica e cultural de um modo geral, tendo em vista a conservação de espécies nativas e introduzidas. No entanto, os moradores cultivam e conservam espécies que lhes sejam úteis ou que acompanham as suas trajetórias de vida. Não pode-se afirmar que os quintais do assentamento são espaços em que espécies nativas locais são fortemente conservadas. Os moradores mantêm espécies nativas locais nas demais unidades de paisagem presentes nos lotes.

Diante de todo o contexto levantado sobre os moradores do assentamento Laranjeira I e a relação estabelecida com o ambiente que os cerca, pode-se afirmar que existe a estreita relação dos mesmos com a vegetação nativa e a importância do ambiente natural nas atividades cotidianas desenvolvidas.

O conhecimento sobre a vegetação introduzida e nativa está sendo disseminado entre a população por meio dos núcleos familiares e laços de vizinhança. Aos poucos estes moradores estão criando identidade com o local e a sua vegetação, conhecendo e utilizando os recursos naturais para fins de seu interesse e deste decorre a sua conservação.

4. Considerações finais

A população do Assentamento Laranjeira I conserva em seus lotes e principalmente nos seus quintais, espécies de origem introduzida e nativa, com maior destaque para as introduzidas. Isto pode ser explicado devido a miscigenação de diferentes culturas e procedências dos moradores, que trouxeram consigo plantas que os acompanham ao longo de suas vidas.

A principal categoria de uso indicada pelos moradores foi a medicinal, seguida da ornamental e alimentação humana. A esta predominância de plantas medicinais e ornamentais relacionou-se a maior ocorrência de espécies das famílias Lamiaceae e Asteraceae. Por se tratar de um estudo em quintais rurais, diferentemente, do que se encontra no meio urbano, o número de plantas de hábito arbóreo também foi elevado. Os moradores cultivam em seus lotes muitas espécies frutíferas, sendo que estas estão entre as mais citadas pelos moradores entrevistados tais como *Annona squamosa* (pinha), *Psidium guajava* (goiaba) e *Mangifera indica* (manga).

Os quintais rurais estudados possuem arquiteturas diferenciadas entre si e grande dimensão territorial, por isso comportam desde espécies herbáceas até as arbóreas de médio e grande porte. A presença de espécies arbóreas nativas nos quintais amostrados está relacionada, ainda, ao modo como as residências se estabeleceram nos lotes. Os domicílios foram construídos próximos ao curso hídrico para facilitar a captação de água, e portanto, em alguns lotes os córregos passam pelos quintais, e desses os moradores mantêm conservada grande parte da vegetação arbórea que compõe a mata de galeria.

Constatou-se que os dados do perfil dos moradores tais como escolaridade, idade, gênero, itinerário, tempo de moradia, e ainda a dimensão

territorial dos quintais (área em m²) não são variáveis que influenciam na riqueza de espécies dos lotes e dos quintais conhecidas e utilizadas pelos entrevistados. No entanto, em relação ao tempo de residência e área dos quintais, pode-se inferir que existe uma linha de tendência que sugere o aumento da riqueza de espécies conforme aumenta os valores de tais variáveis.

A partir disso, pode-se inferir que quando uma família se estabelece em um lote por período mais prolongado aumenta gradativamente o número de plantas cultivadas. As relações sociais entre vizinhança que se estabelecem e ainda as relações familiares já estabelecidas por meio das comunidades e condomínios familiares tem impulsionado a troca de material vegetal entre os moradores. Os quintais de áreas maiores têm sido transformados, pelos moradores, em espaços de cultivo de espécies alimentares, pequenas roças. Por isso nos quintais em que os moradores transformam esses espaços em pequenas unidades agrícolas existe a maior possibilidade de se encontrar cultivadas maior número de plantas/espécies.

Diante das relações sociais formadas dentro do assentamento Laranjeira I, seja por vizinhança ou laços de parentesco como mencionados anteriormente, constatou-se que existe a prática de compartilhamento de espécies vegetais e produtos transformadas/processados dentro desses grupos. Pela análise de similaridade florística entre os lotes foi constatada similaridade entre lotes pertencentes a mesma comunidade familiar e entre vizinhos que realizam a troca de material vegetal (semente e mudas). Portanto, existe a troca de propágulos o que permite a manutenção e conservação de algumas espécies ao longo do tempo em que a população está estabelecida nesse local e, ainda, do conhecimento associado ao uso que acompanham tais espécies.

Quando verificada a conservação de espécies nativas nos quintais do assentamento, se evidenciou que nestes espaços está presente grande número de espécies nativas da flora brasileira, no entanto, são poucos os quintais que mantêm conservadas espécies nativas da região. As espécies nativas locais não são cultivadas pelos moradores no espaço próximo à casa, geralmente estão presentes nas pastagens em regeneração e próximas aos cursos de água,

unidades de paisagem que possuem menor interferência dos moradores entrevistados.

Os moradores mantêm cultivadas em seus quintais espécies nativas utilizadas e de interesse, mas não diretamente com o objetivo de conservar a diversidade vegetal local. Entretanto, mesmo que não propositalmente, ao cultivar espécies nativas e introduzidas atuam como cuidadores da diversidade biológica. No entanto, salienta-se que esta diversidade é útil a esta população pois faz parte do repertório das plantas cujo uso emana do aprendizado ancorado nas respectivas culturas e interações contemporâneas.

5. Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. de (Org). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: Livro Rápido/NUPEEA, 2004. 189p.

ALCORN, J. B. **The scope and aims of ethnobotany in a developing world**. In: R.E. Schultes & S.V. Reis (eds.). *Ethnobotany: evolution of a discipline*. Cambridge, Timber Press, p. 23-39, 1995.

ALMEIDA, P.; CORDEIRO, A. **Semente da paixão: estratégia comunitária de conservação de variedades locais no semiárido**. Rio de Janeiro, AS-PTA, 2002, 72p.

AMARAL, C.N.; GUARIM NETO, G. **Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil)**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 3, n. 3, p. 329-341, set.- dez. 2008.

AMOROZO, M. C. M. **Agricultura tradicional: espaços de resistência e o prazer de plantar**. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; ALVES, Ângelo Giuseppe; SILVA, Ana Caroline Borges; SILVA, Valdeline Atanazio (Orgs.). *Atualidades em Etnobotânica e Etnoecologia*. Recife: SBEE, 2002. p. 123-131.

AMOROZO, M. C. M. Os quintais – Funções, Importância e Futuro. In: **Quintais Mato-Grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes**. CARNIELLO, M.A.; GUARIM NETO, G. (Org.). Cáceres/MT: Editora Unemat, 2008, p. 15-26.

AMOROZO, M. C. M. **Um sistema de agricultura camponesa em Santo Antonio do Leverger, Mato Grosso, Brasil**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo (USP). São Paulo: SP, p. 269. 1996.

AMOROZO, M. C. M. **Abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais**. In: DI STASI, Luiz Cláudio (Org.). *Plantas medicinais: arte e ciência - um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996, p.47-68.

AMOROZO, M. C. M. **Sistemas agrícolas de pequena escala e a manutenção da agrobiodiversidade - uma revisão e contribuições**. Rio Claro, SP: Edição do autor; Botucatu: FCA – UNES, 2013. 120 p.

BARBOSA, T.G; CARNIELLO, M.A. **Aspectos míticos relacionados às plantas encontradas nos quintais de Cáceres, MT**. In: 13º ENCONTRO DE BIÓLOGOS DO CRBIO-1, 2002, São Pedro-SP. Resumos. p.141.

BEGOSSI, A. **Use of Ecological Methods in Ethnobotany: Diversity índices**. *Economic Botany*, vol 50(3), p. 280-289, 1996.

BERNARD, H.R. **Research methods in cultural anthropology**. United States of America: Sage Publications, 1988. 520 p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA. Artigo 2º da Lei nº 6.938, de agosto de 1981. **Dispõe sobre a metodologia de recuperação das Áreas de Preservação Permanente - APPs**. Versão limpa – 57ª CTAJ; 2010.

BRONDÍZIO, E.; NEVES, W. A. **Populações caboclas do estuário do Amazonas: a percepção do ambiente natural**. In: PAVAN, Crodowaldo (Org.). Uma estratégia latino-americana para a Amazônia. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal; São Paulo: Memorial/ UNESP, 1996. v. 1, 347 p. il.

CABALLERO, J. La etnobotânica. In: A. Barrera (ed). INREB. **La etnobotânica: três puntos de vista y una perspectiva**. Xalapa, p. 27-30, 1979.

CABRAL, C. D. O.; CARNIELLO, M. A. Quintais de Cáceres: Ocorrência e utilização da vegetação remanescente em quintais urbanos. In: **Quintais Mato-Grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes**. GUARIM NETO, Germano e CARNIELLO, Maria Antonia (Org.). Cáceres/MT: Editora Unemat, p. 172-184, 2008.

CARNIELLO, M. A.; SILVA, R. S.; CRUZ, M. A. B.; GUARIM NETO, G. **Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica**. Acta Amazônica, v. 40, n. 3, p. 451-470, 2010.

EICHEMBERGI, M. T.; AMOROZO, M. C. M. **Contributions of the old urban homegardens for food production and consumption in Rio Claro, Southeastern Brazil**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 8, n. 3, p. 745-755, set.-dez. 2013.

GANDOLFO, E. S.; HANAZAKI, N. **Etnobotânica e urbanização: conhecimento e utilização de plantas de restinga pela comunidade nativa do distrito do Campeche (Florianópolis, SC)**. Acta Botanica Brasilica v. 25, n. 1, p. 168-177, 2011.

GUARIM-NETO, G.; MACIEL, M. R. A. **O saber local e os recursos vegetais em Juruena: Mato Grosso**. Cuiabá, MT; Entrelinhas: EdUFMT, 2008.

GUARIM NETO, G.; AMARAL, C. N. **Aspectos etnobotânicos de quintais tradicionais dos Moradores de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil**. Polibotânica, Núm. 29, pp. 191-212, ISSN 1405-2768; México, 2010.

HANAZAKI, N. Etnobotânica. In: Begossi, Alpinia. (Ed). **Ecologia Humana de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo, FAPESP/HUCITEC, p. 37-57, 2004.

LIMA, R. J.S. **Etnobotânica no Cerrado: um estudo no Assentamento Santa Rita, Jatí (GO)**. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí, 2013. 87 p.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. Editora pedagógica e Universitária, Ltda. São Paulo, SP, 1986.

LYRA, D.H.; SAMPAIO, L.S.; PEREIRA, D.A.; AMARAL, C.L.F. **Conservação onfarmda agrobiodiversidade de sítios familiares em Jequié, Bahia, Brasil**. Rev. Ceres, Viçosa, v. 58, n.1, p. 69-76, jan/fev, 2011.

MADALENO, I. M. **Plantas da medicina popular de São Luís, Brasil**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 2, p. 273-286, maio-ago. 2011.

MARCHETTI, F. F. **Agricultura tradicional e a manutenção da agrobiodiversidade em comunidades rurais do município de Santo Antonio de Leverger-MT**. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal). Universidade Estadual Paulista (Unesp), Rio Claro: SP. 101p., 2012.

MEDEIROS, P. M. **Uso de plantas medicinais por populações locais brasileiras: bases teóricas para um programa de investigação**. 2012, 255 f. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Pós Graduação em Botânica (Tese de Doutorado). Recife, 2012.

MIRANDA, T. M.; HANAZAKI, N. **Conhecimento e uso de recursos vegetais de restinga por comunidades das ilhas do Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC), Brasil**. Acta bot. bras. 22(1): 203-215. 2008.

NODA, S.N.; MARTINS, A.L.U.; NODA, H.; SILVA, A.I.C.; BRAGA, M.D.S. **Paisagens e etnoconhecimentos na agricultura Ticuna e Cocama no alto rio Solimões, Amazonas**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum. Belém, v. 7, n. 2, p. 397-416, maio-ago. 2012.

OLER, J. R. L. **Conservação da agrobiodiversidade por agricultores de pequena escala em Mato Grosso-Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas – Biologia Vegetal), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Rio Claro, 2012. 94 p.

PASA, M. C.; BASTOS, E. A. S. **A Etnobiologia no fragmento florestal Recanto do Sol, Campo Verde, MT**. In: (Org) Jeater W. M. C. Santos. Produção do espaço e transformações socioambientais das paisagens do Mato Grosso. Edufmt, p. 71 – 94, 2010.

PEDROGA, J.A.; CARNIELLO, M.A. **Quintais na Fronteira Brasil-Bolívia, Comunidade de Clarinópolis**. In: **Quintais Mato-Grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes**. CARNIELLO, M.A.; GUARIM NETO, G. (Org.). Cáceres/MT: Editora Unemat, 2008, p. 45-62.

PILLA, M.A.C. **O conhecimento sobre os recursos vegetais alimentares em bairros rurais no Vale do Paraíba – SP.** Dissertação de Mestrado (Faculdade de Ciências Agronômicas da UNESP), Botucatu-SP, 2006, p. 129.

PINTO, E. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. **Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil.** Acta bot. Bras, v. 20, n. 4, p. 751-762, 2006.

SANTOS, S.; GUARIM NETO, G. **Etnoecologia de quintais: estrutura e diversidade de usos de recursos vegetais em Alta Floresta.** In: GUARIM NETO, Germano e CARNIELLO, Maria Antonia (Org.). Quintais Mato-Grossenses: espaços de conservação e reprodução **de saberes.** Cáceres/MT: Editora Unemat, p. 79-108, 2008.

SANTOS, T. M.; CARNIELLO, M. A. **Plantas medicinais em quintais rurais e urbanos: conservação de uma farmacopeia viva em Mato Grosso, Brasil.** Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum. NO PRELO.

SOUZA, L. F. **Recursos vegetais usados na medicina tradicional do Cerrado (comunidade de Baús, Acorizal, MT, Brasil).** Rev. Bras. Pl. Med., Botucatu, v.9, n.4, p.44-54, 2007.

SIVIERO, A.; DELUNARDO, T. A.; HAVERROTH, M.; OLIVEIRA, L. C.; MENDONÇA, A. M. S. **Cultivo de espécies alimentares em quintais urbanos de Rio Branco, Acre, Brasil.** Acta Botanica Brasilica, v. 25, n. 3, p. 549-556, 2011.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A população estudada apresenta marcas culturais distintas em face a sua formação por moradores migrantes de diferentes regiões brasileiras, característica que evidencia comunidades de assentamentos rurais. Esta diversidade cultural possibilita o compartilhamento, e conseqüentemente, a miscigenação dos saberes que envolvem os recursos vegetais conhecidos e utilizados pelas populações distintas que compõem esta comunidade rural.

Neste assentamento foram constatados indícios de tradicionalidade agrícola, embora seja um assentamento de reforma agrária formado em sua maioria por moradores da região Nordeste e Sudeste do Brasil. Foi evidenciada a formação de grupos de acordo com o elo de parentesco. Neste estudo foi muito visível a proximidade dos lotes de assentados de um mesmo núcleo familiar, formando as comunidades e condomínios familiares. As comunidades foram classificadas pela disposição contígua dos lotes pertencentes a um mesmo núcleo familiar. Os condomínios foram definidos pela presença de mais de uma família pertencente a um mesmo núcleo familiar em um lote, geralmente os familiares residem no mesmo lote com algumas divisões entre os domicílios.

Estes grupos familiares são de fato muito importantes, pois as famílias possuem espaços de cultivo comuns, ou seja, formam roças de forma conjunta de onde colhem produtos agrícolas para a subsistência de toda família, e em alguns casos, comercializam o excedente e dividem os lucros. Foi constatado um caso em especial de uma comunidade familiar que mantém uma roça de mandioca da variedade liberata e desta matéria prima produzem a farinha comercializada dentro do assentamento e também em outras regiões, inclusive no meio urbano. Esta é uma prática tradicional em que a moradora aprendeu sobre a produção farinheira desde pequena com a mãe e durante a produção da farinha, o marido, irmãs, filhas e cunhado se reúnem para o processo de fabricação. Esta prática inclui também, uma vizinha que entrega a matéria prima (mandioca) cultivada em seu quintal, e recebe parte do lucro da produção, denominado por eles de “a meia”.

A partir dessas formações familiares e do estabelecimento de redes sociais entre os núcleos familiares e de vizinhança ocorre a troca de material vegetal, o que possibilita a dispersão de espécies promovendo a conservação do germoplasma e do conhecimento sobre os diferentes atributos e formas de manejo associado as espécies. Esta formação de redes sociais no assentamento com o compartilhamento do componente vegetal e do saber associado é que possibilita a formação de grupos florísticos similares, ou seja, a formação de quintais com espécies presentes semelhantes.

Um fato preocupante quanto a manutenção do conhecimento e de práticas agrícolas tradicionais desenvolvidas no assentamento é a evasão dos jovens para os centros urbanos. Grande parte dos moradores são pessoas de idade mais avançada, embora ainda existam moradores em idade produtiva que desenvolvem práticas agropecuárias nas propriedades. Diferentemente dos seus progenitores e avós, os jovens do assentamento não possuem vínculo com a terra. Esta população não possui o interesse em permanecer no assentamento e em continuar a desenvolver o ofício de pequeno agricultor rural. Têm outras ambições tais como se tornarem assalariados e continuar os estudos em uma universidade, buscando outro estilo de vida. Isto implicará, em alguns anos, na ausência de sucessores para a manutenção das práticas agrícolas tradicionais e de pequena propriedade desenvolvidas no campo, e conseqüentemente, a perda do conhecimento tradicional agrícola associado.

A agricultura no assentamento Laranjeira I é desenvolvida na maioria das propriedades para a subsistência familiar o que possibilita a segurança alimentar desta comunidade. Esta atividade não é vista como uma fonte de obtenção de renda, diferentemente da atividade pecuária de gado leiteiro desenvolvida por 72% dos moradores como principal fonte de renda da propriedade. A agricultura familiar perdeu de certa forma sua importância como fonte de renda, em detrimento dos resultados e lucros obtidos com a pecuária leiteira. Os moradores afirmam que as condições do solo e escassez de água não favorecem as práticas agrícolas e portanto a pecuária é uma atividade mais rentável ao sustento da família. Poucos são os moradores que produzem em quantidade

maior produtos agrícolas visando a comercialização. Esta preferência pela pecuária demonstra a visão de assalariado do camponês.

Os assentados cultivam em seus quintais plantas destinadas a alimentação humana. Dão preferência a este espaço de cultivo por estar localizado mais próximo à residência, o que facilita as práticas de manejo e de produção de culturas agrícolas. Contatou-se que algumas famílias não possuem em seus lotes espaços para a formação de roças. Os moradores atribuem a isto a dificuldade na manutenção de roças formadas devido aos ataques de animais silvestres. Assim, preferem organizar os cultivos próximos à casa onde possuem maior controle sobre os riscos da produção. Deste modo os quintais do assentamento Laranjeira I, são espaços que contribuem para a segurança familiar das famílias, uma vez, que nesses espaços estão cultivadas variedades agrícolas alimentares destinadas ao consumo familiar.

Nos lotes dos moradores entrevistados estão conservadas espécies de origem introduzida e nativa. No entanto, as espécies mais citadas por eles, ou seja, de maior presença nos seus espaços de cultivo são as introduzidas, tais como, a *Annona squamosa* (pinha), *Psidium guajava* (goiaba) e *Mangifera indica* (manga), espécies de potencial alimentar humano e medicinal. A partir da realização deste estudo constatou-se que os moradores cultivam em seus quintais espécies que os acompanham pelas suas trajetórias de vida, ou seja, sempre existe uma planta que foi trazida junto com a mudança.

Apesar da maior ocorrência de espécies introduzidas, os moradores revelaram a grande importância da mandioca (*Manihot esculenta*), uma planta nativa utilizada para diversos fins entre esta população. Esta espécie foi a que possui maior número de atributos na lista das mais citadas pelos moradores. Eles utilizam esta espécie para subsistência da família, fabricação de farinha para comercialização, ração de gado, uso medicinal veterinário no tratamento de vermes e anemia do gado e porcos, e ainda folha da mandioca é utilizada na culinária para amenizar o cheiro forte da carne.

Constatou-se o perfil dos sujeitos envolvidos na pesquisa, bem como o tempo de residência e área dos espaços de cultivo (quintais), não são fatores que interferem no conhecimento e utilização de espécies pelos assentados. O

que explica o saber sobre os recursos vegetais é a identidade cultural estabelecida entre os moradores e a vegetação que os cerca. No assentamento Laranjeira I, os moradores mantêm em seus espaços de cultivos plantas consideradas úteis por eles, mas não com a iniciativa deliberada de conservação.

O assentamento Laranjeira I é um espaço rico quando se trata dos recursos vegetais disponíveis, e em parte de recursos hídricos, visto que afloram nessa região serrana importantes nascentes de água doce e salobra que abastecem os domicílios e deságuam na Baía Grande do Pantanal. Os cursos hídricos formados por essas nascentes fazem conexão com as águas do Pantanal em época de cheia. A população possui relação de lazer, e atualmente entendem a necessidade de conservação da Reserva do Pantanal e das regiões de nascentes de água.

Constatou-se que os assentados estão sensibilizados em relação à necessidade de conservação das áreas de preservação permanente motivados, principalmente, pelas demandas locais frente à escassez de água. Esforços, individuais e coletivos, têm sido recorrentes buscando minimizar/solucionar o problema de abastecimento deste recurso natural. Concomitantemente situações conflituosas relacionadas à falta de água e às práticas de acesso a este bem natural (retenção do direito de acesso a nascentes de água, queimadas em torno das nascentes e malha hídricas), que, provocadas por parte de alguns proprietários de lote, é vivenciada e requer atenção de todos.

De modo semelhante se dá a relação com o componente vegetal. Os moradores conservam as espécies pela sua importância e utilidade no cotidiano das atividades desenvolvidas por eles. Por isso, mesmo que não intencionalmente, esta população vem conservando efetivamente o recurso vegetal nativo e introduzido proveniente do repertório das plantas úteis conhecidas e das apresentadas no transcurso de vida durante e do processo de formação cultural e das redes sociais estabelecidas nas diferentes épocas das suas histórias.

APÊNDICES

APENDICE A. Questionário Estruturado utilizado para a coleta de dados no Assentamento Laranjeira I, Cáceres, Mato Grosso, Brasil, 2014.

I. IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA E DO NÚCLEO FAMILIAR

1.1 Nome do entrevistado:

1.2 Lote nº ou nome:

1.3 Sexo: () Masculino () Feminino

1.4 Estado civil: () Solteiro () Casado () Relação estável () Viúvo () Divorciado

1.5 Escolaridade: () Não escolarizado () Ensino fundamental incompleto () Ensino Fundamental Completo () Ensino Médio incompleto () Ensino Médio Completo () Ensino Superior Incompleto () Ensino Superior Completo

1.5 Ano de nascimento: ___/___/_____

1.6 Naturalidade:

1.7 Itinerário:

1.8. Religião:

1.9 No de pessoas que moram na propriedade:

2.0. Número de filhos: _____M_____F_____ Outros parentes?

1.10 principal responsável pelo domicílio é do sexo: () Masculino () Feminino

II. CARACTERÍSTICAS DO DOMICÍLIO E DO LOTE/QUINTAL

2.1 Qual o material de construção da casa: () Alvenaria () Madeira () Palha () Outro material

2.2 Qual o material que predomina no piso do domicílio: () Chão batido () Piso de cimento () Cerâmica () Outros

2.3 Quantos cômodos tem este domicílio:

2.4 A água utilizada deste domicílio é encanada?() Sim () Não

2.5 A água que consome é filtrada?() Sim () Não

2.6 Cozimento de alimentos?() Fogão à lenha () Fogão à gás () outros.

2.7 Neste domicílio existe banheiro ou sanitário? Dentro ou fora de casa?() Sim () Não () Dentro () Fora

2.8 De que forma é realizado o escoadouro deste banheiro ou sanitário?() Rede coletora de esgoto () Fossa séptica () Fossa rudimentar () Vala negra () Direto no quintal () Direto no rio () Na mata adjacente () Outra forma

2.9 Qual a forma de iluminação do domicílio?() Rede elétrica () Gerador () Lamparina ou vela () Lâmpião a gás () Outra forma

2.10 Este domicílio possui quantos eletrodomésticos:

2.11 O lixo deste domicílio é:() Coletado () Queimado () Enterrado na propriedade/quintal () Jogado a céu aberto no quintal () Jogado na mata adjacente () Outro destino

2.13 É realizado reflorestamento no lote?() Sim () Não

2.14 Qual é a área total do Lote: _____ hectares/alqueires;

2.15 Quais os espaços de cultivo/naturais que compõem a sua propriedade?

() Área desmatada em uso para roças: _____ hectares; () Área em pastagens? _____ hectares; () Área do quintal? _____ hectares ou m²; () Área em reserva com mata ou vegetação nativa? _____ hectares; () Área em capoeiras/descanso/recuperação? _____ hectares; () Área para a criação de animais de pequeno porte: _____ m².

2.16 Croqui (desenho) do lote indicando: o perímetro, a localização da moradia, estradas, aguadas, pastagens, quintal, horta, roças, capoeiras, reserva de matas ou vegetação nativas, relevo das partes mais elevadas e baixadas.

III. PERFIL SOCIOECONÔMICO

3.1 Quantas pessoas estudam? Indique a escolaridade.

3.2 Quantas pessoas trabalham? Na propriedade: _____ Fora da propriedade: _____

3.3 Qual é a renda total (consumo + vendas no mercado) da família? R\$ _____

3.4 Quais são as fontes de renda da família?

() Extrativismo () Agricultura () Pecuária () Venda de mão de obra dentro () Fora do assentamento () Agro industrialização () Artesanato () Comércio () Pensão () Aposentadoria () Aluguéis () Auxílios governamentais (bolsas)

3.5 Quem produz esta renda? () Homem () Mulher () Filhos () Parentes que moram junto () Empregados

3.6 O que produzem no quintal para consumo próprio?

3.7 O que vendem da sua extração, produção ou processamento?

IV. DADOS DO QUINTAL (CULTURA E MANEJO)

4.1 Quais plantas são comuns na vida desta família?

4.2 Como você tomou "gosto" por plantas? Onde aprendeu o que sabe?

4.3 Você ensina à outras pessoas da família sobre o manejo e importância (finalidade) das plantas?

4.4 Quais são as plantas presentes no espaço próximo da casa?

4.5 Como você denomina este espaço?

4.6 Onde ele está localizado (em relação à casa) ?

4.7 O que o quintal representa pra você e para sua família?

4.8 Quem cuida desse espaço? () Homem () Mulher () Filhos () Avós () Outros

4.9 Quais as atividades desenvolvidas nesse espaço?

4.10 Onde obtém o material vegetal para plantar?

() Espontânea (já existia no quintal) () Coletada/Nativa - obtida na vegetação local () Introduzida - exóticas não manejadas obtidas nas vizinhanças das residências

4.11 Você doa e/ou recebe mudas ou sementes para outras pessoas? Por quê? Para quem?

4.12 Como é feito o plantio? Com quem aprendeu a plantar?

4.13 Quais as plantas dele e de fora dele (mata adjacente) você utiliza?

4.14 Para que costuma utilizar estes recursos? () Medicinal () Venenos () Alimentação () Bebidas () Madeireira () Adubos () Misticismo () Ornamentação () Forrageira () Outros

4.15 Se tiver de uso medicinal, descreva: a parte usada; indicação terapêutica; modo de preparo; dosagem; contraindicação.

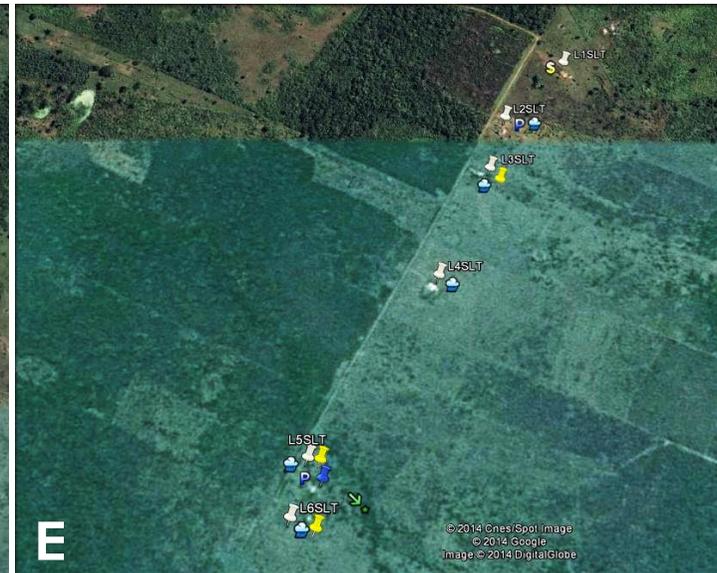
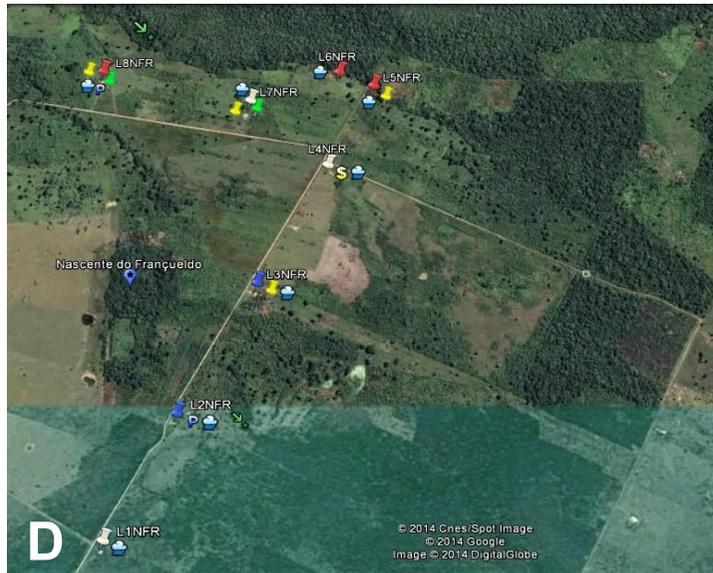
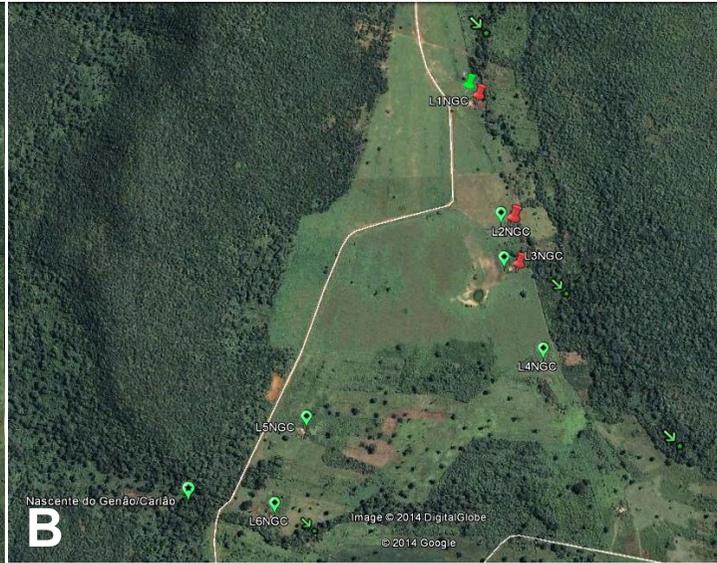
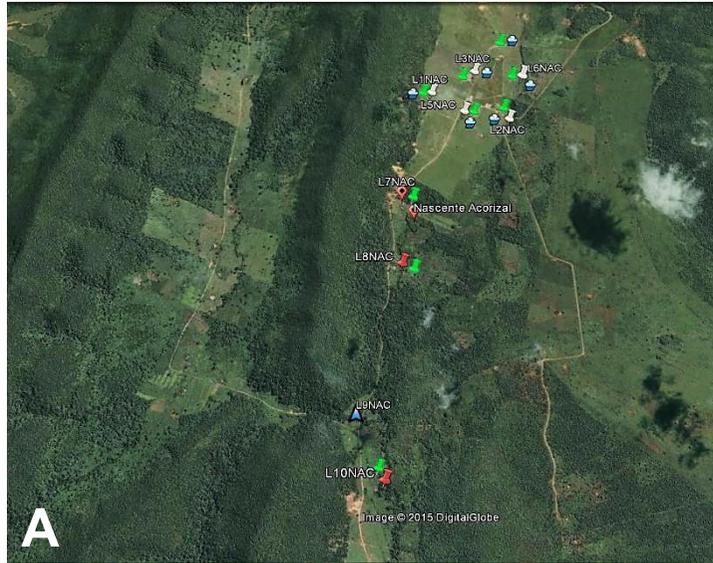
4.16 Porque utiliza estes recursos (quais os motivos)?

4.17 Quando mexe com planta tem influencia da lua?

4.18 Como poderiam ser utilizados gerando renda sem destruí-los de modo à promover sua manutenção?

4.19 Você utiliza insumos agrícolas no seu quintal ou na roça? () Sim () Não

4.20 Quais? () Venenos () Fertilizantes () Adubos () Outros



Legenda:

-  Água encanada da nascente Acorizal
-  Água encanada da nascente do Genão/Carlão
-  Água encanada da nascente Complexo Minas Serra
-  Água encanada do córrego formado pela nascente Acorizal
-  Coleta de água com vasilhames na Nascente do Genão/Carlão
-  Coleta de água com vasilhames na Nascente Complexo Minas Serra
-  Água encanada do córrego formado pela nascente do Françueldo
-  Água encanada de poço dentro da propriedade
-  Coleta de água no poço da Escola
-  Armazenamento de água da chuva
-  Compra de água mineral
-  Água encanada do córrego da Furna
-  Sinalização dos cursos de água formados pelas nascentes

APÊNDICE B. Mapeamento das formas de armazenamento e obtenção de água das propriedades pesquisadas, e a associação com as nascentes de água no Assentamento Laranjeira I, Cáceres, Mato Grosso, Brasil, 2014. A. Lotes próximos a Nascente Acorizal; B. Lotes próximos a Nascente do Genão/Carlão; C. Lotes próximos a nascente Complexo Minas Serra; D. Lotes próximos a Nascente do Françueldo; E. Lotes da região do Sete Lotes.

APENDICE C. Lista de espécies registradas nos quintais e nas áreas adjacentes (nascentes, mata de galeria, pastagem, roça) conhecidas e úteis aos moradores do Assentamento Laranjeira I, 2013-2014. Legenda: **DL:** Denominação local de plantas; **CU:** Categoria de uso; **Nº. CU/p:** Número de citações de categorias de uso por planta; **PU:** Parte usada; **HO:** Hábito; **LO:** Local; **OR:** Origem; **Nº. c./sp.:** Número de citação por espécie. **NI:** Plantas identificadas em nível de família; **Indet.:** Plantas não identificadas; **ncs:** denominação local não citada pelos sujeitos; **ncu:** Categoria de uso não citada pelos sujeitos; **npu:** Parte usada da planta não citada pelos sujeitos; **a:** alimentar humana; **b:** alimentar animal; **r:** remédio; **e:** enfeite; **p:** praga; **m:** madeireiro; **l:** lenha; **g:** uso veterinário; **s:** sombra; **v:** veneno; **f:** construções rústicas; **c:** comércio; **d:** místico; **z:** cosmético; **y:** outras utilidades; **fo:** folha; **fr:** fruto; **se:** semente; **ca:** caule; **cs:** casca; **ra:** raiz; **tu:** tubérculo; **et:** entrecasca; **hb:** herbáceo; **ab:** arbóreo; **at:** arbustivo; **sb:** subarbustivo; **pl:** palmeira; **tp:** trepadeira; **qt:** quintal; **pt:** pasto; **mt:** mata; **rç:** roça; **bc:** beira do córrego; **in:** introduzida; **na:** nativa; **nap:** não se aplica à esta planta; **iil:** identificada *in loco*; **ift:** identificada por foto; **smi:** sem material para identificação. **Coletores:** Carniello et al., 2013 e 2014.

Família	Nome científico	DL	CU	Nº. CU/p	PU	HO	LO	OR	Nº. cit./sp.	Nº. de coleta
1. Acanthaceae	<i>Barleria cristata</i> L.	Flor roxa	e	1	npu	hb	qt	in	1	5016
	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Anador	r	1	fo	hb	qt	na	3	ift
	<i>Mackaya bella</i> Harv.	Crista de galo	e	1	npu	hb	qt	in	1	4931
	<i>Thunbergia erecta</i> (Benth.) T. Anderson	ncs	e	1	npu	at	qt	in	1	4961
2. Adoxaceae	<i>Viburnum tinus</i> L.	Florzinha cheirosa	e	1	npu	at	qt	in	1	5028
	<i>Echinodorus cordifolius</i> (L.) Griseb.	Chapéu de couro	e	1	npu	hb	bc, qt, pt	na	3	4925 4959
3. Alismataceae	<i>Echinodorus glaucus</i> Rataj	Chapéu de couro	p	1	npu	hb	pt	na	1	5090 5126
	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Terramicina	p, m, g	3	fo	at	qt	in	21	4680 5085 5100 4924
4. Amaranthaceae	<i>Celosia argentea</i> L.	Veludo	e	1	npu	sb	qt	in	2	4964 4996
	<i>Cyathula prostrata</i> Blume	Carrapicho	p	1	npu	sb	pt	na	1	4923
	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Santa maria, mentruz, mastruz, erva de santa maria, menstruz	r	1	fo, ra	sb	qt	in	23	4688 4715
5. Amaryllidaceae	<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha, cheiro verde, cebola	a	1	fo	hb	qt, ht, rç	in	19	iil
	<i>Allium sativum</i> L.	Alho, alho poró, alho de folha	a	1	fo	hb	qt, ht	in	3	4746
	<i>Crinum americanum</i> L.	Folhagem	e	1	npu	hb	qt	na	1	5036

	<i>Eucharis x grandiflora</i> Planch. & Linden	Lírio branco	e	1	npu	hb	qt	in	3	ift
	<i>Hippeastrum puniceum</i> (Lam.) Kuntze	Lírio do Pantanal, frota, açúcena	e, r	2	npu	hb	qt	in	7	4769
	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajú vermelho e amarelo, pé de cajú, cajueiro	a	1	fr, se, fo	ab	qt, pt	in	30	4642 4734
	<i>Anacardium cf. humile</i> A.St.-Hil.	Cajuzinho do cerrado	r	1	cs	ab	qt	na	1	ift
	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott	Gonçaleiro	s, r, m	3	cs, fo	ab	qt, pt	na	3	MF 1
	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga, manga espada, coração de boi, borbon, rosa, coquinho, borbona, maçã, roxa, de enxerto, manga pequi, pé de manga	a, s, r	3	fr, fo	ab	qt, rç	in	36	4641
6. Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	m, r	2	cs	ab	pt, qt	na	4	iil
	<i>Spondias dulcis</i> Parkinson	Cajamanga	a	1	fr	ab	qt	in	2	iil
	<i>Spondias mombin</i> L.	Cajá, cajazeiro, cajazinho	a	1	fr	ab	qt, pt, bc	na	9	4709
	<i>Spondias purpurea</i> L.	Siriguela, pé de siriguela	a, s, y	3	fr	ab	qt	in	18	4711
	<i>Annona cacans</i> Warm.	Ariticum do paraná	a	1	fr	ab	qt	na	1	4950
	<i>Annona dioica</i> A.St.-Hil.	Atinha do campo	d, r	2	fr	at	pt	na	1	4674
	<i>Annona montana</i> Macfad.	Araxicum do mato, conde	s	1	npu	ab	qt	na	3	4939
	<i>Annona mucosa</i> Jacq.	Pé de conde	a	1	fr	ab	qt	in	2	4989
7. Annonaceae	<i>Annona muricata</i> L.	Graviola, pinha	a	1	fr	ab	qt	in	6	4722 4751 4758
	<i>Annona</i> sp.	Conde	a	1	fr	at	pt	in	2	4588
	<i>Annona squamosa</i> L.	Pinha, pé de pinha, ata, conde	a, r	2	fr, fo	ab	qt, ht, rç	in	39	4683 4714 5098
	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro, coentro chinês, coentro folha larga	a	1	fo	hb	qt, ht, rç	in	10	4691
8. Apiaceae	<i>Daucus carota</i> L.	Cenoura	a	1	npu	hb	ht	in	2	iil
	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsinha, salsa	a	1	fo	hb	ht, qt	in	3	ln

	<i>Allamanda blanchetti</i> A.DC.	Flor roxa	e	1	npu	at	qt	in	2	5013
	<i>Allamanda polyantha</i> Müll.Arg.	Flor amarela	e	1	npu	at	qt	in	6	4909 4928
	<i>Aspidosperma australe</i> Müll.Arg.	Guatambú amarelinha, guatambú, espetera	m, f	2	ca	ab	pt, rç	na	3	5094
	<i>Aspidosperma polyneuron</i> Müll.Arg.	Peroba rosa	m	1	ca	ab	pt	na	3	iil
	<i>Aspidosperma subincanum</i> Mart. ex A.DC.	Guatambú	m	1	ca	ab	pt, qt	na	2	iil
9. Apocynaceae	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don	Bom dia, cravo rosa, boa noite, moça velha, canoeiro	e, r	2	fl	hb	qt	in	21	4770
	<i>Huernia schneideriana</i> A.Berger	Cacto	e	1	npu	hb	qt	in	1	ift
	<i>Nerium oleander</i> L.	ncs	e	1	npu	at	qt	in	1	5017
	<i>Plumeria pudica</i> Jacq.	Buquê de noiva, tiborna	e	1	npu	ab	qt	in	3	4768
	<i>Plumeria rubra</i> L.	ncs	e	1	npu	ab	qt	in	1	ift
	<i>Tabernaemontana coronaria</i> (Jacq.) Willd.	Jasmim da dobrada	e	1	npu	at	qt	in	2	5014
	<i>Cascabela thevetioides</i> (Kunth) Lippold	ncs	e	1	npu	ab	qt	in	1	4980
	<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.	Sapucaia	r	1	cs	ab	qt	in	1	MF 2
	<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott	Inhame, cará branco, cará, inhame kiçara, taioba, folhagem de coração	a, r, e	3	tu, fo	hb	qt, rç	in	13	5105
	<i>Dieffenbachia amoena</i> Bull.	Comigo ninguém pode	e	1	npu	hb	qt	in	3	ift
	<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott	Ninguém pode, comigo ninguém pode	e, d	2	npu	hb	qt	in	3	ift
10. Araceae	<i>Spathiphyllum cannifolium</i> (Dryand. ex Sims) Schott	Copo de leite	e	1	npu	hb	qt	in	1	ift
	<i>Philodendron imbe</i> Schott ex Kunth.	Folhagem	e	1	npu	hb	qt	na	2	ift
	<i>Zamioculcas zamiifolia</i> (Lodd.) Engl.	ncs	e	1	npu	hb	qt	in	1	ift
	<i>Anthurium galactospadix</i> Croat	ncs	e	1	npu	hb	qt	in	1	ift
11. Araucariaceae	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze	Pinhão	a	1	fr	ab	qt	in	1	ift

12. Arecaceae	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Bocaiúva, bocaiuveira, macaúva	a, b	2	fr	pl	qt	na	4	iil
	<i>Attalea phalerata</i> Mart. ex Spreng.	Acuri, bacuri, bacurizeiro	s, e, p, r, f	5	fr, fo	pl	qt, bc, mt, pt	na	13	4927
	<i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng.	Babaçú	s, f	2	fo	pl	qt	na	3	iil
	<i>Bactris major</i> Jacq.	Tucum	p	1	npu	pl	qt, bc	na	3	iil
	<i>Cocos nucifera</i> L.	Pé de coco, coco, coco da Bahia, coqueiro	a, r	2	fr	pl	qt, pt, bc	in	30	iil
	<i>Copernicia alba</i> Morong ex Morong & Britton	Carandá	e	1	npu	pl	qt, pt	na	3	iil
	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Coco gueiroba, gueirova, gairoba, gairoba	a	1	co	pl	qt	na	5	iil
	<i>Dypsis lutescens</i> (H.Wendl.) Beentje & J.Dransf.	Coqueiro, coqueirinho	e	1	npu	pl	qt	in	4	ift
	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Açaí	a	1	fr	pl	qt	in	1	iil
13. Aristolochiaceae	<i>Aristolochia esperanzae</i> Kuntze	Jarra, jarrinha-do-campo	r, v	2	tp	hb	qt	na	1	ift
	<i>Chlorophytum comosum</i> (Thunb.) Jacques	Folhagem	e	1	npu	hb	qt	in	1	ift
	<i>Dracaena fragrans</i> (L.) Ker Gawl.	Folhagem, dama da noite	e	1	npu	at	qt	in	5	ift
14. Asparagaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Espada de São Jorge (espadinha anã), língua de sogra	e, d, r	3	tp	hb	qt	in	6	4726
	<i>Yucca gigantea</i> Lem	Vela da pureza	e	1	npu	ab	qt	in	4	ift
15. Asteraceae	<i>Acmella ciliata</i> (Kunth) Cass.	Caferana, caferana da Amazônia	r	1	fo	hb	qt	in	6	4645 4681
	<i>Acmella uliginosa</i> (Sw.) Cass.	Agrião da Índia	r	1	fo	hb	qt	in	1	5000
	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Mentrasito, mentrasti, mentrástico	r	1	fo	sb	qt	na	5	4970
	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna	r	1	fo	hb	qt	in	1	iil
	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Bassoura	y	1	npu	hb	qt	in	1	5005
	<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão preto, picão	r	1	fo	hb	qt	na	8	4911 4953
	<i>Cichorium intybus</i> L.	Almeirão	a	1	fo	hb	qt, ht	in	4	iil
	<i>Cosmos caudatus</i> Kunth	Flor rosa	e, p	2	npu	hb	qt, pt	in	1	4988

	<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass.	Arnica	ncu	0	fo	hb	qt	na	2	4693
	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Arnica do campo, arnica	r	1	fo	hb	qt	in	2	5022
	<i>Tagetes erecta</i> L.	Cravo de defunto, cravo, cravo de folha	e, r	2	fo	sb	qt	in	4	4981
	<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A.Gray	Flor da Amazônia	r	1	fo	at	qt	in	10	5023
	<i>Tithonia rotundifolia</i> (Mill.) S.F.Blake	Margarida	e	1	npu	sb	qt	in	1	4984
	<i>Vernonanthura ferruginea</i> (Less.) H.Rob.	Assa peixe, sabugueirão	g, p, r	3	fo, fl, ra	at	pt, qt	na	7	iil
	<i>Vernonanthura phosphorica</i> (Vell.) H.Rob.	Caferana	r	1	fo	at	qt	na	3	iil
	<i>Zinnia elegans</i> L.	Menina moça, jacinta, rosa, moça velha, imbigo de velho, girassol do campo	e	1	npu	sb	qt	in	8	4694 4724 4910 4932 4982
	<i>Chromolaena odorata</i> (L.) R.M.King & H.Rob.	Arnica	r	1	fo	hb	bc	na	1	MF 3
16. Balsaminaceae	<i>Impatiens balsamina</i> L.	Beijo, pé de beijo	e	1	npu	sb	qt	in	3	5012
	<i>Impatiens walleriana</i> Hook.f.	Beijo, bonitinho, pé de beijo	e	1	npu	sb	qt	in	7	4736 5009
17. Begoniaceae	<i>Begonia cucullata</i> Willd.	Azedinha, azedinha do brejo	e	1	npu	hb	qt	na	2	4991
	<i>Crescentia cujete</i> L.	Cabaça, coité	y	1	fr	ab	qt	in	5	ift
	<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos	Ipê roxo	m, s, r	3	cs, ca	ab	pt, qt, mt	na	5	5121
	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart.) ex DC. Mattos	Ipiuva	r	1	et	ab	qt	na	1	iil
18. Bignoniaceae	<i>Handroanthus vellosi</i> (Toledo) Mattos	Ipê amarelo	m	1	npu	ab	pt	na	1	ift
	<i>Handroanthus</i> sp.	Ipê amarelo	m, s	2	ca	ab	qt, pt	na	4	iil
	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	Ipê amarelo, paratodo, paratudo	m, r	2	cs	ab	qt, pt, mt	na	4	5112
	<i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart.	Jacarandá, caroba	m	1	ca	ab	mt	na	2	iil

	<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G.Lohmann	Cipó	r	1	npu	tp	qt	na	1	ift	
19. Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum, corante, colorau	a, r	2	fr, se, fo	at	qt, pt, bc	na	15	4613 4689 4900	
20. Boraginaceae	<i>Cordia glabrata</i> (Mart.) A.DC.	Louro branco, louro, ipê branco	m, s	2	npu	ab	pt, qt	na	4	iil	
	<i>Cordia sellowiana</i> Cham.	Candiúba	b, s	2	fr	ab	pt	na	2	5097	
21. Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	a	1	fo	hb	qt, ht	in	5	iil	
	<i>Eruca vesicaria</i> (L.) Cav.	Rúcula	a	1	fo	hb	ht, qt	in	5	4730	
22. Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi, abacaxi comum	a	1	fr	hb	qt, ht	in	9	iil	
23. Burseraceae	<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B.Gillet	Cerejeira, imburaninha, cereja, imburana	r, b, s, e	4	fo, fr, cs	at	qt	in	7	ift	
	<i>Nopalea cochenillifera</i> (L.) Salm-Dyck	Palma, cacto	e	1	npu	hb	qt	in	3	5030	
	<i>Pereskia sacharosa</i> Griseb.	Sinapi, arapinobi	a, r	2	fo, fr	at	qt	na	4	4901	
	<i>Epiphyllum phyllanthus</i> (L.) Haw	Orquídea	e	1	npu	hb	qt	na	2	4971 4972	
	24. Cactaceae	<i>Hylocereus</i> sp.	Cacto	e	1	npu	hb	qt	in	2	ift
		Indet.	Cacto 1	e	1	npu	hb	qt	nap	1	ift
		Indet.	Cacto 2	e	1	npu	hb	qt	nap	1	ift
Indet.		Cacto 3	e	1	npu	hb	qt	nap	1	ift	
<i>Schlumbergera truncata</i> (Haw.) Moran		Flor de maio	e	1	npu	hb	qt	in	1	ift	
25. Cannaceae	<i>Canna paniculata</i> Ruiz & Pav.	ncs	e	1	npu	hb	qt	na	1	5006	
	<i>Canna indica</i> L.	Bananeirinha, lírio	e	1	npu	hb	qt	in	2	4968	
26. Capparaceae	<i>Crateva tapia</i> L.	ncs	s	1	npu	ab	pt	na	1	4926	
27. Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão, pé de mamão, mamão macho, mamão legítimo, mamão fêma, mamão roxo, mamão papaya, mamão caiano, mamão inglês, mamão amarelo do simples	a, b, r, g	4	fr, fo, fl	ab	qt, ht, rç	in	29	4706	
28. Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	Pequi, piqui, pé de piqui	a	1	fr	ab	qt	na	9	4713	

29. Chrysobalanaceae	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch.	ncs	s	1	npu	ab	qt	na	1	ift
	<i>Combretum leprosum</i> Mart.	Pau de árvore	s	1	npu	ab	rç	na	1	4940
30. Combretaceae	<i>Terminalia argentea</i> L.	Capitão	m, f, s, r, l	5	ca	ab	pt	na	3	4672
31. Commelinaceae	<i>Callisia repens</i> (Jacq.) L.	Milionário, fortuna, dinheiro em penca	e	1	npu	hb	qt	in	3	ift
32. Convolvulaceae	<i>Ipomea carnea</i> subsp. <i>fistulosa</i> (Mart. Ex Choisy) D.F.Austin.	Algodão do Pantanal, flor do Pantanal	e, r, p	3	fo	sb	qt, pt	na	4	4912
	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Batata doce, batata roxa, batata laranja	a, r	2	tu, fo	hb	qt, ht	in	11	4759
33. Costaceae	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Caninha do brejo, cana de macaco	e, r	2	fo, ca	hb	qt, bc	na	3	4967
34. Crassulaceae	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Fortuna, folha santa, cancerina, cancerosa	r	1	fo, ex	sb	qt	in	9	5086
	<i>Cucumis anguria</i> L.	Maxixe, maxixe do mato, maxixão	a	1	fr	hb	qt	na	3	5033
	<i>Cucumis sativus</i> L.	Pepino	a, r	2	fr	hb	ht, qt	in	3	4757
	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Abóbora. Abobrinha verde, abóbora, abóbora de pescocinho	a	1	fr	hb	qt, rç	in	16	iil
35. Cucurbitaceae	<i>Lagenaria siceraria</i> (Molina) Standl.	Cabaça de pescoço, baba d'água	y	1	npu	hb	pt	in	2	4986
	<i>Luffa cylindrica</i> (L.) M.Roem.	Bucha	z, y, r	3	fr, fo	hb	qt	na	5	4952
	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão de são Caetano, lura, uri (família do pepino)	a, r, g	3	fr, fo	hb	qt, rç	na	7	4934
	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakainb	Melancia	a, c	2	fr	hb	rç, qt	in	5	4777
	<i>Cucurbita</i> sp.	Abóbora morango	a, b	2	fr	hb	ht	in	1	iil
36. Cupressaceae	<i>Cupressus</i> sp.	Pinheiro, Pinheirinho, árvore de dinheiro	e	1	npu	ab	qt	in	4	ift
37. Davalliaceae	<i>Nephrolepis exaltata</i> Schott "Bostoniensis"	Samambaia, samabaia de renda, sambaia de metro	e	1	npu	hb	qt	na	7	ift
	<i>Davallia fejeensis</i> Hook.	Samabaia portuguesa	e	1	npu	hb	qt	in	1	ift
38. Dilleniaceae	<i>Curatella americana</i> L.	Lixeira	r	1	cs, fo	ab	qt, pt	na	3	ift
39. Dioscoreaceae	<i>Dioscorea alata</i> L.	Cará roxo, cará, inhame roxo	a	1	tu	hb	qt	in	2	5115

40. Ebenaceae	<i>Diospyros hispida</i> A.DC.	Pau de árvore	s	1	npu	ab	qt	na	1	4938
41. Euphorbiaceae	<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. ex A.Juss.	Cloro, árvore de natal	e	1	npu	at	qt	in	4	4696 4697
	<i>Jatropha curcas</i> L.	Pinhão branco	r, g, v	3	fr, fo	ab	qt	in	3	4676
	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo, mamona, pinhão bravo	d, r, g	3	fo, ex	at	pt, qt	in	7	4670
	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca paraguaia; mandioca branca; mandioca amarela	a, c, b, y	4	tu, fo	at	qt, rç	na	29	4727
	<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	a, r, g, p	4	se, fo	at	qt	in	5	4692 4947
	<i>Cnidocolus urens</i> (L.) Arthur	Urtigão	r	1	fo	hb	qt	na	1	iil
42. Fabaceae	<i>Adenanthera pavonina</i> L.	Pau-brasil	s, e	2	npu	ab	qt	in	3	4708
	<i>Albizia niopoides</i> (Benth.) Burkart	Farinha seca	s, m, l	3	ca	ab	qt, pt	in	5	iil
	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Angico preto, pé de angico, angiquinho, angico, angico branco	m, l, s	3	ca	ab	pt, qt, mt	na	9	iil
	<i>Bauhinia rufa</i> (Bong.) Steud.	Pata de vaca, unha de boi, retirana,	r, p	2	cs, fo	at	qt, bc	na	5	ift
	<i>Caesalpinia pulcherrima</i> (L.) Sw.	Bredo, brinco de princesa, baginha, chaga, maravilha	e, b	2	npu	at	qt	in	13	4739
	<i>Clitoria tomentosa</i> Mart.	Clitória, cipózinho	e	1	npu	hb	qt	na	1	4969
	<i>Crotalaria incana</i> L.	Anil	r	1	npu	sb	qt	na	1	4704
	<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	Trabulhão, flamboyam, árvore de finados	e, s	2	npu	ab	qt	in	4	4741
	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	Ximbuva, orelha de macaco, tamburi	s, v	2	npu	ab	pt, qt	na	3	5102
	<i>Gliricidia</i> cf. <i>sepium</i> (Jacq.) Walp.	Imburana	e, s	2	npu	ab	qt	in	1	5125
	<i>Hymenaea</i> sp.	Jatobá do mato	y	1	npu	ab	bc	na	1	ift
	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Jatobá	m, s, r	3	cs, et	ab	pt, qt, mt	na	4	iil
	<i>Inga edulis</i> Mart.	Ingá de metro, ánga de metro, ingá	a, b, s	3	fr	ab	qt, pt, bc	na	7	4747 4929
<i>Inga</i> sp.	Angá grande	a	1	fr	ab	qt	na	1	iil	
<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Trel.) L.P. Queiroz	ncs	p	1	npu	at	pt	na	1	4974	

	<i>Machaerium brasiliense</i> Vogel	Fava	m	1	ca	ab	pt	na	1	5096
	<i>Phanera glabra</i> (Jacq.) Vaz	Tripa de galinha, escada de macaco	r, g	2	ra	tp	bc, qt, mt	na	6	iil
	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão, feijão catadô	a, c	2	fr	hb	rç, qt	in	8	4936
	<i>Phaseolus cf. lunatus</i> L.	Fava (Feijão)	a, r	2	fo	hb	rç	in	1	ift
	<i>Platymiscium pubescens</i> Micheli	ncs	s, m	2	npu	ab	qt, pt	na	3	4626 5119
	<i>Samanea tubulosa</i> (Benth.) Barneby & J.W.Grimes	Baginha	m, f, v, s	4	fo, ca	ab	pt, qt	na	5	4616 4738 5084
	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Fedegoso	r	1	fo, ra	at	pt, qt	na	5	4946
	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	r	1	cs	ab	pt	na	3	ift
	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarino, pé de tamarino	a	1	fr	ab	qt, pt	in	18	4749
	<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	Feijão de corda, feijão de vagem	a	1	fr	hb	qt, ht, rç	in	3	4776
	<i>Andira cujabensis</i> Benth.	Morcegueira	m	1	ca	ab	qt	na	1	ift
	<i>Diptychandra aurantiaca</i> Tul.	Carvão vermelho	y	1	ca	ab	pt	na	1	ift
	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Sicupira roxa	r	1	cs	ab	pt	na	1	ift
	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Feijão andú	a	1	fr	at	qt	in	8	4698 4705
	<i>Clerodendrum poggei</i> Gürke	Flor de cipó	e	1	npu	hb	qt	in	2	4773
	<i>Hyptis crenata</i> Pohl ex Benth.	Hortelãzinha do campo	r	1	fo	sb	pt	na	1	ift
	<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface americana, alface crespa, alface	a	1	fo	sb	qt, ht, rç	in	4	4765
	<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R.Br.	Cordão de são Francisco, cordão de frade	r	1	fo	hb	qt	in	2	5027
43. Lamiaceae	<i>Leonurus sibiricus</i> L.	Rubim, macaé,	r	1	fo	sb	qt	in	13	4643
	<i>Mentha piperita</i> L.	Hortelã pimenta, hortelã, hortelã gorda, hortelãzão	r	1	fo	hb	qt, ht	in	9	ift
	<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo, poejinho	r	1	fo	hb	qt	in	2	ift
	<i>Mentha</i> sp.	Hortelã, hortelãzão, menta, hortelãzinha	r	1	fo	hb	qt, ht	in	4	ift
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Alfavacão, favacão, alfavaquinha	r	1	fo, ra	sb	qt	in	3	4687

	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Alfavaca	a	1	fo	sb	qt	in	1	ift
	<i>Ocimum carnosum</i> (Spreng.) Link & Otto ex Benth.	Alfavaca, favaca, favacão, manjeriçã	a, r, y	3	fo, fl, tp	sb	qt	in	13	4908
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Boldo, boldo gordo	r	1	fo	sb	qt	in	15	4766 4977
	<i>Plectranthus verticillatus</i> (L.f.) Druce	ncs	e	1	npu	hb	qt	in	1	4995
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	r	1	fo	hb	qt	in	1	iil
	<i>Salvia involucrata</i> Cav.	Florzinha rosa nativa	e	1	npu	sb	qt	in	1	4762
	<i>Plectranthus scutellarioides</i> (L.) R.Br.	Folhagem	e	1	npu	at	qt	in	3	4983
	<i>Tectona grandis</i> L.f.	Teca	e, s, m, c	4	ca	ab	qt, rç	in	4	iil
	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Alcólico	r	1	fo	hb	qt	in	1	ift
	<i>Mentha villosa</i> Huds.	Pronto alívio	r	1	fo	hb	qt	in	1	ift
	<i>Nectandra nitidula</i> Nees	Canela	s	1	npu	ab	bc	na	1	5104
44. Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate, pé de abacate, abacateiro	a, r	2	fr, fo	ab	qt	in	15	4791
	Indet.	Canela	r	1	fo	at	qt	nap	1	ift
45. Lecythidaceae	<i>Cariniana rubra</i> Gardner ex Miers	Jequitibá	s	1	npu	ab	pt, bc	na	1	4748
	<i>Cuphea gracilis</i> Kunth	ncs	e	1	npu	hb	qt	in	1	4933
	<i>Lafoensia pacari</i> A.St.-Hil.	Mangava brava	r	1	cs	ab	pt	na	1	5113
46. Lythraceae	<i>Lagerstroemia indica</i> L.	ncs	e	1	npu	at	qt	in	1	4962
	<i>Physocalymma scaberrimum</i> Pohl	Carijó	s	1	npu	ab	pt	na	2	ift
	<i>Punica granatum</i> L.	Romã, romana	a, r	2	cs, fr	at	qt	in	6	4718
	<i>Bunchosia argentea</i> (Jacq.) DC.	Cereja	a, s	2	fr	ab	qt	in	2	4958
47. Malpighiaceae	<i>Bunchosia armeniaca</i> (Cav.) DC.	Cereja, cerejinha	a	1	fr	ab	qt	in	2	4712 4744
	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	a, r	2	fo, fr	at	qt	in	33	4702 4756
	<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	Quiabo, quiabeira	a	1	fr	at	qt, rç, ht	in	19	4904
	<i>Abutilon pauciflorum</i> A.St.-Hil	Três passagens	r	1	ca, fo	at	qt	in	1	4675

48. Malvaceae	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão, algodão preto, algodão caseiro, algodãozão, algodão crioulo, algodão de árvore, algodão comum	r, y	2	fo, se	at	qt,	in	14	4919
	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Chico magro	m, s, g, z, l	5	ca, fr, et	ab	qt, pt, mt	na	7	4792
	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Graxa de estudante, papoula, graxa, espada de São José	e	1	npu	sb	qt	in	14	4898 4930 5010 5024
	<i>Hibiscus cannabinus</i> L.	Flor roxa, flor rupiada	e	1	npu	sb	qt	in	9	4760
	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Quiabo da angola, vinagre, vinagreiro	r, e	2	fo	at	qt	in	4	4731 5093
	<i>Luehea grandiflora</i> Mart. & Zucc.	Assoita cavalo	r	1	npu	ab	mt	na	1	5031
	<i>Luehea paniculata</i> Mart. & Zucc.	Assoita cavalo	r	1	cs	ab	pt	na	1	5117
	<i>Sida rhombifolia</i> L.	Vassourinha, bassourinha, bassoura, bassourinha do campo	r, y	2	fo, tp	hb	qt	na	12	4743 4944 4957
	<i>Sida spinosa</i> L.	Marva, malva	r	1	fo	sb	qt	na	2	4728
	<i>Sterculia striata</i> A. St.-Hil. & Naudin	Amendoim de bugre, amendoim de macaco	s, m, e	3	ca, fr	ab	qt, pt	na	6	5001
	<i>Theobroma cacao</i> L.	Cacau	a	1	fr	ab	qt	in	1	ift
	<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.) K.Schum.	Copuaçú	a	1	fr	ab	qt	in	5	iil
	<i>Pseudobombax longiflorum</i> (Mart. & Zucc.) A.Robyns	Murungu	s	1	npu	ab	qt	na	1	ift
	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna	Paineira	y	1	ra	ab	pt	na	2	ift
	<i>Pseudobombax</i> Dugand sp.	Imbiruçú	r	1	cs, et	ab	mt	na	1	ift
49. Marantaceae	<i>Goeppertia loeseneri</i> (J.F.Macbr.) Borchs. & S.Suárez	ncs	e	1	npu	hb	qt	in	1	4978
50. Melastomataceae	<i>Tibouchina candolleana</i> (Mart. ex DC.) Cogn.	Folhagem	e	1	npu	hb	qt	in	1	4905
	<i>Azadirachta indica</i> A.Juss.	Nim, iuri	e, v	2	fo	ab	qt	in	2	5128
	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Pé de cedro, cedro, cedrinho	m	1	ca	ab	pt, qt, rç	na	6	5101

51. Meliaceae	<i>Melia azedarach</i> L.	Santa Bárbara	d	1	tp	ab	qt	in	2	4913
	<i>Swietenia</i> cf. <i>macrophylla</i> King.	Mogno	m	1	ca	ab	pt	na	2	iil
52. Moraceae	<i>Artocarpus integer</i> (Thunb.) Merr.	Pé de jaca, jaca,	a	1	fr	ab	qt	in	9	4990
	<i>Artocarpus</i> J.R.Forst. & G.Forst. sp.	Fruta pão	a	1	fr	ab	bc, qt	in	2	ift
	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	Mamica cadela	s	1	npu	ab	pt	na	1	iil
	<i>Ficus arpazusa</i> Casar.	Figueira	s	1	npu	ab	qt	in	2	4943 5091
	<i>Ficus pertusa</i> L.f	Figueira	s	1	npu	ab	qt	in	1	4942
	<i>Ficus</i> sp.	Figueira, figueira pica pau,	s, b, r, d	4	fr, fo, ca	ab	qt	in	7	5129
	<i>Ficus trigona</i> L.f.	Figueira	s	1	npu	ab	pt	in	1	5106
	<i>Maclura tinctoria</i> (L.) D.Don ex Steud.	Moreira	m, r	2	ca, fo, ex	ab	pt, qt, mt	na	5	5099
	<i>Morus nigra</i> L.	Amora, amoreira	a, r	2	fr, fo, ra	ab	qt, pt	in	17	iil
	<i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam.	Caiapiá	r	1	ra	hb	qt	na	1	ift
53. Muntingiaceae	<i>Muntingia calabura</i> L.	Mutamba	r	1	fr, cs	ab	qt	in	2	ift
	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Banana ourinho, banana maçã, nanica, nanicão, banana da terra, banana de fritar, três quinas, prata e roxa, Banana 5 quina, Banana 3 quinas, banana prata, banana marmelo, banana nanicona	a, c, r	3	fr, fo, cs, ex	hb	qt, rç	in	29	iil
54. Musaceae	<i>Eucalyptus grandis</i> W.Hill	Eucalipto, calipi	r, m	2	fo, ca	ab	qt	in	3	iil
	<i>Eugenia dysenterica</i> (Mart.) DC.	Cagaita	a	1	fr	ab	qt, pt	na	2	5124
	<i>Eugenia</i> sp.	Figueirinha	s	1	npu	ab	qt	na	1	4745
	<i>Eugenia stipitata</i> McVaugh	Araçá, araçá boi	a	1	fr	ab	qt	in	2	4992
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	a	1	fr	at	qt	in	3	4764
55. Myrtaceae	<i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Kausel	Jaboticaba	a	1	fr	at	qt, rç	in	11	iil
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba, goiabeira, pé de goiaba, goiaba araçá, goiaba branca, goiaba rosa	nc	0	fo, fr, cs	ab	qt	in	37	4646
	<i>Psidium guineense</i> Sw.	Aragaçzinho, goiaba, aragaça	r, a, b	3	fr	at	qt, pt	in	2	4650 4700

	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Azeitona	a	1	fr	ab	qt	in	1	iil
	<i>Syzygium jambos</i> (L.) Alston	Pêssego, jambo	a	1	fr	ab	qt	in	2	4954
56. Nyctaginaceae	<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Amarra pinto	r	1	ra	hb	qt	na	1	iil
	<i>Bougainvillea spectabilis</i> Willd.	Três marias, primavera	e	1	npu	at	qt	in	7	4685 4716 4742
	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Maravilha amarela, bonina, maravilha, bunina	e, r	2	fl, se	hb	qt, ht	in	5	4771
57. Oleaceae	<i>Jasminum sambac</i> (L.) Aiton	Bugarim, jasmim	e	1	npu	at	qt	in	5	4897
	<i>Jasminum multiflorum</i> (Burm.f.) Andrews.	Jasmim	e	1	npu	at	qt	in	1	4896
58. Onagraceae	<i>Ludwigia tomentosa</i> (Cambess.) H.Hara.	ncs	p	1	npu	at	qt, pt	na	1	4976
59. Opiliaceae	<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers ex Benth. & Hook.f.	Quina, madeira branca	m, a	2	fr	ab	mt	na	2	4673
	<i>Cattleya nobilior</i> Rchb.f.	Orquídea	e	1	npu	hb	qt	na	4	4774 5109
	<i>Epidendrum densiflorum</i> Hook.	Orquídea	e	1	npu	hb	qt	na	1	4960
60. Orchidaceae	Indet.	Orquídea 3 (flor carijó azul e amarela)	e	1	npu	hb	qt	nap	1	ift
	Indet.	Planta carnívora (orquídea)	e	1	npu	hb	qt	nap	1	ift
	<i>Cyrtopodium palmifrons</i> Rchb. F. & Warm.	Xambarí (orquídea) - flor amarela	e	1	npu	hb	qt	na	4	ift
	<i>Catasetum rooseveltianum</i> Hoehne	Orquídea	e	1	npu	hb	qt	na	2	ift
	<i>Encyclia conchaechila</i> (Barb.Rodr.) Porto & Brade	Orquídea Flor branca	e	1	npu	hb	qt	na	1	ift
61. Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	r, a	2	fr	ab	qt	in	2	iil
62. Passifloraceae	<i>Passiflora cincinnata</i> Mast.	Maracujá, maracujá do roxo	a	1	fr	tp	qt	na	2	4987
	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá roxo, maracujá comum, maracujá natural	a	1	fr	ab	qt	in	7	4755
63. Pedaliaceae	<i>Sesamum indicum</i> L.	Gergilim	a, r	2	se, fr	at	qt	in	2	5029
	<i>Phyllanthus amarus</i> Schumach. & Thonn.	Quebra pedra	r	1	ra	hb	qt	na	1	5002 5004
64. Phyllanthaceae	<i>Breynia disticha</i> J.R.Forst. & G.Forst.	Arvinha	e	1	npu	at	qt	in	2	5032
	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	r	1	ra	hb	qt	na	4	ift
	<i>Savia dictyocarpa</i> Mull.Arg.	Braúna	ncu	0	npu	ab	pt	in	1	4922

65. Phytolaccaceae	<i>Gallesia cf. integrifolia</i> (Spreng.) Harms	Pau d'álho	s	1	npu	ab	qt	in	1	4945
	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	d, r, v	3	fo, tp	hb	qt	in	3	iil
66. Piperaceae	<i>Piper tuberculatum</i> Jacq.	Jaborandi, pimenta de macaco	a, r	2	if	at	qt	na	3	4965 4975 4732
	<i>Piper cuyabanum</i> C.DC.	ncs	ncu	0	npu	at	qt	na	1	4979
	<i>Piper</i> sp.	Jaborandi	r	1	npu	at	qt	na	1	iil
67. Plantaginaceae	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassorinha doce, bassourinha	r	1	ra, fo	sb	qt	na	4	5008 5020
	<i>Cymbopogon winterianus</i> Jowitt ex Bor	Capim citronela, capim calipi, citronele	r, v, g	3	fo	hb	qt	in	4	iil
68. Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo; capim cidreira; capim de cheiro	r, a, g	3	fo	hb	qt	in	16	iil
	<i>Digitaria insularis</i> (L.) Fedde	Amargoso, capim açú, capim amargoso	r, p	2	tu, fo	hb	qt	in	3	4725
	<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn.	Pé de galinha (grama)	r	1	npu	hb	qt	in	2	iil
	<i>Panicum cf. cervicatum</i> Chase	Capim	r	1	npu	hb	qt	in	1	4914
	<i>Phyllostachys</i> Siebold & Zucc.sp.	Bambú	s, e	2	npu	at	qt	in	1	ift
	<i>Cenchrus purpureus</i> (Schumach.) Morrone	Capim napiê, napiê da roxa	g	1	npu	hb	qt	in	4	5110
	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana, cana de açúcar, cana comum, cana caiana, cana dura, cana cristalina, cana bambá, cana de ração, cana riscadinha, cana fita, cana de usina	a, b	2	co	hb	rç, qt	in	17	iil
	<i>Sorghum bicolor</i> (L.) Moench	Sorgo	b	1	tp	hb	rç	in	1	5019
	<i>Zea mays</i> L.	Milho, milho caiana	c, g, a	3	fr	hb	rç, qt, ht	in	8	iil
	<i>Zoysia japonica</i> Steud.	Grama	e, r	2	ra	hb	qt	in	1	iil
	<i>Panicum maximum</i> Jacq.	Capim mombaça	b	1	fo	hb	qt	in	1	ift
69. Polygonaceae	<i>Antigonon leptopus</i> Hook. & Arn.	Cipó rosa	e	1	npu	tp	qt	in	1	4902
70. Portulacaceae	<i>Portulaca grandiflora</i> Hook.	Onze horas, nove horas	e	1	npu	hb	qt	in	7	4915
71. Primulaceae	<i>Clavija nutans</i> (Vell.) B.Stühl	Guaraná do campo/ guaraná do pantanal	r	1	fr	at	qt	na	1	ift
72. Rhamnaceae	<i>Rhamnidium elaeocarpum</i> Reissek	Cafézinho	m, l, a	3	npu	ab	pt, qt	na	2	4671

73. Rosaceae	<i>Rosa alba</i> L.	Rosa branca, roseira branca	r, e, g	3	fl	sb	qt	in	6	4994
	<i>Rosa luciae</i> Franch. & Rocheli	Rosa menina	e	1	npu	sb	qt	in	2	4703
	<i>Rosa</i> sp.	Rosa, roseira, rosa sem espinho	e	1	npu	sb	qt	in	7	ift
74. Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i> L.	Pé de café, café, café anão	a	1	fr	at	rç, qt	in	10	4941
	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	a, s, r	3	fr, fo	ab	qt, pt	na	11	4735
	<i>Ixora coccinea</i> L.	Ixora	e	1	npu	at	qt	in	7	4729
	<i>Ixora undulata</i> Roxb.	ncs	e	1	npu	at	qt	in	1	4966
	<i>Machaonia brasiliensis</i> (Hoffmanss. ex Humb.) Cham. & Schltl.	Castelo	m	1	npu	ab	pt	na	2	4918
	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	a, r	2	fr	ab	qt, ht	in	9	iil
	<i>Randia armata</i> (Sw.) DC.	ncs	ncu	0	npu	at	mt	na	1	4788
	<i>Rhandia</i> sp.	Espinho agulha	ncu	0	npu	ab	pt	na	1	MF 4
	<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth.	Douradinha, orelha de burro	r	1	fo	ab	pt	na	1	ift
	<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A.Rich.	Marmelada	a	1	npu	ab	qt	na	1	ift
	75. Rutaceae	<i>Citrus aurantiifolia</i> (Christm.) Swingl.	Limão galego	a	1	fr, fo	ab	qt, pt	in	21
<i>Citrus x aurantium</i> L.		Laranja comum, pé de laranja, laranja de enxerto, laranja beira rio, laranjeira, laranja legítima, laranja doce, laranja da Bahia	a, r, c	3	fr, fo	ab	qt	in	27	4752
<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck		Limão, limão rosa, limão taiti	a	1	fr	ab	qt	in	20	4720
<i>Citrus reticulata</i> Blanco		Poncã, pé de poncã, mixirica, mixiriquinha, tangerina, mixiriquinha irrideira, fuxiqueira, maricota	a	1	fr	ab	qt	in	19	ift
<i>Citrus</i> sp. 1		Pé de lima, lima, limão de fazer doce	a	1	fr, fo	ab	qt	in	5	iil
<i>Citrus</i> sp. 2		Laranja cipó, laranja de rama	a	1	fr	at	qt	in	3	iil
<i>Ruta graveolens</i> L.		Arruda	r	1	fo	sb	qt	in	8	4637
<i>Zanthoxylum rigidum</i> Hum. & Bonp. Ex Willd.		Mamica de cadela, mamica de porca	s	1	npu	ab	qt, bc	na	2	5108 5107
	<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radkl.	Erva de bicho	r	1	fo	ab	qt	na	1	5111

76. Sapindaceae	<i>Magonia pubescens</i> A. St.Hil.	Timbó, tingui	v, y	2	cs, fr	ab	qt, pt, mt	na	5	4949
	<i>Sapindus saponaria</i> L.	Saboneteira	m	1	npu	ab	pt, mt, bc	na	3	5088
	<i>Talisia esculenta</i> (Cambess.) Radlk.	Pitomba, pitombeira	a, r	2	fr, cs	ab	qt, bc	na	3	ift
77. Sapotaceae	<i>Ecclinusa ramiflora</i> Mart.	ncs	s	1	npu	ab	qt	na	1	5095
78. Simaroubaceae	<i>Simarouba versicolor</i> A.St.-Hil	ncs	s	1	npu	ab	pt	na	1	5123
	<i>Capsicum annuum</i> L.	Pimenta malagueta	a	1	fr	sb	qt	in	13	4721 4937
79. Solanaceae	<i>Capsicum chinense</i> Jacq.	Pimenta bode, bodinho, pimenta doce, pimenta roxa	a, r	2	fr, fo	sb	qt	in	10	4710 4719 4737
	<i>Capsicum baccatum</i> L.	Pimenta dedo de moça	a	1	fr	sb	qt, ht	in	4	ift
	<i>Capsicum</i> sp.	Pimenta, pimentão, malaguetão, sete moi, passarinho	a	1	fr	sb	qt, ht	in	7	iil
	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Fumo	r, g, v	3	fo	hb	qt, ht	in	4	4638
	<i>Petunia axillaris</i> (Lam.) Britton et al.	Biscatinha	e	1	npu	hb	qt	in	3	5015
	<i>Solanum aethiopicum</i> L.	Jiló	a, r	2	fr	at	qt, ht	in	4	4767
	<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Tomate grande, tomatinho cereja, tomatinho, tomate da região	a	1	fr	hb	qt, ht, rç	in	12	4690 4763
	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	a, r	2	fr, fo	at	qt, bc, pt	na	6	4699 4717
	<i>Solanum viarum</i> Dunal	Jiló, juá, jiló bravo	p, r	2	fr	hb	pt, qt	in	4	4916
	<i>Solanum melongena</i> L.	Beringela	a	1	fr	at	qt, ht	in	2	iil
80. Urticaceae	<i>Solanum americanum</i> Mill.	Maria preta	r	1	fo	at	qt	na	1	ift
	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul.	Banana de macaco, embaúba,	b, r, p, f	4	fr, fo, cs	ab	qt, mt, pt, bc	na	10	iil
	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Brilhantina	e	1	npu	hb	qt	in	3	ift
81. Verbenaceae	<i>Casselia glaziovii</i> (Briq. & Moldenke) Moldenke	Mineirinha	r	1	ra	hb	qt	in	1	5026
	<i>Duranta erecta</i> L.	Pingo de ouro, arvinha	e	1	npu	at	qt	in	7	4740 4956
	<i>Glandularia tenera</i> (Spreng.) Cabrera	Colchão de noiva	e	1	npu	hb	qt	in	2	4695
	<i>Lantana camara</i> L.	Camará, sabugueira	r	1	fo	at	qt	in	1	4907

	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson	Erva cidreira, cidreira de folha	r	1	fo, ra	sb	qt	na	14	4707
	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Gervão	r	1	fo	sb	qt	na	6	ift
82. Vochysiaceae	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	Pau terra	s	1	npu	ab	pt, qt	na	3	4985
83. Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	Babosa	z, r	2	fo	hb	qt	in	16	5087
	<i>Curcuma Longa</i> L.	Açafrão	a, r	2	tu, fo	hb	qt	in	18	4701
84. Zingiberaceae	<i>Curcuma zedoaria</i> (Christm.) Roscoe	Vick, gengibre	r	1	fo, tu	hb	qt	in	8	ift
	<i>Hedychium coronarium</i> J.Koenig	Lírio branco	e	1	npu	hb	qt	in	2	5037
	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	a	1	ra	hb	qt	in	1	ift
	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L.Burt & R.M.Sm.	Araruta, Água da colônia, nó noscada	a, r	2	ra, fo, fl	hb	qt	in	3	ift
	NI	Trevo de três folhas	e	1	npu	hb	qt	nap	1	smi
Não identificadas	NI	Cruzadinha do campo	r	1	fo	hb	qt	nap	1	smi
	NI	Sem nome 1	r	1	npu	at	qt	nap	1	smi
	NI	Talo de noiva	e	1	npu	at	qt	nap	1	smi